HARLEQUIN



NORA ROBERTS

A imagem do amor

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

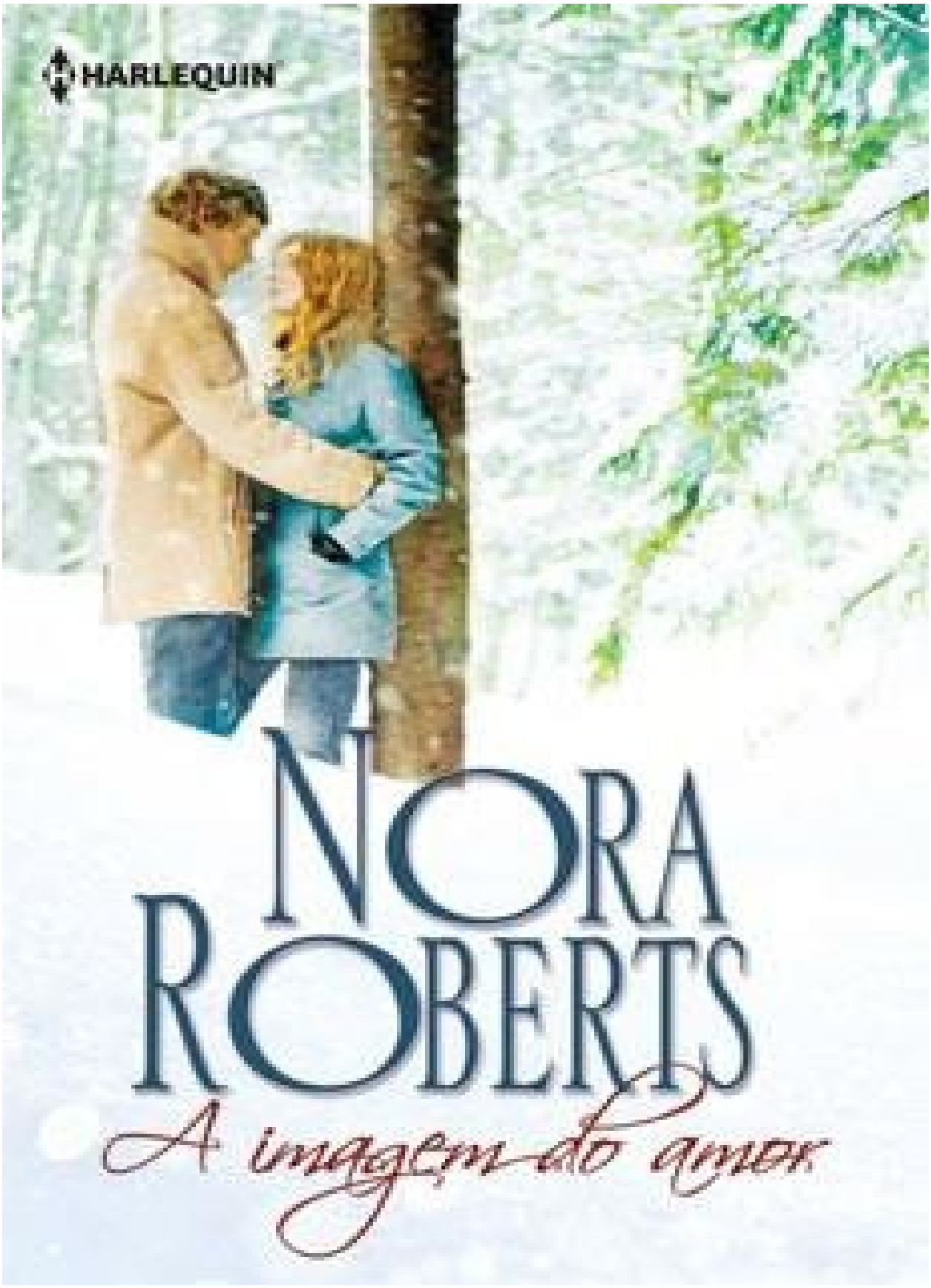
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


HARLEQUIN
NORA ROBERTS
A imagem do amor

A Imagem Do Amor

Nora Roberts

Título original: Blithe Images

Apesar de sua sofisticada beleza, o coração da modelo Hillary Baxter estava no pequeno povoado do Kansas onde nasceu. Como ia ser capaz de resistir ao enorme encanto de seu novo chefe, o fascinante magnata das revistas de moda Bret Bardoff? Bret conhecia muito bem o que devia fazer e dizer para destruir as defesas de uma mulher. Entretanto, à medida que foi descobrindo a encantadora inocência que haviapor trás do rosto mundialmente famoso de Hillary, foi Bret quem ficou sem defesas... contra os impulsos de seu próprio coração.

CAPÍTULO UM

A jovem girou sob os focos. O brilhante cabelo negro formou um redemoinho a seu redor ao mesmo tempo que uma série de expressões se refletiam em seu impressionante rosto.

— Isso, Hillary. Agora franze um pouco os lábios. São os lábios que queremos vender — disse Larry Newman, que seguia os movimentos da jovem no mesmo ritmo que abria e fechava o obturador de sua câmera. — Fantástico — exclamou levantando do chão. Já basta por hoje.

Hillary Baxter relaxou um pouco.

— Menos mal. Estava esgotada. Agora, vou para casa tomar um bom banho quente.

— Só pense nos milhões de lápis de lábios que seu rosto vai vender, céus.

Harry apagou as luzes. Sua atenção já começava a se diluir.

— Assombroso.

— Mmm. Sim é — respondeu ele, de modo ausente. — Amanhã temos a sessão de fotos para o xampu, assim assegure-se de que tenha o cabelo noperfeito estado que se encontra habitualmente. Quase me esqueci — acrescentou. Então, deu a volta para olhá-la diretamente. — Tenho uma reunião de negócios de manhã. Terei que procurar alguém para me substituir.

Hillary sorriu com afetuosa indulgência. Estava há três anos trabalhando como modelo e Larry era seu fotógrafo favorito. Trabalhavam bem juntos e, como fotógrafo, ele era excepcional. Tinha um talento natural para os ângulos,detalhes e para captar o ambiente mais adequado para uma fotografia. Entretanto, era muito desorganizado e distraído sobre tudo o que não tivesse a ver com seu adorado equipamento.

— De que reunião se trata? — perguntou Hillary com paciência, sabendo muito bem que Larry confundia assuntos mundanos como as horas e os lugares quando estes não tinham a ver diretamente com sua câmara.

— Oh, eu não lhe disse sobre a reunião? — perguntou. Hillary negou com a cabeça e esperou que ele continuasse. — Tenho que verBret Bardoff as dez em ponto.

— Bret Bardoff? — replicou Hillary, completamente atônita. — Não sabia que o dono da revista Mode se reunia com simples mortais. Acreditava que só o fazia com membros da realeza e com as deusas da moda.

— Bom, pois a este plebeu concedeu uma audiência — respondeu Larry muito secamente. — De fato, a secretária do senhor Bardoff entrou em contato comigo eorganizou tudo. Disse-me que ele quer falar sobre um projeto ou algo

assim.

— Boa sorte. Pois ouvi queBret Bardoff é um homem que não se pode ignorar. Duro como o aço e acostumado a sair-se bem em tudo.

— Não estaria onde está hoje se fosse inocente como um menino — disse Larry defendendo o ausente senhor Bardoff. — Talvez seu pai conseguisse uma fortunaao inaugurar Mode, mas Bret Bardoff aumentou a sua duas vezes ao expandir e desenvolver outras revistas. É um homem de negócios com muito êxito e um bom fotógrafo. Não se importa de sujar as mãos. — Você sente simpatia por qualquer um que saiba distinguir uma Nikon de uma Brownie — disse-lhe Hillary com um sorriso, — mas essa classe de homem não tem nenhum atrativo para mim. Estou certa que levaria um susto de morte;

— Nada lhe assusta, Hillary — afirmou Larry enquanto observava como a alta e esguia mulher recolhia suas coisas e se dirigia para a porta. — Mandarei alguém para tirar as fotografias aqui às nove e meia da amanhã.

Já fora do estúdio, Hillary tomou um táxi, depois de três anos em Nova Iorque, acostumou-se completamente a aquele gesto. Quase tinha deixado de pensar em si mesmacomo Hillary Baxter procedente de uma pequena granja de Kansas para sentir-se em casa na buliçosa cidade de Nova Iorque.

Tinha vinte e um anos quando tomou a decisão de vir paraNova Iorque para tornar-se conhecida no mundo da moda. Deixar de ser apenas uma moça da cidade pequena para se transformar em modelo na Grande Maçã tinha sido difícil e em ocasiões, aterrador, mas Hillary se negou a sentir-se aterrorizada pela dinâmica e entristecedora cidade e, com resolução, tinha percorrido todas as agências com seu book.

Durante o primeiro ano, os trabalhos tinham sido muito escassos, mas tinha agüentado. Não queria render-se para ter que retornar para casa completamente derrotada. Lentamente, foi construindo uma reputação e, pouco a pouco, a tinha requerido com mais freqüência. Quando começou a trabalhar com Larry recebeu a pancada nas costas necessário para lançar sua carreira. Na atualidade, seu rosto aparecia quase constantemente nas capas. Sua vida se desenvolvia tal e como ela tinha desejado. O fato de ser tornar uma Top model tinha propiciado a ela viver em um terceiro andar sem elevador em um cômodo apartamento perto do Central Park.

Para Hillary, ser modelo não era uma paixão e sim um trabalho. Não tinha ido paraNova Iorque em busca de um sonho de fama e glamour, e sim com a resolução de ter êxito e de ganhar a vida. O sucesso na trajetória profissional era inevitável, pois possuía graciosidade e aprumo naturais, além de um físico esplêndido. Seu cabelo negro como o azeviche e suas maçãs do rosto lhe davam um ar de exótica fragilidade. Seus olhos grandes, de longas pestanas e de uma

profunda cor azul, constituíam um atrativo contraste com sua dourado cútis. Tinha lábios grossos e bem formados, que esboçavam um belo sorriso a menor provocação. além de sua esplendorosa beleza contava com uma fotogenia inata que contribuía com seu êxito no mundo da moda. A habilidade para fotografar era algo natural nela e não lhe custava esforço algum. Depois que lhe diziam o tipo de mulher que devia refletir, Hillary se transformava nela imediatamente. Sofisticada, sensual..., o que precisassem.

Depois de entrar em seu apartamento, tirou o sapato e afundou os pés no suave carpete de cor marfim. Não tinha nenhum compromisso naquela noite, por isso estava desejando preparar um jantar rápido e passar algumas horas de quietude de seu lar.

Trinta minutos mais tarde, envolta já em uma vaporosa camisola azul, estava na cozinha preparando o festim de uma modelo: uma sopa e pãezinhos sem sal. Então, o timbre da porta interrompeu aquele jantar tão pouco digno de um gourmet.

— Olá, Lisa — disse saudando sua vizinha do outro lado do corredor com um automático sorriso. — Quer jantar comigo?

Lisa MacDonald enrugou o nariz com um gesto de desdém.

— Prefiro engordar, que morrer de fome como você.

— Se me deixo levar pela gula muito freqüentemente — afirmou Hillary enquanto golpeava o ventre liso, — teria que lhe importunar para que encontrasse um emprego nesse escritório no qual você trabalha. Ah sim, como vai o jovem e talentoso advogado?

— Mark nem sequer sabe que estou viva — queixou-se Lisa enquanto desabava sobre o sofá. Estou desesperada, Hillary. Acredito que é possível que eu perca a cabeça e que o assalte no estacionamento.

— Para isso seria necessário classe — replicou Hillary. — Por que não tenta algo menos dramático, como lhe dar uma rasteira quando passar ao lado de sua mesa?

— Pode ser que eu faça isso.

Com um sorriso, Hillary se sentou também e apoiou os pés sobre a mesinha de centro.

— Já ouviu falar de Bret Bardoff?

— E quem não ouviu? — replicou Lisa. Milionário, incrivelmente bonito, misterioso, brilhante homem de negócios e continua livre — acrescentou Lisa enquanto contava os atributos com os dedos da mão. Por quê?

— Não estou certa. Larry tem uma reunião com ele amanhã de manhã.

— Cara a cara?

— Isso. Nós já fizemos algumas fotos para suas revistas antes, mas não

imagino por que o esquivo dono do Modeiria querer ver um simples fotógrafo, embora seja o melhor de todos. No mundo da moda, fala-se dele com reverência e, se tivermos que acreditar no que diz a imprensa romântica, ele é a resposta às preces de toda mulher solteira. Pergunto-me como será de verdade... — comentou Hillary franzindo o cenho. Aquele pensamento a obcecava. — É estranho... Acredito que não conheço ninguém que tenha tratado pessoalmente com ele. Imagino ele como um fantasma gigante, tomando as decisões de um monumental conglomerado de empresas do Monte Olimpo do Mode.

— Talvez Larry possa lhe dar todos os detalhes amanhã — sugeriu Lisa. Hillary sacudiu a cabeça. O cenho franzido se converteu em um sorriso.

— Larry não se dará conta de nada a menos que o senhor Bardoff esteja em um cilindro de filme.

***

Pouco depois das nove e meia da manhã seguinte, Hillary utilizou sua chave para entrar no estúdio de Larry. Como tinha preparado o cabelo para o anúncio de xampu, este caía em suaves e espessas ondas, com muito volume e muito brilho. Na pequena penteadeira que havia na parte de trás do estúdio, aplicou a maquiagem com habilidade e às dez para as dez já estava acendendo com certa impaciência as luzes necessárias para as fotos internas. À medida queos minutos foram passando, começou a ter a incômoda suspeita de que Larry tinha se esquecido de procurar um substituto. Eram quase dez quando a porta se abriu.

— Já era hora — lhe disse, tratando de moderar sua irritação com um ligeiro sorriso. — Chegou tarde.

— Sim? — replicou o recém-chegado enfrentando a expressão de irritação de Hillary com as sobrancelhas levantadas.

Naquele instante, ela se deu conta de como era atraente aquele homem. Seu cabelo, da cor dourada, era espesso e crescia por cima da gola da camisa pólo que usava. Esta era de uma cor cinza que refletia exatamente o de seus olhos. Tinha os lábios franzidos em um ligeiro sorriso. Naquele rosto profundamente bronzeado havia algo de vagamente familiar.

— Não trabalhei com você antes, trabalhei? — perguntou Hillary. Viu-se obrigada a levantar um pouco a cabeça dado que aquele homem media mais de um metro e oitenta.

— Por que me pergunta isso? — quis saber ele. O modo como perguntou foi tão sutil que, de repente, Hillary se sentiu incômoda sob aquele penetrante olhar cinza.

— Por nada — murmurou ela. Deu à volta e sentiu o impulso de ajustar o

punho da manga.— Bom, mãos a obra. Onde está sua câmera? — acrescentou. Naquele momento, deu-se conta de que o homem não levava equipamento algum. — Acaso vai utilizar a do Larry?

— Suponho que sim — respondeu ele. Não fazia mais que olhá-la, sem realizar gesto algum que indicasse que ia começar o trabalho. Sua atitude estava começandoa se tornar irritante.

— Então, mãos à obra. Não quero passar o dia todo aqui. Já estou a meia hora preparada.

— Sinto muito.

O homem sorriu. Hillary ficou atônita ao ver a mudança que aquele simples gesto produzia em seu já atraente rosto. Foi um sorriso lento, cheia de charme, tanto queocorreua jovem modelo que poderia utilizá-lo como uma arma letal. Afastou-se um pouco dele para tentar recuperar a compostura. Tinha um trabalho que fazer.

— Para que são as fotografias? — perguntou-lhe o homem enquanto examinava as câmeras do Larry.

— Deus! Ele não disse nada? — replicou. Girou-se de novo para olhá-lo frente a frente e, pela primeira vez, dedicou-lhe um sorriso. — Larry é um magnífico fotógrafo, mas é distraído até a exasperação. Não sei nem como se lembra que tem que se levantar pelas manhãs — acrescentou. Então, tomou uma mecha de seu cabelo e deu um dramático giro com a cabeça. — Cabelo limpo, brilhante e sexy — explicou, com o tom de voz de um anúncio de televisão. — O que vamos vender hoje é xampu.

— Muito bem — respondeu ele.

Então, começou a preparar o equipamento de uma maneira tão profissional que tranqüilizou muito a Hillary. Ao menos, aquele homem conhecia seu trabalho.

— Então, onde Larry está? — quis saber o homem, de repente.

— Ele não lhe disse nada? É tão típico dele...

Hillary se colocou sob os focos e começou a dar voltas. Sacudiu a cabeça e criou uma nuvem de um belo cabelo negro para que ele pudesse disparar a câmera enquanto se agachava e se movia ao redor dela para captar sua imagem de ângulos diferentes.

— Tinha uma reunião com o Bret Bardoff — acrescentou Hillary sem deixar de sorrir. — Que Deus o ajude se esqueceu. Esse homem é capaz de comer-lhe vivo.

— Bred Bardoff faz fotografias habitualmente? — perguntou ele, por trás da câmera, com um certo tom jocoso na voz.

— Não sei — respondeu ela enquanto levantava o cabelo por cima da cabeça.

Depois de um segundo, deixou-o cair de novo sobre os ombros como uma maravilhosa capa negra. — Acredito que um homem de negócios sem piedade alguma como o senhor Bardoff terá muito pouca paciência com um fotógrafo distraído ou qualquer outra coisa que não seja perfeita.

— Conhece-o?

— Deus, não. E não acredito que o conheça — disse ela, sem ocultar sua alegria. — Está muito acima de mim. Ele foi apresentado a você?

— Não precisamente.

— Ah, mas todos trabalhamos para ele em alguma ocasião, não é certo? Pergunto-me quantas vezes terá saído meu rosto em uma de suas revistas. Certamente milhões. Entretanto, nunca conheci o imperador.

— O imperador?

— É assim que o chamamos. Além disso, ouvi dizer que, dirige suas revistas como se fosse um império.

— Parece que não gosta dele.

— Não — afirmou Hillary encolhendo os ombros. — Os imperadores me deixam nervosa. Eu sou apenas uma simples plebéia.

— Sua imagem não é nem simples nem plebéia — replicou ele. — Bom, acredito que estas fotografias deverão vender litros de xampu — acrescentou. Baixou a câmara e a olhou aos olhos diretamente. — Acredito que já o temos, Hillary.

A jovem relaxou. Então, tirou o cabelo do rosto e o olhou com curiosidade.

— Me conhece? Sinto muito, eu não posso dizer o mesmo. Trabalhamos juntos antes?

— O rosto de Hillary Baxter está por toda parte. Eu devo reconhecer os belos rostos...

— Bom, parece-me que você tem vantagem sobre mim, senhor...

— Bardoff. Bret Bardoff — respondeu ele. Então, disparou a câmara uma vez mais para capturar a expressão atônita que se refletiu no rosto de Hillary. Agora, já pode fechar a boca, Hillary. Acredito que tenho o suficiente — acrescentou, com um amplo sorriso nos lábios. Ela obedeceu imediatamente, — O gato comeu sua língua?

Naquele momento, Hillary o reconheceu pelas fotografias que tinha visto dele nos jornais e nas revistas que ele possuía. Amaldiçoou-se imediatamente pela atitude estúpida que tinha mostrado ante ele. Demorou alguns segundos para encontrar a voz.

— Deixou-me que falasse desse modo — gaguejou, com os olhos brilhantes e as bochechas ruborizadas. — Limitou-se a tirar fotografias que não tinha direito algum a fazer para deixar que eu seguisse falando como uma idiota.

— Estava simplesmente seguindo ordens — disse ele. O tom sério e a expressão sóbria de seu rosto deram a Hillary mais motivos para sentir-se envergonhada e furiosa consigo mesma.

— Bom, não tinha direito algum a obedecê-las. Deveria ter me dito antes quem era — sussurrou ela. Sua voz tremia de indignação. Por sua parte, ele se limitou a encolher os ombros esorrir.

— Não me perguntou.

Antes que ela pudesse responder, a porta do estúdio abriu de par em par. Larry entrou, com aspecto desanimado e confuso.

— Senhor Bardoff — disse enquanto se dirigia para ambos. — Sinto muito... Pensei que tinha que me reunir com você em seu escritório — acrescentou enquanto mexia no cabelo com agitação. — Quando cheguei lá, disseram-me que você iria vir aqui. Não sei como me pude confundir dessa maneira. Sinto muito que tenha ficado esperando.

— Não se preocupe — lhe assegurou Bret com um sorriso. — A última hora foi muito interessante.

— Hillary — sussurrou Larry, como sesó naquele instante desse conta da presença da jovem. Deus santo... Sabia eu que havia me esquecido de algo. Teremos que tirar essas fotografias mais tarde.

— Não há necessidade — afirmou Bret enquanto lhe entregava a câmera. — Hillary e eu já nos ocupamos delas.

— Você tirou as fotografias? — perguntou Larry, atônito.

— Hillary não viu razão alguma para desperdiçar o tempo — respondeu Bret. Então, voltou a sorrir. — Estou seguro de que as fotografias serão adequadas.

— Disso não me cabe nenhuma dúvida, senhor Bardoff — respondeu Larry, com certa reverência — Já sei o que o senhor é capaz de fazer com uma câmera.

Hillary sentia um enorme desejo de que o chão se abrisse e a tragasse. Tinha que sair dali rapidamente. Nunca na sua vida havia se sentido tão estúpida, embora reconhecesse que Bardoff tinha sido o culpado. Como tinha podido ser tão descarado a ponto de deixar que acreditasse que era um fotógrafo? Lembrou como o ordenara que começasse e as coisas que lhe havia dito. Fechou os olhos e se lamentou em silêncio. A única coisa que desejava naquele instante era desaparecer e, com um pouco de sorte, não termais que voltar a ver Bret Bardoff em toda sua vida.

Começou a recolher suas coisas com rapidez.

— Eu vou embora para que possam falar de negócios. Tenho outra sessão do outro lado da cidade — anunciou. Então, pendurou a bolsa sobre o ombro e respirou profundamente. — Adeus, Larry. Foi um prazer conhecê-lo, senhor Bardoff — acrescentou. Continuando, tratou de dirigir-se para a porta mas Bret a

agarrou pela mão e a impediu.

— Adeus, Hillary — lhe disse. Ela se viu obrigada a olhá-lo nos olhos. Ao notar a mão dele sobre a sua, sentiu que as forças a abandonavam. Foi uma manhã muito interessante. Teremos que voltar a repeti-la muito em breve.

«Quando o inferno se congelar», disse-lhe ela com o olhar, sem pronunciar palavra alguma. Então, murmurou algo incoerente e se dirigiu à porta. O som da risada de Bret Bardoff foi a última coisa que escutou antes de partir.

***

Enquanto se vestia para uma entrevista naquela noite, Hillary tentou, sem êxito, esquecer-se do ocorrido naquela manhã. Sentia-se completamente segura de que seu caminho não voltaria a cruzar nunca com o do Bret Bardoff. Depois de tudo, na realidade tinha sido um estúpido acidente que se conhecessem. Rezou para que fosse certo o velho ditado de que o raio nunca cai duas vezes no mesmo lugar, porque ela, definitivamente, havia se sentido como atravessada por um raio quando ele revelou seu nome. Ao recordar aquele momento e o modo que tinha lhe falado, a face se tingiu de uma cor muita parecida ao vestido que estava usando.

O som do telefone a tirou de seus pensamentos. Quando atendeu, descobriu que a pessoa que a chamava era Larry.

— Olá, Hillary, me alegro de encontrá-la em casa — disse. Sua excitação era quase tangível.

— Pois foi por pouco pois estava a ponto de sair. O que aconteceu?

— Agora não posso lhe dar muitos detalhes. Bret o fará amanhã pela manhã.

Hillary percebeu quepara Larry já tinha deixado de ser«senhor Bardoff».

— Do que está falando, Larry?

— Bret explicará isso amanhã — respondeu — Tem uma entrevista com ele às nove em ponto.

— O que? — perguntou ela, atônita. — Larry, do que está falando?

— É uma oportunidade tremenda para os dois, Hillary. Bret lhe contará isso tudo amanhã. Já sabe onde é seu escritório — afirmou. Todosque trabalhavam no mundinho da moda sabiam onde era o quartel general do Mode.

— Eu não quero vê-lo — replicou Hillary. Ao pensar nos olhos cinzas do Bardoff, sentiu que o pânico se apoderava dela. — Não sei o que ele contou para você, mas fiz um papel ridículo essa manhã. Pensei que ele erao fotógrafo. Na realidade — acrescentou, com renovada irritação, — você tem parte a culpa porque...

— Não se preocupe com isso agora — a interrompeu Larry. — Não importa

mais. Sólimite-se a estar lá amanhã às nove. Até logo.

— Mas Larry...

Imediatamente se interrompeu ao dar-se conta de que não havia razão alguma para prosseguir falando. Larry tinha desligado. Desesperada, pensou que aquilo era muito. Como Larry podia esperar que fosse àquela entrevista? Como podia enfrentarBret Bardoff depois do modo como tinha lhe falado? Decidiu que a humilhação era algo para o qual ela não estava preparada e deu os ombros. Certamente, Bret Bardoff só queria outra oportunidade para rir dela por sua estupidez.

Muito bem, pois não ia poder com Hillary Baxter. Com firme orgulho, disse-se que não se arredaria ante ele. Aquela plebéia enfrentaria o imperador e demonstraria que era feita da mesma matéria que ele.

Hillary se vestiu para sua entrevista daquela manhã com muito cuidado. O vestido branco de fina lã era esplendoroso por sua simplicidade e se apoiava nas formas que cobria para se tornar atraente. Prendeu o cabelo no alto da cabeça para acrescentar um ar de profissional a sua aparência. Aquela manhã, Bret Bardoff não se encontraria frente a uma mulher que gaguejava e se ruborizava com facilidade, e sim com uma fria e segura de si mesma. Colocou um delicado sapato de pele ficou satisfeita com o efeito que davam a sua imagem. Os saltos altos dos sapatos acrescentavam centímetros a sua altura, por isso não teria que levantar o olhar para ver os olhos cinzas de Bardoff, mas sim os olharia de frente.

Manteve a confiança em si mesma durante o breve trajeto de táxi e até chegar ao alto do edifício que Bret Bardoff possuía seus escritórios. Quando estava no elevador olhou para o relógio e se alegrou ao ver que ia chegar com pontualidade a sua entrevista. Depois do enorme saguão da recepção encontrouuma morena muito bonita a quem deu seu nome, depois de uma breve conversação telefônica, a mulher acompanhouHillary por um longo corredor até chegar a pesadas portas de carvalho.

Entrou em uma sala grande e bem decorada na qual foi recebida por outra mulher muito bonita que se apresentou como June Milhares, a secretária do senhor Bardoff.

— Por favor, entre, senhorita Baxter. O senhor Bardoff a está esperando — disse a Hillary com um sorriso.

Depois de atravessar uma porta, Hillary quase não teve tempo de examinar o escritório nem sua fabulosa decoração. Seu olhar se centrou imediatamente no homem que estava sentado atrás de uma enorme mesa de carvalho, com uma vista panorâmica da cidade a suas costas.

— Bom dia, Hillary — disse ele levantando-se para aproximar-se dela. — Vai

entrar ou ficar parada ai?

Hillary se empertigou e respondeu muito friamente.

— Bom dia, senhor Bardoff. É um prazer voltar a vê-lo.

— Não seja hipócrita — afirmou ele brandamente, enquanto a conduzia para um cadeira que havia perto da mesa — Você gostaria de nunca mais me ver.

Hillary não pôde encontrar réplica alguma a aquela observação tão certeira, por isso se contentou com um sorriso vago.

— Entretanto — prosseguiu ele, como se lhe tivesse dado a razão, — convém muito bem a meus propósitos que esteja hoje aqui apesar de sua relutância.

— E quais são seus propósitos, senhor Bardoff? — perguntou ela. A ira que sentia pela arrogância de Bardoff soou sobre o tom de sua voz.

Ele se acomodou em sua cadeira e olhou Hillary da cabeça aos pés. Fez de um modo lento, esperando desconcertá-la. Apesar de tudo, ela permaneceu completamente serena. Por causa de sua profissão, tinham-na estudado daquele modo antes, por isso estava decidida a não permitir que aquele homem soubesse que seu olhar estava lhe acelerando o pulso.

— Meus propósitos, Hillary — disse, olhando-a nos olhos, — são, no momento, estritamente profissionais, embora isso possa mudar a qualquer momento.

Aquela afirmação rachou em mil pedaços a fria couraça de Hillary e lhe provocou um ligeiro rubor nas bochechas. Amaldiçoou-se por isso enquanto tentava manter o olhar firme.

— Santo Deus — comentou Bardoff levantando as sobrancelhas com um certo tom jocoso. — Esta ruborizando.E eu acreditava que as mulheres já não ruborizassem — acrescentou, sorrindo mais ainda, como se gostasse do fato de que suas palavras provocassem um rubor ainda mais acentuado nas bochechas da jovem. — Provavelmente é a última de uma espécie em perigo de extinção.

— Poderíamos falar do assunto pelo qual estou aqui, senhor Bardoff? — perguntou ela. — Estou certa de que você é um homem muito ocupado e, embora não acredite, eu também tenho muitos assuntos para resolver.

— É obvio. Lembro-me perfeitamente do «mãos à obra». Tenho um novo projeto para a Mode, um projeto muito especial — disse enquanto acendia um cigarro. Imediatamente ofereceu um a Hillary, que ela recusou com um leve movimento de cabeça. — Estou pensando na idéia há bastante tempo, mas precisava de um fotógrafo adequado e de uma mulher adequada. Acredito que agora encontreiambos.

— Suponho que me dará mais detalhes, senhor Bardoff. Estou segura de que não está acostumado a entrevistar as modelos pessoalmente. Isto deve ser algo especial.

— Sim, — afirmou ele. — A idéia desta reportagem é a de uma história fotográfica sobre os diversos rostos de uma mulher — acrescentou. Então, ficou de pé e se apoiou sobre a mesa.Imediatamente, Hillary se viu afetada por sua potente masculinidade, o poder e a força que emanavam de seu esbelto corpo. — Quero retratar todas as facetas da mulher: a mulher profissional, a mãe, a atleta, a sofisticada, a inocente, a tentadora... Quer dizer, um retrato completo da Eva, a Mulher Eterna.

— Parece fascinante — admitiu Hillary. Você acha que eu poderia ser adequada para algumas das fotos?

— Sei que é adequada... para todas as fotos.

— Vai utilizar uma única modelo para todo o projeto? — perguntou ela, muito surpreendida.

— Vou utilizar você para todo o projeto.

— Seria uma idiota se não estivesse interessada em um projeto como este — disse Hillary com sinceridade, — e não acredito que o seja. Por que eu?

— Vamos, Hillary — comentou ele, com certa impaciência. Então, inclinou-se sobre ela e lhe tocou o queixo com a mão. — Tenho certeza que tem espelho e de que é inteligente o suficientemente para saber que é muito belae extremamente fotogênica.

— Há várias modelos bonitas e fotogênicos em Nova Iorque, senhor Bardoff — insistiu ela. — Você sabe disso melhor que ninguém. Eu gostaria de saber por que está me considerando para seu projeto.

— Não a estou considerando — replicou Bret. Ato contínuo, ficou de pé e meteu as mãos nos bolsos. Hillary notou que estava começando a se irritar e aquele detalhe foi bastante reconfortante para ela. — De fato, não acredito que tenha pensado em nenhuma outra pessoa. Tem uma estranha habilidade para chegar ao coração de uma fotografia e mostrar exatamente a imagem que se busca. Eu preciso devariabilidade e beleza. Preciso de honestidade em uma dúzia de imagens diferentes.

— E, em sua opinião, eu posso fazê-lo.

— Não estaria aqui se eu não estivesse seguro. Eu nunca tomo decisões precipitadas.

Hillary o olhou atentamente. De fato, estava segura de que Bret Bardoff calculava até o mínimo detalhe. Em voz alta, perguntou-lhe:

— Seria Larry o fotógrafo?

— Sim. Evidentemente, há uma grande afinidade entre os dois que se transmite para fotografias nas quais os dois trabalham. São ótimos profissionais, mas juntos poderão fazer um trabalho assombroso.

Aquele comentário fez que a jovem esboçasse um cálido sorriso.

— Não se trata de um louvor, Hillary. É tão somente um fato. Dei a Larry todos os detalhes. Os contratos estão já preparados esperando que os firme.

— Os contratos? — repetiu ela, com certa cautela.

— Claro — respondeu ele, sem dar importância alguma à dúvida que ela tinha expressado. Este projeto vai levar certo tempo. Não tenho intenção alguma de me apressar. Quero os direitos exclusivos de seu belo rosto até que o projeto termine e o resultado esteja na rua.

— Entendo — sussurrou ela. Inconscientemente, começou a morder o lábio inferior.

— Não tem que reagir como se eutivesse feito uma proposta indecente, Hillary — disse Bret, com voz seca. — Só se trata de um acordo de negócios.

— Isso entendo perfeitamente, senhor Bardoff — repôs ela em tom desafiante. — Sóque nunca assinei um contrato para um projeto a longo prazo.

— Não tenho intenção alguma de permitir que você escape. Os contratos são obrigatórios, para o Larry e para você. Durante os próximos meses, não quero que se distraiam com outros trabalhos. Economicamente, compensarei-lhes com acréscimo. Se tiverem alguma queixa nesse sentido, negociaremos. Entretanto, meus direitos para dispor de seu rosto durante os próximos seis meses serão exclusivos.

Bret ficou em silêncio enquanto observava a ampla variedade de expressões que se refletiam no rosto do Hillary. Efetivamente, a jovem se sentia muito atraída pelo projeto, embora não pelo homem que o tinha proposto. Seria um trabalho fascinante, mas lhe custaria atar-se a um único cliente durante um período de tempo tão longo. Não podia evitar pensar que assinar um contrato era como perder sua liberdade. Um contrato a longo prazo equivalia a um compromisso de longo prazo.

Finalmente, desfez-se de toda sua cautela e dedicou a Bret um dos sorrisos que tinham feito que seu rosto fosse conhecido por todos os Estados Unidos.

— Meu rosto é seu — disse.

CAPÍTULO DOIS

Bret Bardoff se moveu muito rapidamente. Em menos de duas semanas, assinaram os contratos e combinaram que as sessões fotográficas começassem no princípio de outubro. A primeira imagem que tinham que conseguir era a da inocência juvenil e a simplicidade imaculada.

Hillary se reuniu com Larry em um parque que Bret tinha selecionado. Embora a manhã fosse fresca e luminosa e o sol se filtrasse calidamente através das árvores, o parque estava deserto. Hillary não pôde evitar se perguntar se o todo poderoso senhor Bardoff seria o responsável por aquela solidão.

Uns jeans arregaçados até a metade da panturrilha e pulôver de cor vermelha era a roupa que tinha escolhido para a sessão. Hillary tinha prendido seu brilhante cabelo com duas tranças seguras por presilhas vermelhas. Aplicou-se uma leve maquiagem, apoiando-se simplesmente na beleza natural de sua pele. Era a quintessência da juventude sincera e vibrante e seus olhos azuis escuros brilhavam de antecipação.

— Perfeito — lhe disse Larry. — Jovem e inocente. Como conseguiu?

— Eu sou jovem e inocente — replicou ela enrugando o nariz.

— Muito bem. Vê isso? — perguntou-lhe Larry enquanto mostrava um parque infantil no que havia balanços, barras e um tobogã. — Vá brincar, garotinha, e deixa que este senhor tire umas fotos.

Hillary pôs-se a correr para o balanço. Ali, deu-se uma total liberdade de movimentos. Estirou-se por completo e inclinou a cabeça para o chão enquanto sorria ao brilhante céu. Continuando, subiu no tobogã e levantou os braços. Então, depois de soltar um grito de desinibida alegria, deslizou-se até o chão para acabar com o traseiro sobre a terra. Larry não deixava de tirar fotografias de vários ângulos, sempre deixando que fosse ela quem dirigisse a sessão.

— Parece que tem doze anos — disse, com uma risada depois da foto.

— Tenho doze anos — afirmou Hillary. Então, subiu às barras. — Apostoque você não pode fazer isto — acrescentou. Pendurou-se de barriga para baixo em uma das barras, de maneira que as tranças varreram o chão.

— Surpreendente...

Aquela afirmação não veio de Larry. Quando Hillary girou a cabeça, encontrou diretamente com um par de calças feitas sob medida. Ao subir um pouco mais, encontrou uma jaqueta e, um pouco mais acima, uma sorridente boca e zombadores olhos cinzas.

— Olá menina, sabe onde está sua mãe?

— O que está fazendo aqui? — replicou Hillary. De barriga para baixo se

sentia em franca desvantagem.

— Fiscalizando meu projeto. Quanto tempo vai ficar dependurada nesta barra? O sangue deve estar subindo à cabeça.

Hillary agarrou a barra com as mãos e lançou as pernas em uma cambalhota que a deixou cara a cara com Bardoff. Deu-lhe um suave golpe na cabeça, disse-lhe que era uma boa menina e se voltou a falar com o Larry.

— Como foi, Larry? Parece que conseguiu boas fotos.

Os dois homens começaram a falar dos aspectos técnicos da sessão enquanto Hillary balançava brandamente. Tinha visto Bret em várias ocasiões durante as duas últimas semanas e, cada vez, havia se sentido muito inquieta em sua presença. Era um homem vital e perturbador, com um potente poder masculino, por isso ela não estava de todo segura de querer ver-se associada a ele. Sua vida era organizada e corria pelos caminhos que ela tinha esboçado, por isso não queria complicação alguma.

Entretanto, havia algo em Bret Bardoff que sugeria complicações com letras maiúsculas.

— Muito bem — disse a voz de Bret. — Organizaremos tudo no clube a uma em ponto. Já está tudo preparado — acrescentou. Hillary levantou do balanço e se dirigiu para Larry. — Não tem que ir agora, pequena. Tem mais ou menos uma hora livre.

— Já não quero mais brincar nos balanços, papai — replicou ela muito tensa. Então, agarrou sua mochila e a pendurou no ombro. Conseguiu dar alguns de passos antes que Bret agarrasse seu braço.

— Vejo que é uma menina mimada, não é? — murmurou. — Talvez deveria lhe dar alguns tapas sobre meus joelhos.

— Isso seria maisdifícil do que acredita, senhor Bardoff — replicou ela com toda a dignidade que pôde reunir. — Tenho vinte e quatro anos, não doze, e sou bastante forte.

— Verdade? — replicou ele. Então, inspecionou o esbelto corpo de Hillary como se o duvidasse. — Suponho que é possível. Vamos tomar um café.

Soltou-lhe a mão, mas entrelaçou seus dedos com os dela. Hillary apartou a mão, surpreendida e desconcertada pela calidez encontrada

— Hillary — disse ele, com a voz marcada por uma tensa paciência. — Eu gostaria de convidá-la...para tomar um café — acrescentou. Mais que um convite, era uma ordem.

Bardoff avançou pela grama a grandes passadas, arrastando-a atrás dele. Larry observou os movimentos de ambos e, automaticamente, tirou uma fotografia. Decidiu que compunham um estilo muito interessante. Um homem alto e loiro, vestido com um traje muito caro agarrado a uma esbelta mulher-menina.

Quando ela se sentou de frente a Bret no pequeno café, tinha o rosto avermelhado de indignação e o esforço que tinha tido para manter o passo. Bret observou atentamente as rosadas bochechas e os brilhantes olhos e sorriu um pouco.

— Talvez devesse lhe comprar um sorvete para que se refresque — disse. A garçonete apareceu então, o que evitoua Hillary ter que responder. Imediatamente, Bret pediu dois cafés.

— Chá para mim — afirmou Hillary secamente. Agradava-lhe contradizer em algo.

— Como disse? — perguntou ele friamente.

— Eu disse que tomarei chá, se não se importar. Não bebo café. Deixa-me muito nervosa.

— Nesse caso, um café e um chá — informou Bret à garçonete antes que ela partisse. — Como é capaz de despertar pelas manhãs sem a inevitável xícara de café?

— Sou uma mulher de hábitos saudáveis.

— Efetivamente, neste momento parece um anúncio da vida saudável — replicou ele. Então, recostou-se em seu assento e tirou um pacote de cigarros. Depois de oferecer um a ela, que não aceitou, acendeu o seu antes de prosseguir falando. Temo que nunca aparentaria vinte e quatro anos com essas tranças. Não se vê freqüentemente um cabelo tão negro... e muito menos com olhos dessa cor... São fabulosos — acrescentou, depois de olhar um instante. — Às vezes são tão escuros que ficam quase violetas. Tão dramáticos... Além disso, sua estrutura óssea é elegante e exótica. Diga-me, onde conseguiu esse rosto tão maravilhoso?

Hillary já se acreditava imune a comentários e elogios sobre seu físico, mas, de algum jeito, as palavras de Bret a sobressaltaram. Deu graças ao ver que a garçonete se aproximava com o que tinham pedido, porque assim teve tempo de recuperar a compostura.

— Conforme dizem, sou a viva imagem de minha avó — disse, depois de tomar um gole de chá. — Era uma índia apache.

— Devia ter imaginado. As maçãs do rosto, a estrutura óssea... Sim, dá para notar as feições indígenas, mas os olhos despistam. Não herdou os olhos negros de sua avó.

— Não — respondeu ela. Custou-lhe muito se enfrentar o penetrante olhar de Bardoff com frieza.— Pertencem-me.

— A você — repetiu ele, — e, durante os próximos seis meses, a mim. Acredito que gostarei de ter a propriedade conjunta. De onde é, Hillary Baxter? Você não é de Nova Iorque.

— Dá para perceber? Pensei que já tinha adquirido toda a cobertura da Grande

Maçã — comentou. Então, encolheu os ombros e agradeceu que a intensidade do exame ao que a tinha submetido Bardoff tivesse terminado. — Sou de Kansas. Vivia em uma granja a alguns quilômetros ao norte de Abilene.

Bret inclinou a cabeça e levantou a xícara do café.

— Parece ter saído do trigo ao concreto sem dificuldade alguma. Não há cicatrizes da batalha?

— Algumas, mas já sararam. Não acredito que tenha que lhe explicar as vantagens de Nova Iorque, especialmente no mundo em que trabalho.

Bret assentiu com uma leve inclinação de cabeça.

— É muito fácil vê-la, tanto como uma garota que vive em uma granja no Kansas como uma sofisticada modelo. Tem uma notável habilidade para se adaptar ao que a rodeia.

— Isso me faz parecer como se não tivesse personalidade alguma, como se fosse... Quase invisível.

— Invisível? — repetiu Bret. Então, deu uma gargalhada que fez que várias pessoas se voltassem para olhar. — Não, não acredito que seja invisível, mas sim uma mulher muito complexa com uma notável afinidade com o mundo que a rodeia. Não acredito que seja um talento adquirido, mas sim uma habilidade nata.

Aquelas palavras agradaram a Hillary. Teve que ficar mexendo seu chá para não mostrar o quanto estava envergonhada. Por que um simples comentário era capaz de deixá-la completamente muda?

— Joga tênis?

Uma vez mais, a rápida mudança de assunto a deixou completamente confusa. Olhou-o fixamente, sem compreender, até que recordou que a sessão daquela tarde teria lugar no campo de tênis de um elegante clube de campo.

— Consigo golpear a bola para que, às vezes, passe por cima da rede — replicou ela.

— Bem. As fotografias serão melhores se for capaz de realizar corretamente os movimentos — disse. Então, olhou o relógio de ouro que levava no pulso e tirou a carteira. — Tenho algumas coisas para resolver em meu escritório.

Bret ficou de pé e a ajudou a levantar-se. Uma vez mais, deu-lhe a mão sem prestar atenção alguma aos esforços que Hillary fazia para soltar-se.

— Conseguirei um táxi. Levará algum tempo para se transformar de menina pequena em atleta. Seu traje de tênis já está no clube e suponho que tem tudo o que necessita nessa pequena mala, verdade? — disse, indicando a bolsa que Hillary tinha pendurada do ombro.

— Não há por que se preocupar, senhor Bardoff.

— Me chame Bret — repôs ele. De repente, começou a lhe acariciar

brandamente a trança esquerda. — Eu não tenho intenção alguma de deixar de lhe chamar por seu primeiro nome.

— Não há por que preocupar-se — repetiu ela, evitando fazer uso do primeiro nome tal e como lhe havia dito. — Mudar de imagem é parte de minha profissão.

— Vai ser muito interessante observá-la — murmurou ele, ainda com a trança na mão. Então, adquiriu um tom mais profissional. — A pista está reservada para a uma. Até lá.

— Você também vai? — perguntou Hillary. Não pôde evitar franzir o cenho. Incomodava-a o fato de ter que voltar a vê-lo.

— É meu projeto, lembra? — afirmou. Então, meteu-a em um táxi, sem dar-se por aludido ou sem dar-se conta do cenho franzido de Hillary. — Tenho a intenção de fiscalizá-lo muito cuidadosamente.

Enquanto o táxi se misturava com o tráfico, Hillary sentiu que seus sentimentos estavam completamente tencionados. Bret Bardoff era um homem incrivelmente atraente que poderia distraí-la muito facilmente. Além disso, havia algo nele que a turvava. A idéia de ter um contato profissional com ele a intranquilizava profundamente.

«Eu não gosto», decidiu com uma firme inclinação de cabeça. «É muito seguro de si mesmo, muito arrogante, muito...».Tratou de procurar desesperadamente uma palavra. Físico. Embora a contra gosto, admitiu que Bret Bardoff era um homem muito sensual e que esse fato a punha nervosa. Não sentia desejo algum de que ele a incomodasse. Havia algo no modo como a olhava, algo no modo como seu corpo reagia quando estava perto dele.

Encolheu os ombros e começou a olhar pela janela. Não queria pensar nele. Melhor dizendo, pensaria em Bret Bardoff só como a pessoa que a tinha contratado, não como um homem. Ainda sentia na mão o calor dele e, depois de olhar-se suspirou. Era necessário, para sua tranquilidade mental, realizar seu trabalho evitando mais contatos pessoais com ele. A relação que teria com ele seria exclusivamente profissional. Isso era, exclusivamente profissional.

A menina se transformou em uma tenista muito na moda. Um curto vestido branco de tênis acentuava as longas e esbeltas pernas e deixava descoberto os braços. Enquanto esperava na quadra de tênis, os cobriu com uma jaqueta leve, dado que aquela tarde de outubro estava agradável embora um pouco fria. Levava o cabelo preso com um lenço azul, o que deixava seu delicado pescoço completamente descoberto. Maquiou os olhos, acentuando-os com lápis de olhos negro, e os lábios, com um profundo carmim rosado. Impecáveis sapatilhas de tênis completavam seu traje, junto com a raquete leve que tinha entre as mãos. O branco imaculado do vestido contrastava muito bem com a pele dourada e o cabelo negro de Hillary e lhe dava um aspecto muito feminino e profissional ao

mesmo tempo.

Atrás da rede, começou a esquentar um pouco e a jogar bolas a um companheiro inexistente enquanto Larry se ocupava de encontrar os ângulos e as medidas corretas.

— Acredito que seria melhor que alguém lhe devolvesse a bola.

Quando Hillary se voltou, viu que Bret a estava observando com um brilho jocoso nos olhos. Ele também estava vestido de branco, com a jaqueta de seu traje de aquecimento arregaçada até os cotovelos.

Acostumada a vê-lo de terno, Hillary se surpreendeu ao ver a atlética aparência de seu corpo, esbelto, ombros largos, com braços firmes e musculosos... Naquele momento, sua masculinidade era muito dominante.

— Não estou bem? — perguntou com um sorriso. Ao escutar aquelas palavras Hillary se ruborizou ao dar-se conta de que o tinha olhado fixamente.— Surpreende-me vê-lo vestido desse modo.

— É mais adequado para o tênis, não acha?

— Acaso vamos jogar? — perguntou ela, atônita.

— Eu gosto bastante da idéia da fotografia de ação. Prometo que não serei muito duro com você. Meus golpes serão suaves e fáceis.

Hillary precisou de toda sua força de vontade para não lhe mostrar a língua. Jogava tênis frequentemente e o fazia bem. O senhor Bardoff ia ter uma boa surpresa.

— Tentarei lhe devolver a bola — prometeu, com o rosto tão ingênuo como o de uma menina, — para assim poder dar realismo às fotografias.

— Muito bem — respondeu Bret. Então, dirigiu-se ao outro lado da pista enquanto Hillary pegava uma bola. — Sabe jogar?

— Vou tentar — respondeu ela. Depois de olhar para Larry para ver se estava preparado, lançou a bola brandamente no ar. Ao ver que o rosto de Larry já estava oculto pela câmera, colocou-se ao outro lado da linha e lançou a bola uma vez mais. Daquela vez, golpeou-a com a raquete e lançou um bom serviço. Bret o devolveu com suavidade, mas ela golpeou a bola com força e a mandou à esquina oposta da pista. — Acredito que também me lembro como se ganha — acrescentou, franzindo o cenho. — Quinze a zero, senhor Bardoff.

— Bom golpe, Hillary. Joga frequentemente?

— De vez em quando — replicou ela. Preparado?

Bret assentiu. A bola viajou com rapidez de um lado ao outro do campo. Hillary se deu conta de que ele estava se contendo para que Larry tirasse as fotografias, mas ela também o estava fazendo. Golpeava a bola com rapidez e sem nenhum estilo. Permitiu alguns golpes mais antes de lançar a bola muito longe dele, quase do outro lado da pista.

— Oh — sussurrou ela. Colocou um dedo sobre os lábios, fingindo inocência. Isso é trinta a zero, verdade?

Bret entreabriu os olhos enquanto se aproximava da rede.

— Por que está me dando a sensação de que está tirando sarro de mim?

— Sarro? — repetiu ela, com os olhos muito abertos. — Sinto muito, senhor Bardoff, não pude resistir — acrescentou. Então, pôs-se a rir — Estava se comportando de um modo tão condescendente...

— Muito bem — replicou ele, também com um sorriso para alívio de Hillary. — Já não há condescendência que valha. Agora, quero sangue.

— Começaremos desde do início — disse ela enquanto retornava à linha. — Não quero que diga que eu tinha uma vantagem injusta.

Bret lhe devolveu o serviço com força. Os dois se moviam com rapidez pela pista. Batalhavam com esforço pelos pontos. Hillary se esqueceu por completo da câmera, dado que o clique da mesma ficava completamente mascarado pelos golpes das bolas e os sussurros das raquetes contra o ar.

Hillary se amaldiçoou quando não pôde devolver uma bola limpa. Rapidamente pegou outra e se preparou para jogar.

— Isso foi muito bom — disse Larry, rompendo assim a concentração da jovem — Tenho fotos fantásticas. Parece uma verdadeira profissional, Hillary. Já podemos deixar por hoje.

— Deixar? — replicou ela olhando-o com incredulidade. — Perdeu a cabeça? Estamos jogando.

Depois de olhá-lo durante uns instantes como se estivesse louco, retomou o jogo rapidamente. Durante os seguintes minutos, os dois jogaram para recuperar a vantagem até que Bret a conseguiu e lançou a última bola muito longe para que ela pudesse devolvê-la.

Hillary colocou as mãos nos quadris e respirou profundamente.

— Bom, essa é a agonia da derrota — disse com um sorriso. Então, aproximou-se da rede. — Parabéns — acrescentou enquanto estendia a mão. — Joga de um modo muito competitivo.

Bret aceitou a mão que lhe oferecia, mas, em vez de estreitar-lhe limitou-se a agarrá-la.

— Asseguro que me obrigou a ganhar, Hillary. Acredito que eu gostaria de provar sorte em dobro, mas com você a meu lado — disse. Olhou-a durante um instante antes de olhar a mão que ainda tinha cativa entre as suas. — Que mão tão pequena! — acrescentou enquanto as levantava para examiná-las cuidadosamente. Surpreende-me que possa manipular uma raquete desse modo...

Então,a girou e depois de colocar a palma para cima, a levou aos lábios. Ao sentir aquele beijo, Hillary experimentou sensações estranhas correndo pelas

costas. Olhou a mão como hipnotizada, incapaz de falar ou de retirá-la.

— Vamos — disse Bret, consciente da reação que ela tinha tido.Vamos comer algo. Você também, Larry.

— Obrigado, Bret — respondeu Larry enquanto recolhia seu equipamento, — mas quero ir para meu estúdio revelar este filme. Comerei um sanduíche.

— Bem, Hillary — murmurou Bret voltando-se para ela. — Sozinhos você e eu...

— O agradeço muito, senhor Bardoff — replicou ela. Sentia-se em pânico ante a perspectiva de almoçar com ele, — mas não é necessário que me convide para almoçar.

— Hillary, Hillary... É tão difícil você aceitar um convite ou só quando eu a convido?

— Não seja ridículo — respondeu ela. Tentou manter um tom casual, mas cada vez mais notava a calidez da mão dele sobre a sua. Olhou fixamente as mãos unidas e se sentiu completamente indefesa. — Senhor Bardoff, pode me devolver a mão, por favor?

— Bret, Hillary — lhe pediu ele, sem prestar atenção alguma à petição que lhe tinha feito. — É muito fácil. Tem somente uma sílaba. Vamos.

— Está bem — disse ela. Sabia que, quanto antes aceitasse, antes se veria livre. — Bret, poderia me devolver a mão, por favor?

— Agora sim. Superamos o primeiro obstáculo. Não foi tão difícil, verdade? — repôs ele, com um ligeiro sorriso nos lábios. Assim que a soltou, Hillary se sentiu imediatamente mais segura.

— Não muito.

— Agora, ao almoço — afirmou. Ao ver que Hillary abria a boca para protestar, levantou uma mão para impedir — Você come, não?

— Claro, mas...

— Não há Mas. Quase nunca presto atenção alguma a mas ou a porém.

Em pouco tempo, Hillary se encontrava sentada frente a Bret em uma pequena mesa do clube. As coisas não foram tal e como ela tinha planejado. Era muito difícil manter uma relação profissional e impessoal quando estava tão frequentemente em sua companhia. Era inútil negar que o achava muito interessante, que sua vitalidade a estimulava e que Bret era um homem tremendamente atraente. Entretanto, recordou-se que ele não era seu tipo. Além disso, não tinha tempo para relações sentimentais naquele momento de sua vida. Não obstante, os sinais de alerta que recebia seu cérebro lhe diziam que tomasse cuidado, que aquele homem era capaz de mudar seus cuidadosos planos.

— Alguém já lhe disse que tem uma ótima conversa?

Hillary levantou os olhos para encontrar-se com o olhar zombador de Bret.

— Sinto muito. Estava pensando em outras coisas — se desculpou. Uma vez mais, o rubor tinha lhe tingido as bochechas.

— Já me dei conta. O que vai beber?

— Chá.

— Só?

— Sim — afirmou. Então, disse-se que devia relaxar-se. — Não bebo muito. Temo-me que não me sinta muito bem. Com mais de duas taças me transformo no Mr. Hyde. Deve ser o metabolismo...

— Eu adoraria ser testemunha dessa transformação — comentou ele, depois de soltar uma gargalhada. — Teremos que combinar isso mais tarde.

Para surpresa de Hillary, o almoço foi uma experiência muito agradável, apesar de Bret reagir com certo desgosto e puro desdém masculino pelo fato de que ela escolhesse uma salada. Assegurou-lhe que era uma comida mais que adequada e fez um comentário sobre a brevidade da carreira das modelos com sobrepeso.

Quando relaxou por completo, a jovem se divertiu muito e se esqueceu de manter distância entre Bret e ela. Enquanto comiam, lhe falou dos planos que tinha para a sessão do dia seguinte. Tinha escolhido o Central Park para mais fotos externas em que se ressaltasse uma imagem atlética.

— Amanhã tenho reuniões durante todo o dia e não poderei ir supervisionar a sessão. Como pode sobreviver com isso? — perguntou-lhe mudando abruptamente de conversa. Estava indicando a salada de Hillary. — Não quer um pouco de comida de verdade? Vai sumir.

Ela negou com a cabeça e sorriu enquanto tomava um gole de chá. Bret, por sua vez, murmurou algo sobre as modelos meio mortas de fome antes de retomar o fio da conversação.

— Se tudo der certo, começaremos o próximo segmento na segunda-feira. Larry quer começar cedo amanhã.

— Como sempre — afirmou ela, com um suspiro. — Se o tempo o permitir.

— O sol vai brilhar — comentou Bret, com absoluta segurança em si mesmo. — Já me ocupei disso.

Hillary se recostou no assento e contemplou ao Bret com uma desinibida curiosidade.

— Sim — afirmou. — Acredito que poderia tê-lo feito. A chuva não se atreveria a cair.

Sorriram e, enquanto se olhavam nos olhos, Hillary experimentou uma estranha sensação correndo por suas veias, algo rápido, vital e inominável.

— Sobremesa?

— Está decidido a me fazer engordar, não é? — comentou ela, com um

sorriso. — É uma má influência para mim, mas mostrarei uma determinação de ferro.

— Bolo de queijo, bolo de maçã, mousse de chocolate? — perguntou, com um malicioso sorriso. Entretanto, ela negou com a cabeça e levantou o queixo.

— Não adianta, não me rendo.

— Tenho certeza que tem uma fraqueza. Com um pouco mais de tempo, eu a encontro.

— Bret, querido, que surpresa vê-lo aqui!

Hillary deu a volta e observou a mulher que acabava de saudar o Bret com tanto entusiasmo.

— Olá, Charlene — disse ele, referindo-se a elegante ruiva com um encantador sorriso. — Charlene Maçom, Hillary Baxter.

— Senhorita Baxter — repôs Charlene com uma inclinação de cabeça como saudação. Então, entreabriu os olhos verdes. — Nos conhecemos?

— Não acredito — respondeu Hillary.

— O rosto de Hillary aparece na capa de muitas revistas — explicou Bret. — É uma das melhores modelos de Nova Iorque.

— É obvio — comentou Charlene. Hillary observou como a mulher entreabria ainda mais os olhos, examinava-a e a catalogava como mercadoria inferior. — Bret, devia ter dito que estaria aqui hoje. Poderíamos ter passado algum tempo juntos...

— Sinto muito — respondeu ele. — De todos os modos, não vou estar aqui muito tempo. Além disso, vim por negócios.

Sem que pudesse evitar, Hillary se sentiu um pouco desiludida por aquela afirmação. Apesar de saber que era uma reação ridícula, ergueu imediatamente as costas. «Não lhe adverti isso?», disse-se. «Tem razão. Só estamos aqui por negócios». Então, recolheu suas coisas e ficou de pé.

— Por favor, senhorita Maçom, tome meu assento. Eu já estava de saída.

Voltou-se para olhar Bret e sentiu uma ligeira alegria ao ver que ele se mostrava um pouco zangado por sua apressada saída.

— Obrigado pelo almoço, senhor Bardoff — lhe disse. Ao ver que ele franzia o cenho ao escutar seu sobrenome, sorriu. — Foi um prazer conhecê-la, senhorita Maçom.

Depois de dedicar a ruiva um cortês sorriso, Hillary se dispôs a partir.

— Não sabia que convidar a suas empregadas para almoçar era algo tão corrente, Bret...

Enquanto se afastava da mesa, Hillary escutou o comentário de Charlene. Sentiu o desejo de dar a volta e lhe dizer que se ocupasse de seus assuntos, mas se controlou e partiu sem escutar a resposta de Bret.

A sessão do dia seguinte foi mais árdua. Com as brilhantes cores outonais do Central Park como fundo, as idéias que ocorreram a Larry foram variadas e cheias de energia. Tal e como Bret havia predito, o dia era luminoso e ensolarado. Folhas de tonalidades douradas e avermelhadas caíam das árvores e cobriam o chão. Com aquela variedade de tons, Hillary posou, correu, jogou discos voadores, subiu em árvores, alimentou as pombas e trocou três vezes de trajes à medida que o dia ia passando. Ao longo da sessão, surpreendeu-se várias vezes procurando Bret, embora na realidade não o esperasse. A desilusão que sentiu por sua ausência a surpreendeu e a desagradoue se recordou que a vida seria muito mais tranquila se nunca tivesse posto os olhos sobre certo homem alto e esbelto.

— Alegre-se, Hillary. Deixe de franzir o cenho — ordenou-lhe Larry, tirando-a assim de seus pensamentos. Com resolução, ela afastou Bret Bardoff de sua cabeça e se concentrou no trabalho.

Naquela noite, introduziu seu esgotado corpo na banheira e suspirou ao sentir como a água, cálida e perfumada, exercia seu efeito sobre seus doloridos músculos. «Graças a Deus que terminei até na segunda-feira», pensou.

Aquela série fotográfica era um projeto muito importante e haveria muitos dias mais como aquele. Além disso, aquele trabalho daria um grande impulso em sua carreira. Aparecer repetidamente em uma revista com a reputação e a qualidade do Mode daria a sua imagem um reconhecimento internacional. Além disso, com o apoio de Bret, teria dado um passo de gigante para converter-se em uma das melhores Top models do país.

De repente, franziu o cenho sem saber por que. «por que não me agrada essa perspectiva? Ter êxito em minha profissão é algo que eu sempre desejei...». Quando a imagem do Bret abriu passo em seus pensamentos, sacudiu a cabeça com ferocidade para fazê-la desaparecer.

— Não, você não — lhe disse em voz alta a sua imagem. — Não vou permitir que se introduza em meus pensamentos e confunda meus planos. Você é o imperador e eu sua humilde súdita. E vamos continuar assim.

***

Hillary estava sentada com o Chuck Carlyle em uma das discotecas mais populares de Nova Iorque. A música enchia todos os espaços, injetando o ambiente com seu ritmo enquanto que os efeitos de luz refletiam cores cambiantes sobre os bailarinos. Enquanto a música ia apropriando-se deles, Hillary refletiu sobre as razões que tinha para que sua relação com o Chuck continuasse sendo platônica.

Não que ela não gostasse decompanhia masculina nem que não desfrutasse com os abraços ou os beijos de um homem. Sem que pudesse evitar, um par de olhos cinzas de olhar zombador apareceu em seus pensamentos. Hillary franziu o cenho.

Se estava longe das relações mais íntimas era porque ninguém a tinha interessado o suficientemente, não tinha encontrado ninguém interessante para um relacionamento delongo ou curto prazo. Até aquele momento, o amor a tinha evitado, algo pelo qual ela se sentia muito agradecida. Com o amor vinham os compromissos, compromissos que não se encaixavam com os planos que tinha para seu futuro imediato. Não. A relação com um homem lhe daria complicações e interferiria em sua organizada vida.

— É sempre um prazer sair com você, Hillary — disse Chuck, tirando-a assim de seus pensamentos.

Hillary olhou para seu acompanhante e viu que ele sorria e que, continuando, olhava o copo que ela tinha entre as mãos desde que chegaram ao local.

— Além disso, sai-me tão barata.

Hillary sorriu também e afastou seus pensamentos.

— Por muito que procurasse por aí, asseguro-o que não encontrariaoutra mulher que se preocupasse tanto pelo bem-estar de seu bolso.

— É certo — afirmou Chuck. Então, suspirou e adotou uma atitude de grande tristeza. — Elas vêm por meu corpo ou por meu dinheiro. Você, minha doce Hillary, não vai atrás de nenhuma das duas coisas — acrescentou enquanto lhe agarrava as mãos e as cobria de beijos. — Talvez se casasse comigo, amor de minha vida, e me permitisse afastá-la de toda esta decadência. Encontraríamos uma casa de campo rodeada de vinhas, teríamos 27 filhos e sentaríamos na mesa para almoçar e jantar todos os dias.

— Sabe que, se eu dissesse “sim”, cairia morto imediatamente, não é? — comentou ela, com um sorriso.

— Quando tem razão, tem razão — rebateu Chuck. — Por isso, em vez de levá-la a uma casa de campo rodeada de vinhas,me conformarei fazendo-a à decadência.

Olhos cheios de admiração contemplaram à alta e esbelta mulher vestida com um traje tão azul quanto seus olhos. A saia de Hillary tinha uma abertura suficientemente atrevida para revelar longas e torneadas pernas enquanto girava e rebolava com seu acompanhante. Ambos possuíam uma graça natural para a dança e uma afinidade tal com a música que a presença do casal era esplendorosa sob a pista.

Terminaram a dança com um profundo e dramático movimento Chuck baixou Hillary até o chão. Quando ela voltou a ficar de pé, ria a gargalhadas pela

excitação do momento.

Saíram da pista e retornaram a sua mesa. Chuck tinha lhe rodeado os ombros com os braços. Entretanto, as risadas de Hillary emudeceram quando se encontrou de frente com olhos cinzas que a tinham perturbado poucos minutos antes.

— Olá, Hillary — disse Bret, saudando-a de forma casual. A jovem se sentiu muito agradecida pelo fato de que o sistema de luzes a ajudasse a ocultar a mudança de cor que se produziu em seu rosto.

— Olá, senhor Bardoff — respondeu ela. Perguntou-se por que tinha começado a sentir uma sensação estranha no estômago ao vê-lo.

— Acredito que já conheceCharlene.

— É obvio — afirmou ela ao perceber a presença da ruiva. — Me alegro de voltar a vê-la — acrescentou. Então, Hillary se voltou para seu acompanhante e o apresentou também. Chuck deu a mão a Bret com grande entusiasmo.

— Bret Bardoff? De verdade é você Bret Bardoff? — exclamou Chuck, cheio de admiração.

— Não conheço nenhum outro — respondeu ele, com um sorriso.

— Por favor, unam-se a nós para tomar uma taça — sugeriu Chuck enquanto indicava a mesa.

O sorriso de Bret se fez ainda mais amplo. Continuando, olhou para Hillary, que estava fazendo tudo o possível por ocultar o desconforto que sentia.

— Sim, por favor — disse ela, com escrupulosa cortesia.

Olhou-o nos olhos diretamente, decidida a ganhar a batalha com os estranhos e pouco comuns sentimentos que lhe produzia a presença de Bret. Não obstante, quando olhouseu acompanhante, o desconforto se transformou em regozijo ao observar que Charlene Maçom se alegrava tão pouco quanto ela de estar em sua companhia. Talvez a incomodava ter que compartilhar Bret com alguém, embora fosse por um breve espaço de tempo.

— Os dois fizeram uma demonstração impressionante na pista de dança — comentou Bret. — Devem dançar muito freqüentemente para fazê-lo tão bem juntos.

— Não há melhor companheira que Hillary — declarou Chuck. Então, tocou brandamente a mão da jovem com grande afeto. — Ela é capaz de dançar com qualquer um.

— De verdade? — perguntou Bret. Talvez me permita que lhe roube durante alguns momentos para comprová-lo por mim mesmo.

O pânico se apoderou de Hillary e se refletiu em seus expressivos olhos. levantou-se com um sentimento de indignação quando Bret se aproximou dela e a ajudou a ficar de pé sem esperar que ela aceitasse.

— Pare de parecer uma mártir — sussurrou ele ao seu ouvido enquanto se aproximavam da pista de dança.

— Não seja ridículo — afirmou ela com admirável dignidade. Sentia-se furiosa por ele a conhece-la tão facilmente.

A música ficou mais lenta, por isso Bret se colocou frente a frente com ela e a tomou entre seus braços. Ao sentir o contato, Hillary sentiu o imediata reflexo de separar-se dele, embora se esforçasse para que não se notasse tanta a tensão. Bret tinha o torso firme, uma masculinidade avassaladora. O braço que lhe tinha colocado ao redor de sua cintura a mantinha próxima, tanto que seus corpos pareciam fundir-se enquanto se moviam pela pista de baile. Inconscientemente, ela tinha se posto nas pontas dos pés e tinha permitido que a bochecha descansasse ao lado da dele. O aroma que emanava do corpo do Bret assaltava seus sentidos e a fazia perguntar-se se teria tomado sua bebida com muita rapidez. O coração pulsava rapidamente contra o dele, por isso teve que se esforçar para seguir os passos que ele marcava.

— Devia ter imaginado que dançava bem — murmurou Bret, contra a orelha do Hillary.

— Verdade? — replicou ela fazendo um grande esforço por manter um tom casual que não refletisse a excitação que experimentava ao notar a boca dele contra o lóbulo da orelha. — Por que?

— Pelo modo como caminha e como se move. Tem uma graça tão sensual, um ritmo tão natural...

Hillary tentou de rir ao escutar aquele comentário quando olhou nos olhos de Bret. Entretanto, encontrou-se perdida neles, incapaz de articular qualquer palavra. Os lábios de ambos estavam a um suspiro de distância...

— Sempre acrediteique os olhos cinzas eram como aço — murmurou ela, consciente de que estava pondo voz a seus pensamentos. — Os seus parecem mas com nuvens...

— Escuros e ameaçadores? — sugeriu ele sem deixar de olhá-la.

— Às vezes — sussurrou Hillary, imersa no poder que emanava de Bret. — Outras, são quentes e suaves como a bruma da manhã. Nunca sei se vou encontrar com uma tormenta ou com uma chuvarada. Nunca sei o que esperar...

— Não? — repôs enquanto lhe olhava os lábios. — Já deveria sabê-lo...

Hillary lutou contra a fraqueza que a invadiu ao sentir aquela resposta e se aferrou à sofisticação.

— Mas bom, senhor Bardoff! Está tentando me seduzir no meio de uma pista de dança?

— Alguém deve aproveitar o que está disponível. Lhe ocorre outro lugar? — replicou ele.

— Sinto-o — desculpou-se ela. Então, girou a cabeça para que seus olhares já não se cruzassem. — Os dois estão comprometidos com outras pessoas. O musica terminou — acrescentou, com a intenção de soltar-se dele.

Bret não o permitiu. Estreitou-a com mais força contra seu corpo e voltou a lhe sussurrar ao ouvido.

— Não deixarei que vá, ate que pare de usar «senhor Bardoff» e comece a usar meu primeiro nome. Eu gosto assim — acrescentou, ao ver que ela não respondia. — É uma mulher destinada a estar entre os braços de um homem. De fato, encaixa perfeitamente nos meus.

— Muito bem — afirmou Hillary, entre dentes. — Bret, seimportaria de me soltar antes de que me esprema tanto que não possa me reconhecer?

— É obvio — replicou ele. Afrouxou a pressão, mas não a soltou. — Não vai dizer que estou a machucando, vai? — comentou, com um sorriso.

— Direi isso quando tirar uma radiografia.

— Duvido que seja tão frágil como você quer sugerir com essas palavras.

Enquanto a conduzia à mesa, ainda seguia rodeando-a com o braço. Reuniram-se com seus respectivos pares e o grupo conversou durante alguns minutos. Hillary sentiu uma inconfundível hostilidade por parte da outra mulher, hostilidade a qual Bret não se deu conta ou preferiu ignorar. Não obstante, a jovem modelo se sentia muito incômoda. Sentiu um grande alívio quando o casal se levantou, depois que Bret recusou o convite de Chuck para que tomassem outra taça. Charlene mostrava um aborrecimento e não fazia nada por ocultar.

— Acho que Charlene não gosta muito de discotecas — explicou Bret enquanto rodeava com um braço os ombros da ruiva. Imediatamente, Charlene lhe dedicou um sorriso que era um convite descarado. De sua parte, Hillary sentiu uma série de emoções que se negou a identificar como ciúmes. — Esta noite só veio para me agradar. Estou pensando em utilizar uma discoteca no projeto — disse a Hillary, com um enigmático sorriso. — Acredito que foi uma sorte encontrá-la aqui esta noite, Hillary. Assim vi muito mais claramente como organizar tudo. Até a segunda-feira, Hillary — concluiu, enquanto ele e sua acompanhante se dispunham a partir.

— Até a segunda-feira? — repetiu Chuck quando ficaram sozinhos uma vez mais. — Pequena … vejo que queria guardar o senhor Bardoff exclusivamente para você.

— Isso não é verdade — espetou ela, irritada pela conclusão a que Chuck parecia ter chegado. — Nossa relação é estritamente profissional. Estou trabalhando para sua revista. Ele é meu chefe, nada mais.

— Muito bem, muito bem — disse Chuck. Seu sorriso se fez ainda mais amplo ao ver a veemência com que Hillary tinha negado tudo. — Não me corte a

cabeça. É um equívoco lógico e eu não sou o único que pensou assim.

— Do que está falando?

— Minha doce Hillary, acaso não percebeu como lhe cravavam as facas pelas costas enquanto estava dançando com seu famoso chefe? — perguntou. Ao ver que ela o olhava sem compreender, suspirou. — Sabe uma coisa? depois de estar três anos vivendo em Nova Iorque, continua sendo muito ingênua. Uma certa ruiva esteve lançando adagas com o olhar durante todo o tempo que esteve dançando. De fato, eu quase estava esperando que se desmoronasse em meio a um atoleiro de sangue a qualquer momento.

— Isso é absurdo — afirmou Hillary. — Estou certa de que a senhorita Maçom sabia muito bem que a única razão pela qual Bret estava dançando comigo foi para preparar seu maravilhoso projeto.

Chuck a observou atentamente durante um instante. Então, sacudiu a cabeça.

— Como já disse antes, Hillary, é incrivelmente ingênua.

CAPÍTULO TRÊS

A segunda-feira amanheceu fresca e cinza. Entretanto, na redação do Mode os ameaçadores céus não eram um fator a levar em conta. Hillary decidiu que, evidentemente, Bret tinha permitido que a natureza se revolucionasse um pouco quando as sessões fotográficas fossem se realizar em um estúdio.

Sob suas indicações, Hillary ficou nas mãos de uma cabeleireira que a ajudaria a transformar-se em uma elegante e competente mulher de negócios. O cabelo foi preso em um penteado com muito estilo que acentuava a estrutura óssea do rosto do Hillary. O traje cinza de três peças, apesar de sua severidade, conseguiu que a jovem, em vez de parecer masculina, resplandecesse sua inata feminilidade.

Quando ela entrou no escritório de Bret, Larry estava imerso na preparação da equipe fotográfica, das luzes e dos ângulos. Depois de examinar a sala, Hillary teve que admitir que esta era tão elegante quanto adequada para a sessão daquela manhã. Observou Larry com carinho e diversão, estava completamente alheio a sua presença, ajustava objetivos e verificava focos sem deixar de murmurar para si mesmo.

— O gênio em seu trabalho — sussurrou uma voz ao ouvido de Hillary.

Ela se voltou-se e se encontrou frente aos olhos que tinham começado a obcecá-la.

— Isso é precisamente o que é — replicou, furiosa pelo modo como seu coração pulsava ao sentir a aproximação de Bret.

— Estamos um pouco nervosos esta manhã, não? — observou ele com o cenho franzido. — Ainda está com ressaca do fim de semana?

— É obvio que não. Nunca bebo o suficiente para ter ressaca.

— Ah, sim. Me esqueço da síndrome do Mr. Hyde.

— Hillary, por fim está aqui — disse Larry, impedindo assim Hillary pudesse encontrar uma resposta adequada. — Porque demorou tanto?

— Sinto muito, Larry. A cabeleireira se entreteve o bastante.

O brilho jocoso que havia nos olhos de Bret pediu e recebeu a resposta de Hillary. Quando o olhar de ambos se cruzou por cima da cabeça de Larry com a peculiar intimidade de uma brincadeira compartilhada, uma doce debilidade se apoderou dela, como uma suave onda que varria a areia da praia. Aterrada, baixou os olhos e tratou de esquecer-se das reações que Bret provocava nela sem esforço algum.

— Assusta-se sempre tão facilmente? — perguntou ele, com voz tranqüila. Hillary o olhou com desprezo, irada com a habilidade que ele parecia ter para lhe

ler os pensamentos como se os tivesse escritos sobre sua testa

— Quando está irada. Seus olhos ficam escuros e suas bochechas vermelhas. O espírito é uma qualidade essencial para as mulheres e... para os cavalos — acrescentou, franzindo levemente a boca.

Hillary ficou atônita ao escutar a comparação. Tratou de dominar seu gênio sabia que se começasse a responder, entraria em uma batalha verbal sem fim.

— Suponho que é certo — respondeu, depois de tragar palavras que lhe tinham ido à cabeça. — Em minha opinião, os homens parecem carecer da capacidade física do cavalo e da habilidade mental das mulheres.

— Bom, esse penteado lhe dá um aspecto muito competente — comentou Larry enquanto estudava a Hillary com olhos críticos sem dar-se conta do que tinha ocorrido no escritório nos últimos segundos. Com um suspiro de derrota, Hillary olhou ao teto como pedindo ajuda.

— Sim — afirmou Bret, com rosto sério. A mulher executiva, muito competente e muito elegante.

— Enérgica, agressiva e cruel — replicou Hillary lhe dedicando um gélido olhar. — Tratarei de imita-lo, senhor Bardoff.

— Isso vai ser fascinante — disse ele. Tinha levantado ligeiramente as sobrancelhas. — Deixarei-lhes com seu trabalho enquanto eu me ocupo do meu.

Partiu do escritório e fechou a porta atrás dele. De repente, a sala pareceu maior e muito vazia. Hillary tratou de esquecer-se do ocorrido e começou a trabalhar. Faria todo o possível por erradicar os pensamentos do Bret Bardoff de sua cabeça.

Durante uma hora, Larry esteve fazendo fotografias, ajustando a luz e lhe dando indicações enquanto Hillary assumia a atitude de uma executiva.

— Tomemos um descanso — disse Larry. Então, fez um sina para que relaxasse, o que ela fez, se deixando cair sobre uma poltrona em uma postura informal e muito pouco digna.

— É um demônio! — exclamou ela, quando o fotógrafo tomou uma foto instantânea, capturando-a naquela posição tão desajeitada, com as pernas estendidas diante dela.

— Parece-me que será uma boa fotografia — afirmou Larry com um sorriso. — «Mulher muito cansada afligida por seu enorme trabalho».

— Tem um estranho senso de humor, Larry — replicou Hillary, sem mover-se. — Acredito que vem do fato de ter uma câmera grudada à sua cara o tempo todo.

— Vamos, vamos, Hillary. Não fique assim. Levante-se dessa poltrona. Agora vamos à sala de reuniões e você, meu amor, será a presidenta do conselho.

O resto da sessão daquele dia foi longo e tedioso. Como Larry não estava

muito satisfeito com a luz, passou mais de meia hora ajustando-a até que contou com sua aprovação. Depois de passar uma hora mais sob a potente luz dos focos, Hillary se sentia tão cansada que se alegrou muito quando Larry decidiu terminar a jornada de trabalho.

Enquanto saía do edifício, encontrou-se procurando Bret por toda parte e se sentiu bastante desiludida quando não o viu e furiosa consigo mesma por sua reação. Andou durante uns minutos, respirando o fresco ar de outono e decidida a esquecer as sensações que lhe produzia. Disse-se que só era uma atração física, como as que ocorrem a todo mundo constantemente. A atração física é muito freqüente e costumava passar com tanta rapidez como um vírus de vinte e quatro horas...

Decidiu que precisava fazer algo para se esquecer dele, por isso voltou a pensar no caminho que tinha esboçado para sua vida. O êxito no campo que tinha escolhido, independência, segurança... Essas eram suas prioridades. Não havia lugar para as relações românticas. Quando chegasse o momento de assentar a cabeça, certamente não o faria com um homem como Bret Bardoff, e sim com alguém de confiança, alguém que não lhe deixasse nervosa e nem a confundisse a cada passo. Além disso, recordou-se, não sem repentino abatimento, que ele não estava interessado em ter um romance com ela. Parecia preferir às ruivas bem proporcionadas.

As sessões fotográficas prosseguiram à manhã seguinte, de novo na redação do Mode. Aquela manhã, Hillary estava vestida com uma camisa azul marinho e uma saia pelo joelho de um tom mais claro. Tinha que representar o papel da mulher trabalhadora. A sessão ia ter lugar no escritório da secretária do Bret, para regozijo desta.

— Não posso lhe dizer quão emocionada estou, senhorita Baxter. Sinto-me como uma menina que vai ao circo pela primeira vez.

Hillary sorriu a jovem secretária, cujos olhos estavam iluminados pela antecipação.

— Admito que, às vezes, sinto-me como um elefante adestrado. Chame-me Hillary.

— Eu sou June. Suponho que tudo isto será uma rotina para você, mas me parece muito glamuroso e emocionante — disse. Então, olhou para o lugar em que Larry estava preparando a sessão com sua habitual dedicação. — O senhor Newman é um verdadeiro perito, verdade? Estáa um bom tempo preparando as luzes e as câmaras. É muito bonito. É casado?

Hillary se pôs a rir e olhou para Larry.

— Só com seu Nikon.

— Oh — sussurrou June. Primeiro sorriu e logo franziu o cenho. — Estão os

dois... quero dizer... estão juntos?

— Só trabalhamos juntos — respondeu Hillary. Acabava de verLarry como um homem bonito pela primeira vez em sua vida. Então, sorriu a June.

— Não conhece aquele velho ditado que diz que se conquista um homem através do estômago». Segue meu conselho. O modo de conquistar esse homem é através de suas câmeras. Pergunte-lhe sobre as fotos.

Naquele momento, Bret saiu de seu escritório. Ao ver Hillary, esboçou um suave sorriso.

— Ah! A eficaz secretária, a melhor amiga do homem.

Hillary tentou de não prestar atenção alguma a seu coração e adotou um tom ligeiro de voz.

— Hoje não penso tomar decisões de empresa. Degradaram-me.

— Bom, assim é o mundo empresarial — comentou ele. — Um dia se está no escritório dos executivos e, no seguinte, com o resto das secretárias. Isto é uma selva.

— Já está tudo preparado — anunciou Larry, do outro lado do escritório. — Onde está Hillary? — acrescentou. Rapidamente girou e viu que os três o estavam observando. Então sorriu. — Olá Bret, olá Hillary. Pronta?

— Seus desejos são ordens para mim, senhor dos trinta e cinco milímetros — brincou com Larry. Então, aproximou-se dele.

— Sabe escrever a máquina, Hillary? — perguntou Bret alegremente. — Posso lhe dar algumas cartas e assim podemos matar dois pássaros com um tiro.

— Sinto muito, senhor Bardoff — replicou ela com um sorriso. — Os computadores e eu temos um acordo a muito tempo. Eu não os esmurro e eles não me esmurram.

— Importa-se que olhe durante um momento, senhor Newman? — pediu June. — Não os incomodarei. A fotografia me fascina.

Larry assentiu de modo ausente. Depois de olhar para sua secretária completamente assombrado, Bret girou e se dispôs a voltar a entrar em seu escritório. — Necessito de você dentro de meia hora, June, para o contrato Brookline — disse.

A sessão avançou rapidamente com o Larry e Hillary progredindo com sua facilidade profissional. A modelo seguia as instruções do fotógrafo e freqüentemente antecipava suas intenções antes que ele falasse. Depois de um momento, June desapareceu através das pesadas portas que levavam ao escritório de Bret. Nem Hillary nem Larry se deram conta de sua silenciosa saída.

Algum tempo depois, Larry baixou a câmara e olhou fixamente no espaço. Hillary manteve seu silêncio, sabendo por experiência que aquilo não significava

necessariamente o fim, e sim uma pausa enquanto lhe formava uma nova idéia na cabeça.

— Quero terminar com algo aqui — murmurou, olhando através de Hillary como se ela fora intangível. De repente, o rosto lhe iluminou pela inspiração. — Já sei! Troca a fita da impressora.

— Você esta brincando...

— Não. Acredito que será uma boa fotografia. Vamos.

— Larry — protestou ela. — Não tenho nem idéia de como trocar a fita de uma impressora.

— Então, finja que o faz — sugeriu Larry.

Com um suspiro, Hillary voltou a sesentar e olhou a impressora.

— Colheu trigo alguma vez, Larry? — aventurou com a intenção de ir contra sua ordem. — É um processo fascinante.

— Hillary...

Com outro suspiro, a jovem modelo terminou por render-se ao temperamento artístico de seu fotógrafo.

— Não sei como abri-la — murmurou enquanto apertava botões ao azar.

— Deve haver um botão ou uma alavanca que abra a tampa — replicou Larry, com paciência. — Não têm impressoras no Kansas?

— Claro que sim. Meu irmão... OH! — exclamou, encantada de sua descoberta, quando conseguiu que a impressora se abrisse.

— Muito bem, Hillary — lhe ordenou Larry. — Simplesmente finja que sabe o que está fazendo.

Hillary então colocão mãos á obra e atacou o cartucho de tinta com entusiasmo. Franziu o cenho pela concentração e se esqueceu completamente do homem e de sua câmera para entregar-se ao trabalho que tinha nas mãos. Sem que pudesse evitá-lo, manchou os dedos tratando de tirar o cartucho e espalhou a tinta por toda parte. Então, com gesto ausente, roçou a face com a mão e a manchou de tinta negra. Justo naquele momento, Larry tomou sua última fotografia.

— Estupendo — disse, depois de baixar a câmera. — Um estudo clássico da inépcia.

— Obrigado, Larry, mas lhe asseguro que, se utilizar alguma destas últimas fotografias, eu te mato — brincou. Além disso, deixarei que seja você quem explique a June o que sepassou ao cartucho de sua impressora. Eu já terminei.

— É obvio.

A voz de Bret ressonou a suas costas. Hillary deu a volta e viu que tanto June como ele a estavam observando.

— Se alguma vez deixar o mundo da moda, mantenha-se afastada do trabalho

de escritório. É um desastre — comentou.

Hillary tentou sentir-se aborrecida por sua atitude, mas, ao olhar de novo o caos que tinha causado com o cartucho da impressora, pôs-se a rir.

— Bom, Larry, nos tire desta — disse a seu companheiro. Surpreenderam-nos com as mãos na massa na cena do crime.

Bret se aproximou dela e, com muito cuidado, levantou uma das mãos de Hillary.

— Eu diria com as mãos na tinta — replicou. Então, pôs-se a rir do modo que estava acostumado a fazer que o coração de Hillary realizasse uma série de cambalhotas. — E também tem provas na cara.

— Deus Santo! — exclamou ela. — Isso sai? — perguntou a June. A secretária assentiu com um sorriso. — Bom, pois então vou me lavar e deixar que você e Larry se ocuparem dos danos.

Antes de que pudesse abrir a porta para sair do escritório, Bret o fez por ela e a acompanhou durante uns poucos passos no corredor.

— Acaso está exercendo a função de Cupido com minha secretária, Hillary?

— Poderia ser. Para Larry seria muito bom ter algo mais em sua vida que câmeras e quartos escuros.

— E o que lhe viria bem à sua, Hillary? — perguntou Bret. Então, colocou-lhe uma mão sobre o braço e a obrigou a olhá-lo.

— Eu... eu tenho tudo o que preciso — gaguejou. Sob seu atento olhar, sentia-se como uma mariposa presa por um alfinete.

— Tudo? É uma pena que tenha uma reunião, porque se não poderíamos falar disto com mais detalhes — sussurrou. Então, puxou ela e deixou que seus lábios roçassem os da jovem para sorrir depois de um modo muito atraente. — Vá lavar o rosto... Parece um palhaço.

Com isso, deu a volta e deixou Hillary com uma mescla de frustração e desejo.

Como tinha a tarde livre, ela partiu às compras, uma tática destinada a lhe apaziguar os nervos tensos. Entretanto, não fazia mais que pensar no breve roçar de seus lábios, no sorriso que tinha visto nos olhos do Bret... Pareceu-lhe que sentia uma calidez nos lábios que parecia despertar seus sentidos. De repente, uma rajada de ar frio a fez voltar para a realidade. Amaldiçoou sua traiçoeira imaginação e chamou um táxi. Teria que andar depressa para chegar ao jantar que tinha com Lisa.

Entrou em seu apartamento depois das cinco. Deixou suas compras em uma cadeira do dormitório. Continuando, retirou o fecho da porta para que Lisa pudesse entrar sem problemas e se dirigiu ao quarto de banho. Ali, encheu a banheira com água quente e se deu um longo e aromático banho. Justo quando

saía da banheira e agarrava uma toalha, soou o timbre da porta.

— Entra, Lisa — gritou. — Ou chegou cedo ou eu estou atrasada.

Rapidamente, envolveu-se com a toalha e saiu do quarto de banho, deixando o rastro do aroma de morangos que levava na pele.

— Estarei pronta dentro de um minuto. Acredito que me entretive muito na banheira. Tinha os pés...

Deteve-se rapidamente. Em vez da pequena e loira Lisa, tinha diante a alta e esbelta figura de Bret Bardoff.

— De onde saiu? — perguntou-lhe Hillary, quando encontrou voz.

— Originalmente ou só agora? — replicou ele, sorrindo ante a confusão que ela expressava.

— Pensei que era Lisa.

— Já tinha percebido.

— O que está fazendo aqui?

— Vim para lhe devolver isto — respondeu ele. Então, tirou do bolso uma fina caneta de ouro. — Eu achei que era sua. Tem as iniciais H.B gravadas.

— Sim, é meu — comentou ela, meio confusa. — Acho que caiu da bolsa. Não deveria ter se incomodado. Eu poderia pegar isso amanhã.

— Pensei que talvez a estivesse procurando — observou ele. Então, olhou de cima abaixo a figura do Hillary, coberta só pela toalha de banho. deteve-se sobre as suaves pernas e, por último, descansou um instante sobre o início du busto. — Além disso, acredito que valeu a pena vir.

Hillary se olhou e, lembrou-se como estava vestida, abriu os olhos e ficou completamente envergonhada. O rubor lhe cobriu as bochechas e, imediatamente, deu a volta e saiu correndo da sala.

— Voltarei dentro de um minuto.

Com rapidez, colocou uma calça de veludo cotelê cor chocolate e um pulôver bege. penteou com rapidez o cabelo e aplicou um pouco de maquiagem. Então, respirou profundamente e retornou a sala tratando de aparentar uma calma que estava muito longe de sentir. Bret estava sentado comodamente no sofá, fumando um cigarro com o ar de alguém que se sentia como em sua casa.

— Sinto faze-lo esperar — disse ela cortesmente. — Foi muito amável de sua partevir até aqui para me devolver à caneta — acrescentou. Bret a entregou e ela o colocou em uma mesa. — Posso...? Gostaria...? Quer algo para beber? Embora talvez tenha pressa...

— Não, não tenho pressa — respondeu ele. Um uísque puro, se tiver.

— Talvez tenha, mas terei que verificar.

Hillary foi à cozinha e começou a procurar nos armários as garrafas de álcool

que raramente utilizava. Bret a tinha seguido pois, quando a jovem se voltou, sentiu que lhe acelerava o pulso ao ver como a presença dele parecia diminuir a cozinha. Retomou sua busca sem poder deixar de pensar na postura tão relaxada com que ele se apoiava contra a geladeira com as mãos nos bolsos.

— Por fim — exclamou, ao encontrar a garrafa. — Uísque.

— Isso.

— Servirei um copo. Você disse puro? Isso significa sem gelo, certo?

— Seria uma garçonete maravilhosa — comentou ele. Então, agarrou a garrafa e o copo e se serviu ele mesmo.

— Não bebo muito...

— Sim, eu sei. O limite é de duas taças. Vamos sentar? — perguntou-lhe. Então, tomou a mão de Hillary com a habitual familiaridade e a levou de novo a sala. — Tem uma casa muito bonita — acrescentou, enquanto se sentavam. — Aberta, simpática e colorida. Reflete este lar a personalidade de quem vive nele?

— Isso dizem.

— A simpatia é uma qualidade admirável, mas não deveria deixar a porta aberta. Estamos em Nova Iorque, não em uma granja do Kansas.

— Estava esperando a alguém.

— Mas recebeu a visita de quem não esperava. O que acha que teria ocorrido se outra pessoa se encontra com esse belo corpo que tem envolto somente em uma toalha? — perguntou-lhe enquanto a olhava de cima abaixo. Sem poder evitar, Hillary se ruborizou e baixou os olhos. — Deveria ter a porta fechada com chave, Hillary. Nem todos os homens lhe deixariam escapar como eu fiz.

Antes que Hillary pudesse encontrar o modo de responder, viu-se interrompida pelo som do telefone. Aliviada, levantou-se e foi responder.

— Lisa, olá. Onde está?

— Sinto muito, Hillary — respondeu seu amiga. Ocorreu algo maravilhoso, você não vai acreditar. Espero que não se importe, mas tenho que cancelar o nosso encontro esta noite.

— Claro que não. O que ocorreu?

— Mark me pediu que vá jantar com ele.

— Isso significa que seguiu meu conselho, deu uma rasteira nele?

— Mais ou menos.

— Oh, Lisa... De verdade o fez? — perguntou Hillary, encantada.

— Bom, não — admitiu sua amiga. — Estavámoslevando pesados livros de Direito e nos chocamos um contra o outro. Bendito golpe!

— Imagino — comentou Hillary, entre risadas. — Foi melhor assim.

— Não ficará chateada por esta noite?

— Acredita que seria capaz de permitir que uma pizza destrua um encontro de amor verdadeiro? Vai e se divirta. Depois me conte.

Quando desligou o telefone, viu que Bret a estava olhando com aberta curiosidade.

— Tenho que admitir que foi o lado mais fascinante de uma conversa telefônica que escutei.

Hillary lhe dedicou um sorriso e, em breves palavras, explicou-lhe a história de amor de Lisa.

— Então, a solução que deu a sua amiga foi que o pobre homem acabasse caindo ao chão — concluiu ele.

— Chamou-lhe a atenção.

— Então, essa chamada significa que lhe deixaram plantada. Iam jantar pizza, não é?

— Meu segredo foi revelado — confessou ela enquanto se sentava em uma cadeira de frente a ele. — Espero que possa confiar em você, pois sou viciada em pizza. Se não comer uma a intervalos regulares, tenho um ataque de ansiedade. Não é algo bonito de ver.

— Nesse caso, não podemos permitir que comece a soltar espuma pela boca, não é? — afirmou. Deixou o copo vazio sobre a mesa e ficou de pé. — Pegue um casaco. Levo você para comer uma pizza.

— Oh... Na realidade não há necessidade alguma... — sussurrou ela com uma boa dose de pânico.

— Pelo amor de Deus, não comecemos com isto outra vez. Pegue um casaco e vamos — lhe ordenou. — Também estou com fome.

Sem poder evitá-lo, Hillary se dispôs a obedecer. Colocou uma jaqueta enquanto ele colocava a de couro marrom que tinha deixado sobre uma cadeira. Muito em breve, estavam no pequeno restaurante italiano que Hillary lhe indicou. A mesa estava coberta com a inevitável toalha xadrez vermelho e branco e havia uma vela no castiçal e uma garrafa.

— Bem, Hillary. O que vai tomar?

— Pizza.

— Isso já sei. Com o que?

— Com extra de colesterol.

— Isso é tudo? — perguntou ele, com um sorriso.

— Não quero me exceder — brincou ela. — Estas coisas se podem sair facilmente do controle.

— Gosta de vinho?

— Não sei se meu corpo vai poder assimilá-lo... — disse. Depois de considerá-lo durante um instante encolheu os ombros. — Bom, por que não? Só

se vive uma vez.

— É certo — replicou Bret. Então, fez-lhe um sinal para o garçom e pediu o jantar. — Você, entretanto — acrescentou, quando estiveram sozinhos uma vez mais, — parece que já viveu antes. É uma reencarnação de uma princesa da Índia. Aposto que lhe chamavam Pocahontas quando era uma menina.

— Se apreciava sua vida, não. Uma vez,raspei a cabeça de um menino por isso.

— O que? — perguntou ele, atônito. — Por favor, conte-me o tudo.

— Está bem. Havia um menino que se chamava Martin Collins, pelo qual eu estava loucamente apaixonada. Desgraçadamente, ele preferia a Jessie Winfield, uma menina loira muito linda que tinha uns enormes olhos castanhos. Eu estava louca de ciúmes. Com onze anos, era muito alta e muito magra. Não era mais que olhos e pernas. Um dia, passei a seu lado e, destroçada, vi que levava os livros dela. Então, Martin gritou: «Todos às colinas que vem Pocahontas». Aquilo foi mais que suficiente. Eu era uma mulher afrontada e planejei minha vingança cuidadosamente. Fui para casa e peguei as tesouras de minha mãe. Então, pintei meu resto com seu melhor lápis de lábios e retornei para espreitar a minha presa. Aproximei-me dele com muito cuidado, esperando pacientemente o momento mais adequado. Saltei sobre ele como uma pantera, atirei-o ao chão e o imobilizei com o peso de meu próprio corpo. Então, comecei a cortar todo o cabelo que pude. Ele não fazia mais que gritar, mas eu não tive piedade alguma. Nesse momento, chegaram meus irmãos e me separaram dele. Como era covarde, Martin saiu correndo chamando sua mamãe.

Bret lançou uma sonora gargalhada.

— Você era um monstro! — exclamou.

— Asseguro-o que paguei pelo que fiz — prosseguiu Hillary enquanto levantava a taça de vinho que ele a servira durante sua história. — Deram-me um bom castigo, mas valeu a pena. Martin teve que usar uma boina durante semanas.

Sua pizza chegou por fim. Durante o jantar, a conversação que mantiveram foi muito mais agradável e relaxada do que Hillary tinha acreditado possível. Quando consumiu o últimopedaço, Bret se recostou sobre seu assento e a olhou muito sério.

— Nunca teria acreditado que fosse capaz de comer assim.

Hillary sorriu, relaxada pela combinação de vinho, boa comida e agradável companhia.

— Não o faço muito freqüentemente, mas, quando como assim, sou uma glutona.

— É uma fonte constante de surpresas. Nunca sei o que esperar. É um estudo

sobre as contradições.

— Não é essa a razão pela qual me contratou, Bret? — perguntou ela. Utilizou o primeiro nome dele voluntariamente, embora quase sem pensar. — Por minha variabilidade?

Bret sorriu levou a taça aos lábios, mas não respondeu.

Enquanto subiam para o apartamento de Hillary, ela sentiu que retornava seu nervosismo anterior. Decidida a permanecer tranqüila, inclinou a cabeça para tirar as chaves da bolsa e aproveitou o tempo para tratar de tranqüilizar-se.

— Você gostaria de entrar para tomar um café?

Bret tirou as chaves da mão, abriu a porta e sorriu.

— Pensava que você não tomava café.

— Não, mas todo mundo toma, assim tenho café instantâneo.

— Esta bem — disse ele enquanto entravam no apartamento.

Depois de tirar ajaqueta, Hillary retomou seu papel como anfitriã.

— Sente-se. Trarei o café dentro de um minuto.

Bret tirou também a jaqueta e a deixou sobre o braço de uma poltrona. Uma vez mais, Hillary notou a forte constituição de seu corpo sob o pulôver azul marinho e as calças. Girou e se dirigiu à cozinha.

Com movimentos automáticos, conectou o aquecedor de água e tirou taças e pires de um armário. Continuando, colocou um de açúcar e uma jarra de leite sobre uma bandeja de vime e, por último, preparou o café para o Bret e um chá para ela. Então, retornou a sala e colocou a bandeja sobre a mesa de café. Viu que Bret estava de pé, examinando sua coleção de discos, e lhe sorriu.

— Tem uma boa seleção — comentou ele, de onde estava de pé-, embora seja típico. Chopin para quando se sente romântica, Denver para quando está melancólica, B.B. King quando está deprimida e McCartney para quando está alegre.

— Parece que me conhece muito bem — disse Hillary. Sentia uma estranha mescla de diversão e ressentimento pelo fato de que tivesse sabido identificar com tanta exatidão a música que escutava segundo seu estado de ânimo.

— Ainda não — replicou ele enquanto se aproximava da mesa, — mas estou nisso.

De repente, Bret estava muito perto. Hillary sentiu a necessidade de dizer algo.

— O seu café esta esfriando.

Falou rapidamente e, quando se inclinou sobre a bandeja para lhe entregar a xícara, derrubou uma colherinha. Os dois se inclinaram para recolhê-la ao mesmo tempo. Os fortes dedos de Bret se fecharam sobre a delicada mão dela. Ao sentir o contato, Hillary notou uma corrente de eletricidade pelo braço que se

estendeu rapidamente por todo seu corpo. Então, levantou o rosto para olhar o dele.

Não disseram nada, apenas se olharam. Hillary compreendeu o inevitável momento.

Sabia que estavam se aproximando pouco a pouco até aquele instante desde dia no que se conheceram no estúdio de Larry. Entre eles existia uma atração básica, uma necessidade impossível de definir que Hillary não parou a questionar quando ele a ajudou a incorporar-se. Sem poder conter-se, permitiu que ele a abraçasse.

Os lábios de Bret eram quentes e suaves. Beijou-a lentamente, com crescente pressão, utilizando a língua para lhe separar os lábios enquanto a estreitava entre seus braços e lhe esmagava os seios contra a firmeza de seu tórax. Hillary lhe rodeou o pescoço com os braços e respondeu como nunca antes tinha respondido a nenhum outro homem. Através da bruma que lhe nublava o pensamento, pareceu-lhe que nenhum homem a tinha beijado daquela maneira, que ninguém a tinha abraçado com tanta urgência. Então, tudo se desvaneceu na maré da paixão.

Não ofereceu resistência alguma quando sentiu que ele a fazia deitar-se sobre o sofá enquanto ainda a estava beijando. O peso do corpo do Bret afundou o dela no. Colocou-lhe entre as pernas, deixando muito claro qual era seu desejo. A boca começou a percorrer a suavidade da pele de seu pescoço. Hillary experimentou o fogo de uma nova e intemporal necessidade lhe correndo pelas veias. Sentiu os batimentos de um coração, embora não estivesse segura se era o seu ou o dele, quando os lábios de Bret lhe acariciaram a garganta e o rosto antes de lhe possuir de novo a boca com ardente paixão. Deslizou a mão sob o pulôver para lhe monopolizar um seio, que pareceu encher-se com suas carícias. Hillary suspirou e se moveu sob ele.

Sentia-se perdida entre as névoas do desejo e, movida pelos beijos e pelas carícias que ele depositava com tanta destreza sobre seu quente e disposto corpo, respondia com uma paixão que tinha mantido oculta até aquele momento.

As mãos de Bret começaram a percorrer a planície do ventre de Hillary. Quando sentiu que ele começava a lhe desabotoar as calças, começou a resistir. Bret não deu atenção alguma a seus protestos e seguiu lhe devorando a boca com a sua e lhe desenhando um tórrido atalho de paixão sobre a garganta.

— Bret, por favor, não continue. Tem que parar.

Levantou a cabeça e a olhou aos olhos, que naqueles momentos pareciam enormes pelo medo edesejo. Bret também tinha a respiração entrecortada e Hillary compreendeu que a decisão de deter-se ou de seguir adiante não dependia já dela.

— Hillary — murmurou ele. Então, inclinou-se sobre ela para voltar a lhe reclamar os lábios. Entretanto, Hillary girou a cabeça e o empurrou.

— Não, Bret. Por favor, já basta.

Quando se separou dela, um longo suspiro lhe escapou dos lábios. Ficou de pé e tirou um cigarro da piteira de ouro que tinha deixado sobre a mesa. Hillary se incorporou e apertou suas mãos ,uma contra a outra, sobre o colo enquanto mantinha a cabeça baixa para não olhá-lo nos olhos.

— Sabia que era capaz de muitas coisas, Hillary — disse ele, depois de lançar uma rápida e violenta baforada de fumaça, — mas nunca pensei que fosse capaz de esquentarum homem desse modo para deixá-lo depois com o mel nos lábios.

— Isso não está certo! — protestou ela. Rapidamente levantou a cabeça pela dureza do tom que ele tinha empregado. — É injusto que diga isso. Só porque parei, porque não permiti...

As palavras lhe afogaram na garganta. Sentia-se confusa e envergonhada.

— Não é uma menina — replicou ele, com uma ira que fez com queHillary tremesse os lábios. — Qual é o resultado quando duas pessoas se beijam desse modo, quando uma mulher permite a um homem que a toque assim? Você me desejava tanto como eu desejava você. Deixe de jogar. Ambos sabiam que isto ocorreria cedo ou tarde. É uma mulher feita e direita. Deixe de se comportar como se fosse uma garotinha inocente.

Aquela afirmação teve um resultado imediato. Um rubor delator cobriu rapidamente as bochechas de Hillary antes que ela pudesse baixar o rosto para ocultar seu desconforto. Bret a olhou boquiaberto. A ira tratava de sobrepor-se à incredulidade.

— Santo Deus... Você nunca esteve com um homem antes, verdade?

Hillary fechou os olhos. Sentia-se tão humilhada que a única pôde fazer foi manter um obstinado silêncio.

— Como é possível? — perguntou Bret. Como pode ser que uma mulher chegue à idade de vinte e quatro anos com um físico como o seu e que se mantenha tão pura como a neve recém caída?

— Não foimuito difícil — murmurou ela, com a cabeça baixa. Normalmente não deixo que a situação me escape tão facilmente das mãos.

— Talvez fosse melhor que comunicasse sua inocência a um homem antes que a situação lhe escape das mãos — aconselhou ele com um certo tom cáustico. Então, apagou o cigarro com mais força do que necessária.

— Talvez deveria pintar uma «V» vermelho na testa para que todo mundo saiba que sou virgem. Assim, não haveria confusão alguma — lhe espetou ela, depois de levantar o queixo com gesto desafiante.

— Sabe de uma coisa? Fica muito bonita quando se zanga...Tome cuidado ou

voltarei a tentar mudar sua situação.

— Não acredito que fosse capaz de forçaruma mulher — replicou ela.

Bret fez gesto de tirar ajaqueta, mas se deteve. Voltou-se para olhá-la e a contemplou com olhos entreabertos enquanto a punha de pé para beijá-la de novo, o que fez até que o abraço inicial de Hillary se transformou em um frouxo abraço.

— Não conte com isso — lhe disse depois e aempurrou brandamente para que voltasse a cair no sofá. Sempre consigo o que quero — acrescentou enquanto a olhava lentamente dos pés a cabeça, detendo-se especialmente nos lábios, que ainda estavam úmidos por seus beijos. — Não se equivoque. Poderia possuí-la aqui mesmo e sem lhe forçar, mas...

Interrompeu-se para dirigir-se para a porta.

—...Mas posso esperar.

CAPÍTULO QUATRO

Durante as semanas seguintes, as sessões fotográficas avançaram sem complicações. Larry se mostrava muito entusiasmado sobre os progressos que estavam fazendo e mostrou a Hillary um arquivo das fotografias para que ela visse os frutos de seu trabalho.

A jovem estudou as fotografias com objetividade profissional e admitiu que eram excelentes, provavelmente um dos melhores trabalhos que Larry e ela tinham feito juntos ou por separado. As fotografias já estavam começando a formar um bom estudo sobre as diferentes facetas da mulher e tinham realizado já a metade das que necessitariam para terminar o projeto. Se tudo correse certo, terminariam muito antes do previsto. Bret estava pensando em preparar uma edição especial, que sairia publicado no começo da primavera.

As sessões prosseguiriam depois do longo fim de semana de Ação de Graças. Hillary se alegrava de ter um pouco de tempo livre, não só para descansar, mas também para poder se separar do homem que ocupava constantemente seus pensamentos e invadia seus sonhos.

Depois da noite que passaram juntos, ela tinha esperado notar certa tensão entre eles, mas Bret a tinha saudado com tanta normalidade que, de fato, a jovem pensou por um momento que tinha imaginado todo o ocorrido. Não houve menção alguma do jantar que tiveram juntos nem da cena que ocorrera a seguir. Bret voltou com aparente facilidade a sua atitude de sempre.

Para Hillary não foi tão fácil comportar-se com indiferença depois dos sentimentos que ele tinha despertado nela. Entretanto, conseguiu mostrar uma atitude que disfarçava muito de refletir o torvelinho interior que sentia.

Apesar de tudo, as sessões foram avançando com normalidade. Larry se viu obrigado a lhe dizer de vez em quando que não franzisse o cenho, estava tão preocupado com seu trabalho que não viu nada de estranho nisso.

Hillary estava de pé frente à janela de seu apartamento. Seu estado de ânimo era tão sombrio como a vista que de ali se via. O céu de novembro mostrava uma aparência sombria e parecia provocar um deprimente ambiente na cidade. Fazia muito tempo que as folhas tinham abandonado as árvores e estes mostravam uma aparência triste e nua. A erva tinha perdido o alegre tom verde da primavera e parecia um triste e amarelo tapete. Aquele desolado dia encaixava perfeitamente com o estado de ânimo da jovem.

De repente, a melancolia se apropriou dela. Sentiu um forte desejo de voltar a ver os dourados campos de trigo de sua terra natal. Aproximou-se do aparelho de som e pôs o disco de Denver. Sem que pudesse evitá-lo, ficou imóvel ao recordar

que Bret tinha estado naquele mesmo espaço que ela estava ocupando. A lembrança da firmeza de seu corpo e da intimidade que tão brevemente tinham compartilhado se apropriou dela e substituiu rapidamente à melancolia. Em um instante, compreendeu que a atração que sentia por ele era muito mais que física. Apertou o botão do som e deixou que a suave música enchesse o ambiente.

Recordou-se que se apaixonar não fazia parte de seus planos ainda mais por Bret. Esse caminho só a levaria ao desastre e à humilhação. Entretanto, era impossível sossegar a voz que lhe dizia internamente que já era muito tarde. Sentou-se em uma cadeira e permitiu que a confusão e a depressão a cobrissem como uma pesada névoa.

Tinha chegado muito tarde em casa depois de reunir-se com a Lisa e Mark para celebrar o dia de Ação de Graças. Apesar das deliciosas receitas, Hillary tinha desculpado sua falta de apetite por sua preocupação por manter a linha. Esforçou-se muito para esconder sua depressão e mostrar uma aparência normal e contente. Justo quanto terminava de fechar a porta, o telefone começou a soar.

— Alô

— Olá, Hillary, esteve fora da cidade?

Não havia necessidade alguma de que seu interlocutor se identificasse. Hillary reconheceu a voz de Bret imediatamente. Alegrou-se muito de que os fortes batimentos de seu coração não pudessem ser escutados do outro lado da linha.

— Olá, Bret — respondeu ela, tratando de refletir certa frieza no tom de sua voz. — Sempre chama a seus empregados tão tarde?

— Já percebi que está um pouco zangada — comentou ele. — Teve um bom dia?

— Estupendo — mentiu. — Acabo de chegar em casa depois de ter jantado com uns amigos. E você?

— Maravilhoso. Eu adoro peru.

— Ligou para comparar menus ou tem alguma outra razão? — espetou-lhe. Acabava de imaginar-lhe com Charlene em um estupendo e elegante restaurante.

— Sim, tenho uma razão. Para começar, me ocorreu brindar pelo dia de Ação de graças com você, se é que ainda tem aquela garrafa de uísque.

— Oh... — sussurrou ela. A voz lhe rompeu e o pânico se apoderou dela. Rapidamente clareou a garganta para poder seguir falando. — Não, quero dizer sim, claro que tenho a garrafa de uísque, mas é muito tarde e...

— Tem medo?

— É obvio que não. Estou um pouco cansada. Na verdade, estava a ponto de me deitar.

— De verdade? — perguntou ele, com um certo tom jocoso.

— Sim — replicou ela. — Por que você esta sempre duvidando de mim?

— Sinto — disse Bret, embora sua desculpa carecia por completo de convicção. — É que leva muito a sério as coisas. Muito bem, não beberei de seu de sua bebida... ao menos por esta noite. Nos vemos na segunda-feira, Hillary. Durma bem.

— Boa noite — murmurou ela.

Quando desligou o telefone, sentiu que o arrependimento a embargava. Olhou a seu redor e sentiu um desejo irrefreável de tê-lo ali, enchendo o espaço com sua presença. Suspirou e levantou da cadeira. Sabia que não podia chamá-lo, embora soubesse onde encontra-lo.

“ É melhor assim”, disse-se. “É melhor evitá-lo o máximo possível. Se estoutentando superar a atração que sinto por ele, a distância será meu melhor remédio.” Estou segura de que ele pode conseguir o que quer em outra parte. Charlene é mais seu estilo. Eu nunca poderia competir com sua sofisticação. Ela provavelmente sabe falar francês e sabe muito de vinhos. Além disso, estava certa que elapodia tomar mais de uma taça de champanha sem começar a dizer incoerências.

No sábado, Hillary se reuniu com a Lisa para almoçar com a esperança de que aquela saída pudesse aumentar seu animo. O elegante restaurante estava abarrotado. Quando viu Lisa sentada frente a uma das mesas, saudou-a com a mão e se dirigiu para ela.

— Sinto chegar tarde — se desculpou Hillary. — O tráfico estava terrível e me custou muito encontrar um táxi. Nota-se que já se aproxima o inverno. Faz muito frio.

— Sim? — perguntou Lisa com um sorriso. — Parece-me primavera.

— Aparentemente o amor a desequilibrou, mas, embora tenha afetado seu cérebro, fez maravilhas com o resto de seu corpo. Acredito que poderia reluzir na escuridão.

— Parece que meus pés não tocam o chão há semanas — afirmou Lisa. — Suponho que ficarei doente se continuar assim.

— Não seja tola. Alegra-me muitíssimo vê-la tão contente.

As duas mulheres pediram seu almoço e começaram a conversar com sua habitual camaradagem.

— Acredito que deveria me encontrar com uma amiga com verrugas e nariz farpado — comentou Lisa de repente.

— Como diz?

— Acaba de entrar o homem mais fascinante que vi em muito tempo. Pela atenção que me prestou, poderia-se deduzir que sou invisível. Está muito ocupado observando você.

— Provavelmente só está procurando a alguém que conhece.

— Já tem alguém que conhece pendurada em seu braço como se fosse um apêndice — afirmou Lisa, sem deixar de olhar ao casal. — Entretanto, a atenção dele está voltada para você. Não, não olhe — lhe ordenou, quande Hillary fez gesto de girar a cabeça. — Deus Santo...Vem para cá... Rápido — sussurrou. — Fique natural.

— Você que está meio histérica, Lisa — disse Hillary, muito tranqüila e divertida pela atitude de sua amiga.

— Olá, Hillary, parece que não podemos ficar muito tempo separados um do outro, não é?

Ao escutar aquela voz, Hillary contemplou o rosto atônito de Lisa antes de voltar-se para encontrar-se com o sedutor sorriso do Bret.

— Olá — respondeu. — Olá, senhorita Maçom. Alegro-me emvoltar a vê-la.

Charlene simplesmente assentiu. Pela expressão gélida que se refletia em seus olhos, era evidente que estava em completo desacordo com a cortesia de Hillary. Produziu-se uma pequena pausa. Bret levantou uma sobrancelha.

— Lisa MacDonald, Charlene Maçom e Bret Bardoff— disse Hillary, apresentando-os a todos ao captar a indireta de Bret.

— OH! Você é o dono da revista Mode! — exclamou Lisa, muito emocionada.

— Mais ou menos.

— Eu sou uma ávida leitora de sua revista, senhor Bardoff — prosseguiu Lisa. — Quase não posso esperar para que saia a reportagem com Hillary. Deve ser muito emocionante.

— Até agora, foi uma verdadeira experiência — comentou ele enquanto se voltava a olhar a Hillary com um irritante sorriso nos lábios. — Não está de acordo comigo, Hillary?

— Sim, uma verdadeira experiência — replicou ela, sem muito entusiasmo.

— Bret — lhes interrompeu Charlene. — Acredito que é melhor irmos para a nossa mesa e deixemos que estas garotas prossigam com seu almoço.

Olhou tanto a Hillary como a Lisa como se as duas não merecessem a pena.

— Me alegro de tê-la conhecido, Lisa. Nos veremos, Hillary.

Bret esboçou seu habitual sorriso, o que fez que o coração de Hillary começasse a pulsar de um modo que já lhe era familiar. Entretanto, a jovem conseguiu murmurar algumas palavras de despedida. Então, muito nervosa, estendeu a mão para tomar sua taça de chá esperando que Lisa não falasse daquele encontro.

Lisa permaneceu olhando para Bret durante uns instantes.

— Nossa! — sussurrou olhando com intensidade a Hillary. — Não havia dito que era tão bonito! Quando me sorriu, liquidifiquei-me literalmente.

— Que vergonha, Lisa! — exclamou ela fingindo censurar a atitude de sua amiga. — Supõe-se que seu coração pertence já a outro homem.

— Assim é — afirmou Lisa, — mas sigo sendo uma mulher. Não irá me dizer que lhe éindiferente, não? Nos conhecemos muito bem.

— É obvio que não sou imune ao devastador encanto do senhor Bardoff, mas terei que desenvolver um antídoto para os próximos meses.

— Não lhe parece que o interesse poderia ser mútuo? Não se pode dizer que lhe falte o encanto.

— Acaso não percebeu como a ruiva se agarrava a ele como a hera a um muro de pedra?

— É obvio que sim — comentou Lisa, com desprezo. — Deu-me a sensação de que esperava que eu me levantasse e lhe fizesse uma reverência. Quem ela pensa que é? Uma rainha?

— É o casal perfeito para o imperador — murmurou Hillary.

— Como diz?

— Nada. terminou? Vamos sair.

Hillary se levantou sem esperar uma resposta, recolheu sua bolsa e as duas mulheres partiram do restaurante.

Na segunda-feira seguinte Hillary foi caminhando para o trabalho. Ao sentir os primeiros flocos de neve da temporada, levantou o rosto. Estes pareciam beijar brandamente o rosto da jovem, por isso ela sentiu uma forte emoção. A neve recordavaseu lar, os passeios em trenó e as batalhas de bolas de neve. Tal foi a emoção que lhe produziu aquele fenômeno meteorológico que chegou ao estúdio de Larry tão contente como uma menina.

— Olá, velho. Como foi seu final de semana?

Hillary estava envolta em um longo abrigo, com um chapéu de pele bem impregnado sobre o rosto. As bochechas e os olhos brilhavam pela combinação do frio e da emoção, por isso tudo o quadro era lindo.

Larry deixou de ajustar a luz durante um instante para saudá-la com um sorriso.

— Olhe o que acaba de fazer deixou entrar as primeiras neves. É um anúncio para as férias invernais.

— É incorrigível — comentou ela enquanto tirava o casaco e o chapéu. — Imagina tudo emoldurado por uma objetiva.

— Deformação profissional. June diz que o olho que tenho para a fotografia é maravilhoso.

— June? — perguntou Hillary, muito intrigada.

— Bom, sim... estive lhe dando umas aulas de fotografia.

— Entendo — respondeu ela com uma certa ironia.

— Está... Está muito interessada nas câmeras.

— Sim, sim claro, imagino...

— Pare com isso, Hillary — murmurou Larry. Então, começou de novo a mudar os ajustes da câmera.

— Tolo, me dê um beijo — disse Hillary enquanto lhe abraçava com força. — Já sabia que isso ia acontecer com vocês.

— Venha já, Hillary... — repetiu ele. desembaraçou-se dela e olhou o relógio. — O que faz aqui tão cedo? Ainda resta meia hora.

— É surpreendente que tenha se dado conta do tempo — comentou ela. — Pensei que poderia dar uma olhada nas fotografias que já foram reveladas.

— Estão aí — lhe indicou ele assinalando uma desordenada mesa. — Agora, vá ver as fotos e me deixe trabalhar.

— Sim, senhor.

Hillary se aproximou da mesa e procurou o arquivo que continha todas as fotografias das que dispunham. Depois das estudar durante uns minutos, tirou uma foto instantânea que foi tirada na quadra de tênis.

— Quero uma cópia desta — disse. — Pareço muito competitiva...

Ao não receber resposta alguma, olhou ao Larry e o viu mais uma vez totalmente imerso em seu trabalho e alheio a sua presença.

— É obvio que sim, Hillary — respondeu-se ela mesma. — O que quiser. Olhe que pose... — acrescentou sem deixar de imitar seu companheiro. — Uma forma perfeita e uma concentração própria de uma campeã. Se prepare, Wimbledon. Fará-os pedaços, Hillary... Obrigado, Larry. Tanto talento e tanta beleza... Por favor, Larry, está-me envergonhando...

— Trancam pessoas nos manicômios por falar consigo mesmo — lhe sussurrou ao ouvido uma profunda voz. Hillary se sobressaltou e a fotografia lhe escapou das mãos sobre a mesa. E também está muito nervosa... Isso é mau sinal.

Ela deu a volta e se encontrou cara a cara com Bret... De fato, estava tão perto que, instintivamente, deu um passo trás. Aquele gesto não passou desapercebido para ele porque franziu os lábios com um de seus atrativos sorrisos.

— Não se aproxime de mim desse modo.

— Sinto muito, mas estava tão absorta por seu diálogo...

A contra gosto, Hillary sorriu também.

— Algumas vezes Larry se perde um pouco na conversação, por isso me vejo obrigada a ajudá-lo — comentou. — Olha-o. Nem sequer sabe que está aqui.

— Mmm, talvez deveria me aproveitar de sua distração — sussurrou Bret.

Estendeu a mão e agarrou uma mecha do cabelo de Hillary e o colocou detrás da orelha. Ela notou em seguida a calidez de seus dedos, o que vez que seu pulso

começasse a latejar velozmente.

— Oh, olá, Bret. Quando chegou?

Depois de escutar as palavras de Larry, Hillary deuum suspiro, sem saber se era por alívio ou frustração.

Dezembro foi passando pouco a pouco. O progresso que foram fazendo no projeto era muito mais avançado do que tinham esperado, por isso parecia que tudo estaria terminado definitivamente para antes do Natal. O contrato que Hillary tinha com Bret chegava até o mês de março, por isso ela não deixava de especular o que faria quando terminasse o projeto e ele já não precissasse dela. Existia a possibilidade de que Bret a liberasse de suas obrigações, embora estava segura de que não era muito provável. Com toda segurança não iria querer que trabalhasse para nenhum outro competidor antes que seu próprio projeto estivesse publicado.

«Talvez encontre alguma outra coisa que fazer durante esses meses», pensou. Ou talvez poderia ficar sem trabalhar durante um tempo. Gostou desta ultima idéia, o que a surpreendeu. Gostava muito de seu trabalho. Era duro, mas quase nunca era aborrecido. É obvio que desfrutava com seu trabalho. Era suficiente para ela e tinha a intenção de mantê-lo em sua vida durante os próximos anos. Depois disso, poderia retirar-se ou se tiraria longas férias, viajaria... para longe. Então, quando tudo estivesse em seu lugar, teria tempo para encontrar o amor verdadeiro. Achariaum homem agradável, confiável, com quem pudesse casar-se e se assentar. Aquele era seu plano, perfeito e sensato. Só que naquele momento, quando o pensava bem, parecia-lhe muito frio e aborrecido.

Durante a segunda semana de dezembro, o estúdio do Larry esteve mais concorrido que o habitual. Aquela manhã em particular, as vozes e os corpos se mesclavam na sala em meio de um encantador caos. Naquela sessão, Hillary ia fotografar com um menino de oito meses, dado que tinha que representar a imagem de uma jovem mãe.

Uma pequena parte da sala estava decorada como um salão. Quande Hillary terminou com a cabeleireira, viu que Larry estava muito ocupado verificando seu equipamento. Bret estava trabalhando com ele, compartilhando idéias sobre a sessão. Ao ver que não podia evitar-se de contemplar seu forte e esbelto corpo, ficou em silêncio.

Decidiu deixar os homens com seus afazeres e se dirigiu para conhecer a jovem mãe e ao menino que seria seu filho durante alguns poucos minutos frente às câmeras. O pequeno era muito parecido com ela, e isso asurpreendeu e a divertiu ao mesmo tempo. Andy, tal e como sua mãe o apresentou, tinha cabelos tão brilhantes e tão escuros como o cabelo de Hillary. Os olhos do menino, embora não de um azul tão profundo como o dela, assemelhavam-se muito.

Qualquer desconhecido daria por certo que aquele pequeno era seu filho.

— Sabe como foi difícil encontrarum menino que se pareça com você? — perguntou-lhe Bret, que acabava de aproximar-se deles. Hillary tinha Andy sobre o colo e o fazia saltar sobre seus joelhos. Ao pressentir sua chegada tanto ela como o pequeno levantaram seus profundos olhos azuis para olhá-lo. Qualquer ficaria atônito por tanto brilhantismo. Talvez deveriam baixar um pouco a voltagem.

— Não é lindo? — perguntou Hillary enquanto acariciava brandamente as bochechas do pequeno.

— É espetacular. Poderia ser seu.

— Sim, é muito parecido — admitiu ela, com os olhos baixos pelo repentino desejo que lhe causaram as palavras do Bret. — Estamos preparados?

— Sim.

— Muito bem, sócio — disse ao menino enquanto ficava de pé e o colocava sobre o quadril. Vamos trabalhar.

— Só tem que brincar com ele — instruiu Larry. — Faça o que achar melhor. O que estamos procurando é espontaneidade. Acredito que me compreende — acrescentou, ao ver que o pequeno o olhava muito fixamente.

— É obvio — afirmou Hillary. É um menino muito inteligente.

— Esperemos que responda bem. Só podemos trabalhar com meninos durante sessões de poucos minutos.

Então mãos à obra. As duas cabeças escuras se inclinaram uma muito perto da outra sobre a zona atapetada. Enquanto Hillary brincava com os blocos de cores, Andy, cheio de alegria, destruía seus esforços. Muito em breve os dois estavam imersos no jogo e prestaram muito pouca atenção aos movimentos de Larry ou ao suave clique da câmera. Hillary estava tombada de barriga para baixo, com os pés no ar, construindo torre atrás de torre para que o menino pudesse demoli-la. De repente, o pequeno estendeu a mão. Parecia haver se distraído uma mecha do sedoso cabelo de Hillary. Agarrou-o com seus gordinhos dedos e tratou de levá-lo à boca.

Hillary deu a volta e se colocou de costas. Continuando, levantou o menino por cima de sua cabeça. O pequeno começou a rir de alegria ante a nova brincandeira. Ela o colocou sobre o ventre e, muito em breve, Andy sentiu uma profunda atração pelos botões de pérolas que ela usava na blusa verde claro. A jovem observou atentamente a concentração do bebê e começou a mexer nos botões com a ponta do dedo. Uma vez mais, sentiu uma forte sensação de desejo. Levantou o menino uma vez mais sobre seu corpo e começou a fazer o som de um avião enquanto o movia por cima dela. Andy gritou de felicidade. Hillary colocou o pequeno em pé sobre o ventre e deixou que o menino saltasse ao ritmo

de sua própria música.

Depois, ficou de pé com ele e o abraçou com força. De repente, deu-se conta de que aquilo era o que mais desejava. «Um filho próprio, uns bracinhos tão pequenos como estes, ao redor do pescoço. Um filho com o homem que amo», pensou. Fechou os olhos e esfregou a bochecha contra a do Andy. Quando voltou a abri-los, encontrou-se frente ao intenso olhar de Bret.

Observou-o fixamente durante um instante e, de repente, compreendeu que aquele era o homem que queria, o homem cujo filho desejava ter entre seus braços. Levava algum tempo sabendo a verdade, mas tinha se negado a reconhecê-la. Naqueles momentos, não encontrou modo algum de negá-la.

O forte puxão de cabelo que Andy lhe deu rompeu o feitiço. Hillary deu a volta, aturdida pelo que acabava de admitir. Aquilo não era o que tinha planejado. Como poderia ter ocorrido? Necessitava de tempo para pensar, tempo para solucionar suas coisas. Naqueles momentos, sentia-se muito confusa.

Quando Larry marcou por fim a conclusão da sessão, sentiu-se profundamente aliviada. Com um grande esforço, Hillary manteve seu sorriso apesar de que, internamente tremia pelo que acabava de descobrir.

— Maravilhoso — declarou Larry. — Os dois trabalham como se fossem velhos amigos.

Em silêncio, Hillary corrigiu as palavras de seu companheiro. Não era trabalho a não ser uma fantasia. Tinha estado representando uma fantasia, talvez levava a vida inteira fazendo-o. Uma risada histérica se apoderou dela, embora a reprimssecom força. Não podia se permitir fazer papél de ridículo naquele instante nem pensar nos sentimentos que a percorriam por dentro.

— Vamos demorar um tempo antes de começarmos, Hillary — disse Larry consultando o relógio. — Vá comer algo antes de se trocar. Você tem uma hora.

Hillary assentiu aliviada ante a perspectiva de poder passar um pouco de tempo sozinha.

— Eu a acompanharei.

— OH, não — protestou ela. Rapidamente recolheu seu casaco e se dispôs a partir com toda rapidez. Bret levantou uma sobrancelha. — Queria dizer que não se incomode. Estou certa que tem trabalho que fazer. Estou convencida de que há algo que o reclama em seu escritório ou algo assim.

— Sim, meu trabalho nunca cessa — admitiu ele-, mas, de vez em quando, tenho que comer.

Bret lhe tirou o casaco para ajudá-lae quando colocou as mãos sobre os ombros, a calidez que emanou delas atravessou o grosso tecido e lhe queimou a pele. Como resposta, Hillary se tensionou. Sentia-se muito à defensiva. Bret pareceu notar sua reação, porque seus dedos ficaram rígidos e a obrigou virar-se

em sua direção.

— Minha intenção não era ter você como prato principal, Hillary. Você nunca vai deixar de suspeitar de mim?

Quando saíram, as ruas estavam cheias de neve, uma ligeira camada branca cobria as calçadas e os carros que estavam estacionados. Hillary se sentiu encurralada no carro do Bret, a seu lado, enquanto ele conduzia o Mercedes pelas ruas de Nova Iorque. Quando chegaram ao Central Park, ela tratou de aliviar a tensão e o incessante tamborilar de seu coração.

— Olhe, é lindo, não é? — comentou enquanto indicava os ramos nus das árvores cobertas de neve, que reluziam como se fossem diamantes. — Eu adoro a neve. Tudo parece tão limpo e tão fresco. Faz que todo se pareça...

— O seu lar?

— Sim — admitiu ela.

De repente, pensou que, ao lado do Bret, seu lar poderia estar em qualquer parte. Entretanto, compreendeu que não devia revelar sua debilidade. Ele nunca devia conhecer o amor que a embargava por dentro e lhe batia o coração como os ventos dos tornados que atravessam o Kansas nos finais da primavera.

Prosseguiu falando sem parar de todos os temas que lhe vinham à cabeça. Assim, esperava que ele pudesse vislumbrar o segredo que guardava com tanto zelo.

— Encontra-te bem, Hillary? — perguntou-lhe Bret de repente, quando ela deu uma pausa. Ultimamente esteve muito nervosa...

Olhou-a atentamente e, durante um aterrador instante, Hillary temeu que aqueles olhos lhe penetrassem no pensamento e lessem o segredo que guardava.

— Claro que sim — disse ela, com voz tranqüila. Só estou muito emocionada pelo projeto. vamos terminar muito em breve e a edição da revista estará nas bancas. Quero saber como os leitores a receberão.

— Se for isso a única coisa que a preocupa, acredito que posso te dizer que a reação será tremenda. Será uma sensação, Hillary — ele assegurou enquanto a olhava durante um instante. — Receberá ofertas de todas as partes. Revistas, televisão, empresas de publicidade...Asseguro que poderá escolher seus trabalhos.

— Oh...

— Acaso não pensou ainda nesta possibilidade? — perguntou ele, ao ver o tão cálida tinha sido sua reação. — Não é isso o que sempre tinha querido?

— É obvio que sim — afirmou ela, com mais entusiasmo de que sentia. — Teria que ser louca para não me alegrar e agradeço muito pela oportunidade.

— Economize sua gratidão — replicou Bret, com uma certa brutalidade. —

Este projeto será o resultado de um trabalho de equipe. O que quer que tire do projeto terá ganho sozinha. Agora, se não se importar, me diga onde a deixo antes que eu retorne a meu escritório.

Hillary assentiu. Era impossível compreender o que ela havia dito para despertar sua ira daquela maneira.

A fase final do projeto estava em andamento. Hillary se trocou em um pequeno cômodo do estúdio do Larry. Ao ver-se no espelho, conteve o fôlego. A camisola lhe parecera linda, mas pouco inspiradora, quando a tirou da caixa. Naqueles momentos, sentiu-se afligida por sua beleza. Era branca e transparente e parecia flutuar ao redor das esbeltas curvas do corpo de Hillary antes de cair em suaves dobras até os tornozelos. Tinha um bom decote, embora não excessivo. Enquanto dava voltas sobre si mesma, Hillary decidiu que era maravilhoso.

Pouco tempo antes, naquele mesmo dia, tinha posado com um precioso casaco de Marta. Recordou o suave tato da pele contra o queixo e suspirou. Larry tinha capturado sua primeira expressão de delícia e desejo quando afundou o rosto contra o pescoço do casaco. Entretanto, Hillary sabia que preferiria ter aquela camisola mais que dez casacos da Marta. Tinha algo de especial, como se tivesse sido criada especialmente para ela.

Saiu do improvisado provador e observou como Larry tinha completado o cenário. Daquela vez se superou. A luz era cálida e suave, como se tratasse de um dormitório iluminado por velas. Além disso, tinha colocado uma luz atrás que se parecia com os raios da luz da lua. O efeito final era romântico e sutil.

— Ah, estupendo. Vejo que já está preparada — disse Larry. Então, tomou um minuto para observá-la. — Nossa! Está linda. Todos os homens que olharem sua foto cairão rendidos de amor por você. As mulheres, por sua parte, sonharão estar em seu lugar. Algumas vezes, ainda consegue me surpreender.

Hillary sepôs a rir e se aproximou dele justo no momento que a porta estúdio se abria do. Deu a volta e viu que era Bret, comCharlene. Seus olhares se cruzaram durante um instante antes que o olhar dele a percorresse lentamente com a intensidade de uma carícia física.

Bret se recompôs a tempo e a olhou nos olhos.

— Está extraordinária, Hillary.

— Obrigado — sussurrou ela. Então, encontrou-se com o gélido olhar de Charlene. O contraste foi como o de uma ducha gelada, por isso Hillary desejou de todo coração que Bret não a tivesse levado.

— Estamos a ponto de começar — comentou Larry.

— Nesse caso, não se incomodem com a gente — afirmou Bret. — Charlene queria ver o projeto que me manteve tão ocupado.

Aquelas palavras pareciam ter a implicação de que Charlene formava parte da vida de Bret, por isso Hillary sentiu que a alma lhe caía aos pés. Apesar de tudo, decidiu sacudir a depressão que sentia e se lembrar que os sentimentos que tinha por Bret não eram correspondidos.

— Vá até ali, Hillary — indicou-lhe Larry. Rapidamente, ela se dirigiu ao lugar indicado.

A suave luz deu um delicado brilho a sua pele, tão suave como a carícia de um amante. Os focos traseiros brilhavam através do fino tecido, ressaltando assim a silhueta de seu corpo.

— Muito bem — afirmou Larry. — Perfeito — acrescentou enquanto ligava o ventilador.

A suave brisa do ventilador lhe elevou o cabelo e colou a camisola ao corpo. Larry agarrou sua câmera e começou a fazer fotografias.

— Muito bem — comentou. — Agora, levante o cabelo. Bem, bem... Vai deixar todos loucos assim... Agora olhe diretamente para a câmera... Imagine que é o homem que ama. Ele caminha para você para tomá-la em seus braços.

Sem que pudesse evitá-lo, Hillary olhou para o lugar do estúdio em que Bret estava de braço dado com Charlene. Seu olhar se cruzou com o dele e um profundo tremor lhe sacudiu o corpo.

— Vamos, Hillary. Quero paixão, não pânico — recriminou-lhe Larry. Vamos, céus, olhe à câmera.

Hillary tragou saliva e obedeceu. Lentamente, permitiu que os sonhos se apropriassem dela, permitiu que a câmera se convertesse em Bret. Em um Bret que não só a olhasse com desejo, mas também com amor e necessidade. Estava-a abraçando tal e como se lembrava. Estava-a acariciando brandamente, enquanto reclamava os lábios dela com os seus e lhe sussurrava as palavras que ela desejava escutar.

— Assim mesmo, Hillary.

Perdida em seu próprio mundo, ela piscou e olhou para Larry sem compreender.

— Isso foi genial. Eu mesmo me apaixonei por você.

Hillary suspirou profundamente e fechou os olhos durante um momento para conseguir superar sua própria imaginação.

— Suponho que poderíamos nos casar e ter camerazinhas — murmurou ela enquanto se dirigia ao provador. Entretanto, as palavras do Charlene impediram que Hillary seguisse avançando.

— Bret, essa camisola é simplesmente maravilhosa, querido. Pode-me conseguir isso, não pode? — sussurrava, com voz sedutora.

— Mmm? Claro — afirmou ele sem deixar de olhar para Hillary. — Se for

isso o que quer, Charlene...

Hillary ficou boquiaberta. O presente que ele estava disposto a dar a Charlene, deixou Hilary muito mal. Olhou-o fixamente durante uns momentos antes de desaparecer no provador.

Na intimidade daquelas quatro paredes, apoiou-se contra a parede para poder enfrentar à dor. Como podia Bret fazer isso? Aquela camisola era especial, pertencia a ela, fora feita para cobrir seu corpo. Fechou os olhos e sufocou um soluço. Até tinha imaginado Bret a abraçando dizendo que a amava e... ia dar a Charlene.Naquele momento, uma terrível ira começou a substituir à dor. Se aquilo era o que Bret queria, era muito bem-vindo de fazê-lo. Tirou a camisola e se vestiu.

Quando saiu do provador, Bret estava sozinho no estúdio, sentado atrás da mesa de Larry. Hillary guardou todo seu orgulho e se dirigiu para ele. Então, depositou a caixa com a camisola sobre a mesa.

— Para sua amiga. Suponho que primeiro vai levá-la a lavanderia.

Continuando, deu a volta para partir com tanta dignidade comofosse possível. Entretanto, Bret lhe agarrou pela mão e a impediu.

— O que é o que te passa, Hillary? — perguntou-lhe.

— Como assim “ o que me passa”? — repetiu ela. — A que se refere?

— Vamos fale, Hillary. Está magoada e quero saber por que.

— Magoada? — replicou ela. Então, puxou a mão e tratou de soltar-se, mas foi impossível. — Se estiver magoada é meu assunto. Em meu contrato não consta que tenha que te explicar meus sentimentos.

— Me diga o que aconteceu — insistiu Bret. Soltou-lhe a mão, mas simplesmente para agarrá-la com força pelos ombros.

— Quer que eu diga o que me passa? Pois lhe direi — lhe espetou. — Chega aqui com sua amiga ruiva e lhe entrega esta camisola porque ela pediu. Essa mulher agita as pestanas e diz a palavra exata e você lhe dá tudo o que quer.

— E você esta assim, só por isso? Deus Santo, mulher! — exclamou ele, exasperado. — Se quiser essa maldita camisola lhe conseguirei uma.

— Não me trate como se fosse uma menina — rugiu ela. — Não pode comprar meu bom humor com suas bagatelas. Guarde sua generosidade para alguém que lhe agradeça isso e me solte.

— Não vai partir até que se acalme e cheguemos à raiz do problema.

De repente, os olhos de Hillary se encheram de lágrimas incontroláveis.

— Não entende — sussurrou ela enquanto as lágrimas lhe caiam pelas bochechas. — Não compreende nada...

— Pare com isso! — exclamou Bret. Então, começou a lhe secar as lágrimas com a mão. — Não posso suportarlágrimas... Basta, Hillary. Não chore assim.

— Só sei chorar deste modo...

— Não sei a que se deve tudo isto. Não acredito que uma camisola mereça esta cena! Toma, leve isso evidentemente, é muito importante para você — disse. Tomou a caixa e a estendeu para que ela a pegasse. — Charlene tem muitas camisolas...

Aquelas palavras, em vez de alegrar a Hillary, tiveram precisamente o efeito oposto.

— Não a quero. Nem sequer quero voltar a vê-lo — gritou, com a voz rouca pelas lágrimas. — Espero que sua amante desfrutem bastante desta camisola.

Com isso, virou-se à volta, agarrou o casaco e saiu correndo do estúdio com surpreendente velocidade.

Lá fora, ficou imóvel na calçada. « Estúpida!», disse-se. Efetivamente, sentia que era uma estupidez mostrar tanto apego por um pedaço de tecido, e muito menos que fazê-lo com um homem arrogante e sem sentimentos cujos interesses estavam em outra parte. Quando viu um táxi deu um passo à frente para detê-lo, mas, de repente, notou que alguém a puxava para trás.

— Já me fartei que seus caprichos, Hillary. Não penso consentir que me deixe com a última palavra — replicou, em voz baixa e muito perigosa. Entretanto, Hillary levantou a cabeça e o olhou diretamente aos olhos.

— Não temos nada mais que nos dizer.

— Temos muitas coisas a nos dizer.

— Não espero que o compreenda — replicou ela com exagerada paciência, como se estivesse falando com um menino. — Só é um homem.

Bret conteve o fôlego e deu um passo mais para aproximar-se dela.

— Em uma coisa tem razão. Sou um homem...

Então, tomou entre seus braços e lhe atacou a boca com um feroz beijo que a obrigou a abrir os lábios para satisfazer o que Bret demandava. O mundo deixou de existir além das carícias que lhe proporcionava. Os dois permaneceram juntos, sem prestar atenção nenhuma daspessoas que passavam pela calçada.

Quando Bret a soltou por fim, Hillary deu um passo para trás. Tinha a respiração entrecortada.

— Agora que já me demonstrou sua masculinidade, tenho que partir.

— Volte para o estúdio. Terminaremos nossa conversa.

— Nossa conversa já terminou.

— Não de tudo...

Bret começou a levá-la de novo para o estúdio. Hillary compreendeu que não podia estar a sós com ele naquele instante. Sentia-se muito vulnerável. Ele poderia ver muito facilmente.

— Olhe, Bret — disse, orgulhosa da tranqüilidade de sua voz. Não quero

montar uma cena, mas se continuar agindo como o homem das cavernas serei obrigada a gritar. E te asseguro que sou capaz de gritar muito alto.

— Não, não vai gritar.

— Sim — replicou ela. Claro que vou gritar.

— Hillary, temos coisas que esclarecer.

— Bret, tudo isso foi um mal entendido — observou ela, tratando de não prestar atenção alguma à debilidade que sentia nas pernas. — Nos confundimos e nos desentendemos...apenas isso. Vamos deixar assim. Além disso, tudo foi uma tolice...

— Não lhe pareceu isso no estúdio.

— Por favor, Bret, deixa-o estar — insistiu ela, sabendo que estava utilizando sua última oportunidade. — Todos mostramos nosso temperamento em ocasiões.

— Muito bem — disse ele, depois de uma pequena pausa. — Deixaremos estar por enquanto.

Hillary suspirou. Sentia que, se ficava ao lado de Bret mais tempo, corria o risco de aceitar tudo o que lhe dissesse. De soslaio, viu que se aproximava um táxi e rapidamente levou os dedos à boca para detê-lo com um assobio.

Bret sorriu.

— Nunca deixa de me surpreender.

A resposta de Hillary ficou oculta pelo ruído que ela fez ao fechar de repente a porta do táxi.

CAPÍTULO CINCO

O Natal se aproximava e a cidade luzia seus melhores ornamentos. Hillary observava da janela de seu apartamento como os automóveis e as pessoas passavam pelas ruas brilhantemente iluminadas. A neve caía com suavidade, o que acrescentava um pouco mais o espírito natalino que ela sentia. Os enormes flocos caíam sobre a terra como as brancas plumas de um travesseiro gigante.

Tinham completado o projeto, por isso tinha visto muito pouco ao Bret nos últimos dias. Compreendeu que cada vez o veria menos, por isso uma certa tristeza obscureceu seu bom humor. Como sua parte dentro do projeto tinha finalizado, já não haveria contato diário nem encontros inesperados. Suspirou e sacudiu a cabeça. «Parto para casa amanhã», recordou-se. «Para casa passar o Natal».

Aquilo era precisamente o que necessitava. Uma completa mudança de ambiente. Aqueles dez dias a ajudariam a sanar as feridas de seu coração e lhe dariam tempo para voltar a pensar em seus planos para o futuro, que naqueles momentos parecia aborrecido e insatisfatório.

A campainha da porta a tirou de seus pensamentos.

— Quem é? — perguntou enquanto colocava a mão sobre o peito.

— Santa Claus.

— Bret? — gaguejou, incrédula. — É você?

— Vejo que não posso enganá-la, verdade? Bom — acrescentou, depois de uma pequena pausa, — vai me deixar entrar, ou vamos nos falar através da porta?

— Oh, sinto muito.

Hillary retirou o fecho da fechadura e abriu a porta. Então, viu que o esbelto corpo do Bret estava apoiado de modo casual contra o marco da porta.

— Vejo que agora fecha com chave — afirmou. Observou atentamente a camisola de cor pérola que ela usava antes de voltar a olhá-la no rosto. — Vai me convidar para entrar?

— Oh, claro — disse ela. Pôs-se de lado tratando desesperadamente de procurar a compostura perdida. — Eu... Acreditava que Papai Noel descia pela chaminé.

— Este não — comentou ele enquanto tirava o casaco. — Viria-me muito bem uma taça de seu famoso uísque. Faz muito frio aqui fora.

— Agora sim que estou completamente desiludida. Eu acreditava que Papai Noel se alimentava de bolachas e leite.

— Se for a metade do homem que eu acredito, estou seguro de que ele tem

uma cigarreira escondida naquele traje vermelho que usa.

— Cínico — acusou-lhe ela. Então, retirou-se à cozinha, onde encontrou muito mais facilmente o uísque. Continuando, serviu um pouco em um copo.

— Muito profissional — comentou Bret, que a observava da porta. Não vai me acompanhar para que brindemos juntos as festas?

— OH, não. Tem o mesmo gosto do sabão que me lavaram a boca uma vez.

— Não penso em te perguntar por que tiveram que lavar sua boca — afirmou ele, depois de tomar o copo que lhe oferecia.

— Tampouco ia contaria — replicou isso ela com um sorriso.

— Bom, toma outra coisa. Eu não gosto de beber sozinho.

Hillary abriu a geladeira e tirou uma jarra de suco de laranja.

— Vejo que vive muito perigosamente — observou ele. Hillary levantou o copo de suco que se acabava de servir a modo de brinde. Então, os dois retornaram a sala.

— Me disseram que parte para o Kansas pela manhã — disse ele enquanto se sentava no sofá. Hillary, por sua parte, sentou-se em frente dele, em uma poltrona.

— Assim é. Estarei em casa até depois do Ano Novo.

— Nesse caso, desejo-te um Feliz Natal e um Próspero ano novo antecipadamente. Pensarei em você quando o relógio der as doze badaladas.

— Estou segura de que estará muito ocupado para pensar em mim — replicou ela.

— Bom, acredito que poderei encontrar um minuto livre — repôs ele, com um sorriso. — Agora, tenho algo para você, Hillary...

Levantou-se e foi por seu casaco. Então, tirou um pequeno pacote do bolso. Hillary o observou sem saber o que dizer e logo levantou os olhos para olhá-lo.

— Oh, mas... Não acreditava que... Quer dizer... Eu não tenho nada para você.

— Não? — perguntou ele fazendo que o rubor tingisse as bochechas de Hillary.

— Bret, não posso aceitá-lo. Não me parece bem...

— É o presentedo imperador a um de seus súditos — insistiu Bret. Tirou-lhe o copo de suco da mão e o substituiu pelo pacote.

— Vejo que tem boa memória — disse ela, com um sorriso.

— Como a de um elefante. Venha, abra. Sei que esta com vontade de abrir.

Hillary olhou fixamente o pacote e suspirou.

— Nunca pude resistir a nada que esteja envolto em papel natalino.

Rasgou o elegante pacote e abriu a caixa. Ao ver o que havia em seu interior, conteve o fôlego. Eram brincos de safiras, que pareciam piscar do interior aveludado do estojo.

— Recordaram a seus olhos, azuis, brilhantes e deliciosos. Pareceu-me um crime que pertencessem à outra mulher.

— São muito bonitos. Muito bonitos, de verdade — murmurou ela, — mas não devia me haver comprado nada. Eu...

— Apesar de que não dever havê-lo feito, alegra-me de que tenha sido assim — afirmou ele.

— Sim, certo.Foi um gesto muito formoso. Não sei como agradecer.

— Eu sim... — afirmou ele. Então, fez que Hillary se levantasse da poltrona e a rodeou com seus braços — Isto servirá perfeitamente.

Os lábios de Bret roçaram os dela. Depois de um momento de dúvida, a jovem correspondeu, embora se dizia que só era para lhe mostrar sua gratidão pelo presente. À medida que o beijo foi durando um pouco mais, esqueceu-se da gratidão. Quando Bret afastou a boca, Hillary, como presa de um sonho, tratou de afastar do quente círculo de seus braços.

— Há dois brincos, céus...

Uma vez mais, a boca dele afirmou sua posse, naquela ocasião com mais insistência. O corpo de Hillary pareceu fundir-se com o do Bret. Rodeou-lhe o pescoço com os braços e lhe enredou os dedos entre o cabelo. Estava perdida em um mundo de sensações no que a única realidade era o tato da boca do Bret contra a seu e o modo em que seu firme corpo se fundia com a suavidade do dela.

Quando por fim separaram os lábios, Bret a olhou com os olhos obscurecidos pela emoção.

— É uma pena que só tenha duas orelhas — disse com voz rouca. Então, dispôs-se a beijá-la uma vez mais.

Hillary apoiou a frente contra o peito dele e tratou de recuperar o fôlego.

— Por favor, Bret — sussurrou e colocou as mãos sobre seus ombros. Não posso pensar quando me beija.

— Não? — sussurrou ele. Brandamente, revolvia-lhe o cabelo com os lábios. — É muito interessante — acrescentou. Então, colocou-lhe a mão sobre o queixo e a obrigou a olhar. — Sabe de uma coisa, Hillary? Acaba de admitir algo muito perigoso. Vejo-me tentado a me aproveitar da vantagem que tenho. Entretanto, desta vez não o farei.

Quando a soltou, Hillary teve que conter o impulso que o levava até ele. Bret se aproximou da mesa, terminou o uísque e pegou o casaco. Então, da porta, voltou-se e lhe dedicou um de seus encantadores sorrisos.

— Feliz Natal, Hillary.

— Feliz Natal, Bret — sussurrou ela justo quando a porta se fechava atrás dele.

O ar estava fresco. Levava o limpo e puro aroma de seu lar. O céu era de um azul brilhante e estava completamente ausente de nuvens. Hillary se aproximou da granja e, durante um momento, deixou-se levar pelas lembranças.

— Tom, por que deu toda à volta? — perguntou Sarah Baxter da cozinha. Então, saiu ao alpendre enquanto se limpava a mão no branco avental. — Hillary... — sussurrou, ao ver sua filha. — Que surpresa!

Hillary pôs-se a correr e abraçou a sua mãe.

— OH, mamãe, me alegro tanto de estar em casa...

Se sua mãe notou o tom de desespero que havia nas palavras de Hillary, não fez comentário algum. Limitou-se a lhe devolver o abraço com idêntico afeto. Continuando, deu um passo atrás e observou a Hillary com o olho crítico de uma mãe.

— Seria muito bom engordar um pouco.

— Jácomeçou...

— Olhe o que nos trouxe o vento da cidade de Nova Iorque...

Tom Baxter se aproximou delas e abraçou com força ao Hillary. Ela respirou profundamente e gozou com o aroma a feno fresco e a cavalos que se aferrava à pele de seu pai.

— Deixa eu olhá-la — comentou ele, realizando a mesma inspeção que sua esposa. — Que linda está! Um pequeno tesouro temos aqui, não é, Sarah? — acrescentou, dirigindo-se à mãe.

Algum tempo mais tarde, Hillary se reuniu com sua mãe na enorme cozinha. As panelas ferviam sobre o fogão e enchiam o ar de um aroma irresistível. Hillary deixou que sua mãe falasse de seus irmãos e das famílias destes e tratou de conter o profundo desejo que bulia dentro dela.

Inconscientemente, tocou-se as pedras azuis que levava nas orelhas. A imagem do Bret se apoderou de seu pensamento com tanta força que quase lhe pareceu que podia tocá-lo. Afastou o rosto, esperando que o atento olhar de sua mãe não se precavesse das lágrimas que lhe tinham acudido de repente aos olhos.

Na manhã do dia de Natal, Hillary despertou com o sol, mas se mostrou preguiçosa para levantar-se da cama de sua infância. A noite anterior se deitou muito tarde, mas não tinha conseguido dormir. Tinha estado dando voltas entre os lençóis até altas horas da madrugada. Bret lhe penetrava no pensamento por muito que tentasse de mantê-lo afastado dela. Sua imagem lhe destruia as defesas como uma pedra fazia com o vidro. Para seu desespero, ardia em desejos de estar perto dele, com uma necessidade que vibrava profundamente em seu interior. Sem deixar de olhar o teto, deu-se conta de que não havia nada que pudesse fazer. «Amo-o. Amo-o e o odeio por não ser correspondida. Sei que me

deseja... Ele não se incomodou de ocultar isso, mas o desejo não é amor... Como pôde ocorrer isto? Onde estão minhas defesas?». Mentalmente, tratou de enumerar todas suas faltas para assim tratar de encontrar uma via de escapamento em sua solitária prisão. «É arrogante, com mau gênio, exigente e muito seguro de si mesmo. por que nada disso tem importância para mim? Por que não posso deixar de pensar nele nem cinco minutos?».

Recordou-se que era Natal. Não pensava consentir que Bret estragasse também aquele dia!

Incorporou-se e arrumou o edredom da cama. Então, colocou uma bata e saiu correndo do dormitório. A casa já estava despertando. A atividade fazia que, pouco a pouco, desaparecesse a tranqüilidade da noite. Durante a seguinte hora, a cena ao redor da árvore de Natal esteve cheia de alegria, de exclamações de regozijo pelos presentes recebidos e da troca de beijos e abraços.

Mais tarde, Hillary saiu paraexterior. A fina capa de geada rangeu sob as botas que usava. envolveu-se com a jaqueta de seu pai para combater o frio. O ar tinha sabor de inverno e a tranqüilidade parecia pendurar do céu como uma suave cortina. Dirigiu-se ao celeiro, onde estava seu pai e, automaticamente, ficou a medir grão. Seus gestos eram muito naturais. A rotina do trabalho diário tinha retornado a ela como se tivesse realizado as mesmas tarefas no dia anterior.

— Depois de tudo, não é mais que uma Granjeira, né? — brincou seu pai.

— Sim, acredito que sim.

— Hillary — sussurrou ele quando notou a tristeza que cobria os olhos de sua filha. — O que te passa?

— Não sei — suspirou ela. — Algumas vezes Nova Iorque me parece tão cheio de gente... Sinto-me sozinha.

— Pensávamos que fosse feliz ali.

— Era-o... Sou-o... É um lugar muito emocionante e cheio de pessoas diferentes — disse a seu pai, — mas, algumas vezes, sinto falta da tranqüilidade, a paz, os espaços abertos... Não se preocupe comigo. É uma tolice — acrescentou, enquanto seguia medindo o grão. — Ultimamente estou me sentido com um pouco de saudade, isso é tudo. O projeto que acabo de terminar era fascinante, mas me exigiu muito...

— Hillary, se não é feliz, se houver algo que a preocupa, quero ajudá-la.

Durante um instante desejou apoiar-se sobre o ombro de seu pai e lhe contar todas suas dúvidas e frustrações, mas, de que serviria levar a ele também aquela carga? O que poderia fazer seu pai sobre o fato dela amar a um homem que só a considerava uma diversão temporária, um bem de mercado para poder vender mais revistas? Como podia lhe explicar que estava triste porque tinha conhecido um homem que lhe tinha roubado o coração para romper-lhe em mil pedaços

sem esforço algum? Sacudiu a cabeça e lhe dedicou um sorriso a seu progenitor.

— Não é nada. Suponho que só é um pouco de esgotamento por ter terminado o projeto «Depressão pósagenda fotográfica».Vou dar de comer às galinhas.

Muito em breve, a casa se encheu de gente. O eco das vozes, das risadas e dos sons dos meninos ressonou na granja. As tarefas familiares e o afeto sincero a ajudaram a esquecer-se do vazio que seguia obcecando-a.

Quando, ao final da jornada, só ficou o silêncio, Hillary permaneceu sozinha no salão. Não desejava procurar a comodidade de seu dormitório. Aninhou-se em uma poltrona e observou as luzes da árvore. Sem poder evitar, começou a especular sobre como teria passado Bret aquele dia festivo. Talvez teria estado a sós com Charlene ou os dois teriam assistido a uma festa no clube de campo. Certamente naqueles momentos, os dois estavam sentados diante de um bom fogo. Charlene estaria entre os braços de Bret, esplendorosacom aquela bonita camisola...

Sentiu uma dor tão forte como o que teria causado a ponta de uma flecha. Imediatamente, viu-se envolta por uma tortuosa combinação de ciúmes e desespero. Entretanto, não conseguiu apagar a imagem de seu pensamento.

Os dias de feriado escolar passaram muito rapidamente. Hillary desfrutou bastante, imersa em uma rotina que agradeceu profundamente. O vento de Kansas conseguiu levar uma parte de sua depressão. Deu longos passeios a sós, nos que contemplou as onduladas colinas e os semeados de trigo invernal.

Sabia que as pessoas da cidade nunca compreenderia aquilo. Estendeu os braços e girou sobre si mesma. Em seus elegantes apartamentos, eles nunca sentiriam a alegria por formar parte da terra. A terra. Examinou sua infinidade com olhos maravilhados. A terra era indomável. A terra era eterna. Ali tinham habitado índios, pioneiros e granjeiros. Iam e vinham, viviam e morriam, mas a terra permanecia. Quando ela mesma tivesse desaparecido e outra geração tivesse nascido, o trigo seguiria ondeando-se sob o brilhante sol do estio. A terra lhes dava o que necessitavam, era rica e fértil e entregava ao homem quilos e quilos de trigo um ano atrás de outro pedindo em troca só seu honrado trabalho.

«Adoro isto», pensou. «Adoro o tato da terra em minhas mãos e sob meus pés nus nos dias do verão. Adoro seu rico e limpo aroma. Suponho que, apesar de toda a sofisticação que adquiri, sigo sendo uma garota do campo», refletiu. Pouco a pouco, foi retornando para a casa. « O que vou fazer a respeito? Tenho uma carreira, um lar em Nova Iorque. Tenho vinte e quatro anos. Não posso estender a toalha e retornar à granja. Não. Devo retornar e fazer o que melhor sei fazer». Com firmeza, negou-se a escutar a voz que afirmava que sua decisão se viu influenciada por outro residente de Nova Iorque.

Justo quando entrava na casa, o telefone começou a soar. Atendeu enquanto

tirava o casaco.

— Sim?

— Olá, Hillary.

— Bret? — perguntou ela. Não sabia que pudesse experimentar uma dor tão aguda tão somente escutando uma voz.

— Muito bem — respondeu ele, com seu habitual tom jocoso. — Como está você?

— Bem, estou bem. Eu... eu não esperava ter notícias suas. Há algum problema?

— Problema? Não, ao menos nenhum que seja permanente. Pensei que talvez necessitasse que alguém lhe recordasse Nova Iorque. Não queremos que se esqueça que tem que retornar.

— Não, não me esqueci — afirmou ela. Então, tratou de encontrar um tom vagamente profissional para sua voz. — Tem algo em mente para mim?

— Em mente? Bom, poderíamos dizer que tenho um par de coisas em mente... Acaso tem vontade de voltar para o trabalho?

— OH... Sim, sim, claro que sim. Não quero ficar parada.

— Entendo. Nesse caso veremos o que posso fazer por você quando retornar. Seria uma estupidez não utilizar seus talentos.

— Estou segura de que lhe ocorrerá algo vantajoso para os dois — afirmou ela, tratando imitar o tom profissional do Bret.

— Mmm... vai retornar para o fim de semana?

— Sim, no dia dois.

— Manterei-me em contato. Mantenha sua agenda livre de compromissos. Voltaremos a colocá-la na frente deuma câmera, se for isso o que deseja.

— Muito bem. Eu... bom, obrigado por chamar.

— O prazer foi meu. Nos vemos quando retornar.

— Sim. Bret... — disse, tratando de encontrar algo mais que dizer. Queria agarrar-se a aquele pequeno contato, talvez só para ouvir como dizia seu nome uma vez mais.

— Sim?

— Nada, nada — respondeu. Fechou os olhos e amaldiçoou sua falta de imaginação. — Esperarei notícias tuas.

— Muito bem — repôs ele. Então, deteve-se um instante. Quando voltou a falar, sua voz era muito mais suave. Divirta-se muito, Hillary.

CAPÍTULO SEIS

A primeira coisa que Hillary fez quando retornou para seu apartamento em Nova Iorque foi chamar Larry. Quando escutou uma voz feminina, duvidou e se desculpou.

— Sinto muito, devo me haver equivocado de número.

— Hillary? — perguntou-lhe a mulher. — Sou eu, June.

— June? — repetiu ela, confusa. — Como está? Como passou as festas? — acrescentou, rapidamente.

— A resposta a ambas as perguntas é muito bem. Larry me disse que você foi paracasa de seus pais. Passou bem?

— Sim. Sempre émuito agradável retornar a meu lar.

— Espera um momento. Vou chamar Larry.

— OH, bom, eu não...

A voz de Larry interrompeu seus protestos. Hillary se desculpou imediatamente e lhe disse que chamaria mais tarde.

— Não seja tola, Hillary. June só está me ajudando a ordenar minhas velhas revistas de fotografia.

Hillary percebeu que a relação de Larry e June devia estar progredindo à velocidade da luz para que Larry permitisse a jovem tocar em suas valiosas revistas.

— Só queria que soubesse que já retornei — disse ela. — Se por acaso surgir algo...

— Mmm, bom, suponho que deveria se pôr em contato com Bret — respondeu Larry. Ainda segue contratada por ele. por que não o chama?

— Acredito que não devo me preocupar a respeito — comentou ela, tratando de manter um tom casual. — Eu disse que retornaria depois de Ano Novo. Ele já sabe onde me encontrar.

Passaram vários dias antes que Bret entrasse em contato com Hillary. Ela passou grande parte desse tempo em sua casa por causa da neve, que parecia cair incessantemente sobre a cidade. Aquele confinamento, depois de retornar dos espaços abertos do Kansas, causou estragos em seus nervos. Não fazia mais que observar da janela as calçadas cobertas de neve.

Uma tarde, justo quando o céu deixava cair o presente pouco bem-vindo da chuva, Lisa a chamou para jantar e passar umas horas em companhia de Hillary.

De pé na cozinha, estava preparando um broto de alface quando soou o telefone. Como tinha as mãos molhadas, pediu a Lisa que atendesse.

Lisa o fez com um tom de voz muito formal.

— Residência da senhorita Hillary Baxter. Lisa MacDonald falando. A senhorita Baxter atenderá assim que tirar a mão da alface.

— Lisa — comentou Hillary, entre risadas, enquanto se dirigia correndo a sala. — Não posso deixar que faça nada.

— Não importa — anunciou enquanto lhe estendia o telefone. — Só se trata de uma voz masculina incrivelmente sensual.

— Obrigado. Volte à cozinha — ordenou Hillary. Rapidamente agarrou o telefone. — Olá, não de importância a minha amiga. Está louca — disse, sem saber quem estava do outro lado da linha.

— Ao contrário. É a conversa mais interessante que tive em todo o dia.

— Bret?

— Adivinhou de primeira. Bem-vinda à selva de asfalto, Hillary. Como foi em Kansas?

— Muito bem — sussurrou ela. — Muito bem...

— Nossa, que comentário mais esclarecedor. Desfrutou dos Natais?

— Sim, muito. E você? — perguntou-lhe, tratando de recuperar a compostura. — Teve boas festas?

— Maravilhosas, embora esteja seguro de que as minhas foram muito mais tranqüilas que as suas.

— Suponho que diferentes — replicou ela, zangada sem saber por que.

— Bom, de qualquer forma isso jáfaz parte do passado. Na realidade, chamo-a pelo próximo fim de semana.

— Fim de semana? — repetiu Hillary.

— Sim. trata-se de uma escapada às montanhas.

— Às montanhas?

— Parece um papagaio — brincou ele. — Tem algo importante planejado desde sexta-feira até no domingo?

— Bom, eu... Não, quer dizer, nada muito importante...

— Bem. Já esquiou alguma vez?

— Em Kansas? — replicou ela, um pouco mais tranqüila. — Acredito que as montanhas são essenciais para praticar o esqui.

— Efetivamente. Bom, não importa. Ocorreu-me uma idéia para umas fotografias. Tinha imaginado uma formosa dama brincando na neve. Tenho uma casa nos Adirondacks, perto do lago George. Seria um fundo muito formoso. Assim, poderemos combinar os negócios com o prazer.

— Poderemos?

— Não há necessidade de alarmar-se — assegurou ele, com certa ironia. — Não vou seqüestrá-la para levá-la a natureza selvagem e seduzi-la, embora a idéia tem possibilidades interessantes — acrescentou, com uma gargalhada. —

Sinto que está se ruborizando ao outro lado da linha telefônica...

— Muito gracioso — repôs ela. Zangava-a que pudesse ler suas reações tão facilmente. — De fato, estou começando a recordar um compromisso muito urgente para o fim de semana, assim...

— Um momento, Hillary. Lembre-se que ainda temos um contrato. Meus direitos sobre você duram ainda dois meses. Você queria voltar a trabalhar e eu estou dando uma oportunidade.

— Sim, mas...

— Não tem mas... Deixe livre o fim de semana. E relaxe. Estará bem protegida contra minhas tentativas de sedução. Larry e June vão vir conosco e Bud Lewis, meu diretor artístico, reunirá-se conosco mais tarde.

— OH — respondeu ela. Não sabia se ficava aliviada ou desiludida.

— Eu, a revista, vamos proporcionar o equipamento adequada para a neve. Pego você às sete e meia da manhã da sexta-feira. Espero que esteja pronta.

— Sim, mas...

Hillary olhou o telefone com uma mescla de irritação e antecipação. Bret tinha desligado. Não lhe tinha dado a oportunidade de lhe fazer perguntas nem de formular uma desculpa razoável para recusar sua oferta. Deixou o telefone e deu a volta, para encontrar-se com o rosto de Lisa, que a interrogava com o olhar.

— O que foi tudo isso? Parece completamente atônita — lhe disse seu amiga.

— Parto este fim de semana par as montanhas.

— Às montanhas? Com o dono dessa voz tão fascinante?

— Trata-se só de uma reportagem — respondeu ela, tratando de manter um tom casual de voz. — Era Bret Bardoff. Haverá mais projetos — acrescentou.

Na sexta-feira pela manhã amanheceu frio. Hillary tinha preparado suas malas e estava preparada, tal e como lhe tinha ordenado. Estava tomando uma xícara de chá quando soou a campainha.

— Bom dia, Hillary — lhe disse Bret assim que abriu a porta. — Está pronta para enfrentar à natureza selvagem?

Ele parecia bastante capaz de fazê-lo com o traje que tinha posto: um casaco, umas calças de veludo cotelê e umas pesadas botas. Naquele momento, tinha um aspecto rude e atraente. Já não era o frio e calculista homem de negócios a quem ela se acostumou. Hillary se agarrou com força a porta e tratou de manter uma aparência tranqüila quando o convidou a entrar.

Depois de lhe assegurar que estava preparada, dirigiu-se à cozinha para deixar a xícara vazia e pegou seu casaco. O pôs sobre o pulôver e os jeans que usava e colocou um chapéu de esqui sobre a cabeça. Bret a observava em silêncio.

— Estou pronta — disse. De repente, foi consciente do intenso exame ao que ele a estava submetendo.

Nervosa, umedeceu os lábios com a língua. — Vamos?

Bret assentiu com a cabeça e se inclinou para pegar a mala que ela estava preparada no sofá. Então, com um sorriso nos lábios, tomou a mão e a conduziu para a porta.

Muito em breve abandonaram a cidade. Bret dirigiu o Mercedes para o norte. Conduzia rápido e habilmente com o passar do Hudson e manteve com ela uma conversa casual. Hillary relaxou rapidamente no quente interior do carro e se esqueceu da habitual inibição que sentia ao entrar em contato com o homem que despertava tão facilmente seus sentidos. Então, tirou o chapéu e sacudiu a cabeça para soltar sua longa e rica juba.

— Há muito mais em Nova Iorque que arranha-céu — disse ele, depois de lhe informar que ainda seguiam na área da Grande Maçã. — Montanhas, pântanos, bosques...Tem um pouco de tudo. Suponho que já era hora de mudar sua impressão sobre esta cidade.

— Nunca havia pensando que Nova Iorque fosse algo mais que um lugar para trabalhar — admitiu ela. — Ruidoso, ocupado e muito emocionante embora às vezes exaustivo. É uma cidade que sempre parece estar movendo-se e que nunca dorme. Por isso, o valor do silêncio de meu lar é muito mais precioso.

— Kansas segue sendo seu lar, verdade? — afirmou ele, embora parecesse estar pensando em outra coisa. Sua expressão se centrava na estrada que tinha diante de si. Hillary franziu o cenho ao sentir a mudança de seu estado de ânimo. Então, dedicou sua atenção à paisagem sem incomodar-se em responder.

Seguiram para o norte. Ela perdeu toda noção do tempo, embriagada pela novidade do que via e a beleza do que lhe rodeava. Quando viu os Catskills pela primeira vez, lançou um pequeno grito de prazer e, espontaneamente, tocou o braço de Bret.

— Olhe as montanhas! — exclamou, com um emocionado sorriso nos lábios. Quande Bret lhe devolveu o gesto, o coração lhe fez uma série de saltos acrobáticos. Suponho que devo lhe parecer terrivelmente tola, mas quando a única coisa conhece são quilômetros e quilômetros de campos de trigo e colinas, tudo isto é uma revelação.

— Não é nenhuma tolice, Hillary — respondeu ele, com voz suave. Hillary se voltou a olhá-lo, surpreendida com o tom de sua voz. — Isso é encantador.

Então, tomou-lhe a mão e lhe deu um beijo na palma, o que lhe provocou uma série de ardentes sensações por todo o corpo. Estava acostumada com seu tom zombador. Entretanto, essas mudanças de humor punham seu mundo de ponta cabeça e a faziam brilhar por dentro como uma chama acesa. Aquele homem era perigoso, muito perigoso. De algum modo, devia levantar um muro de defesa contra ele. Como fazê-lo? Como poderia enfrentar-se tanto a ele e à parte dela

mesma que desejava só render-se?

— Viria-me bem um café — disse Bret, de repente, tirando assim Hillary de seus pensamentos. — E a ti? — acrescentou. Então, voltou-se para ela e sorriu. — Quer um chá?

— Claro.

Bret entrou no pequeno povoado de Catskill e deteve o carro diante de um pequeno café. Desceu rapidamente do veículo e Hillary fez o mesmo antes que ele pudesse rodear o carro e lhe abrir a porta. Ela não deixava de olhar a imponente presença das montanhas.

— Parecem mais altas do que realmente são — comentou Bret. — Só nascem a uns poucos metros de altura sobre o nível de mar. Eu adoraria ver a expressão de seu formoso rosto quando contemplasse as Rochosas ou os Alpes.

Entrelaçou a mão com a dela e a fez entrar no quente interior do café. Quando tomaram assento, Hillary tirou o casaco e se concentrou de novo na vista tratando de erigir um muro defensivo entre o Bret e ela.

— Café para mim e um chá para a senhorita. Está com fome, Hillary?

— Como? Não... Bom, na realidade, um pouco — admitiu com um sorriso.

— Aqui servem um maravilhoso bolo de café — disse.

Então, pediu duas porções antes que ela pudesse protestar.

— Não estou acostumado a comer doces... — sussurrou ela, pensando na laranja que tinha comido.

— Hillary, Pelo amor de Deus — comentou Bret com exagerada paciência. Não acredito que uma porção de bolo vá danificar sua formosa figura. Em todo caso, uns quilos a mais não lhe fariam nada mal.

— Como! — replicou ela, com certa indignação. — Pois até agora não tive nenhuma queixa.

— Estou certo disso, e tampouco as receberá de minha parte. Eu adoro mulheres altas e magras. Entretanto, o ar de fragilidade que emana delas é algumas vezes desconcertante — sussurrou. Estendeu a mão e lhe apartou uma mecha de cabelo do rosto.

Hillary decidiu não prestar atenção alguma nem ao gesto nem ao comentário.

— Não recordo quando desfrutei de um trajeto de carro — comentou. — Quanto falta ainda?

— Estamos na metade de caminho — respondeu Bret. Então, acrescentou um pouco de leite ao café. — Deveríamos chegar ao meio-dia.

— Como os outros vão? Quer dizer, vão todos juntos de carro?

— Larry e June vêm juntos — observou, com um sorriso nos lábios. Então, tomou uma parte de bolo. — Mas bem deveria dizer que Larry e June acompanham o equipamento de Larry. Surpreende-me ver que permitiu que ela

viajasse no mesmo carro que suas valiosas câmeras.

— Sim?

— Suponho que não deveria ser assim porque notei o crescente interesse que ele sente por minha secretária. De fato, parecia estar encantado de poder tê-la como companhia durante a viagem.

— Quando o chamei outro dia, June estava ajudando-o a organizar suas revistas de fotografia — comentou Hillary, com incredulidade. — Com o Larry, isso corresponde a um compromisso. Ainda não posso acreditar nisso. É incrível pensar em Larry com uma mulher de carne e osso.

— O amor só ocorre aos melhores — comentou ele.

Ocorreria ao Bret alguma vez? Hillary não pôde olhá-lo nos olhos.

Quando reiniciaram a viagem, Hillary se contentou com a paisagem enquanto Bret mantinha uma conversação geral. A calidez e a comodidade do Mercedes a tinham levado a um estado de profunda relaxamento. Acomodou-se sobre o assento e, de repente, sentiu as pálpebras muita pesadas e fechou os olhos durante um instante. A profunda voz de Bret acrescentava a tranquilidade de seu estado de ânimo, por isso ela murmurou brandamente sua resposta até que já não escutou nada mais.

Acordou quando a mudança da superfície da estrada a fez sair de seu torpor. Abriu os olhos e, depois de um momento de desorientação, retornou à realidade. Tinha a cabeça apoiada contra o ombro do Bret, por isso se incorporou rapidamente e o olhou alarmada.

— Oh, sinto muito. Eu dormi?

— Poderia dizer que sim — respondeu ele olhando-a enquanto ela afastava o cabelo. — Esteve uma hora no mundo dos sonhos.

— Uma hora? — repetiu ela assombrada. Onde estamos? O que perdi? — acrescentou olhando pela janela.

— Tudo desde o Schenectady. Agora, estamos na estrada que conduz a minha casa.

— Oh! Tudo isto é muito bonito.

A estreita estrada pela qual viajavam estava flanqueada por árvores flocos de neve e escarpados penhascos. Os ramos dos pinheiros resplandeciam, brilhando com uma camada gelada branca e pura.

— Há tantas árvores...

— O bosque está cheio delas.

— Não ria de mim — comentou ela. Deu-lhe um suave murro no ombro e seguiu olhando. Tudo isto é novo para mim.

— Não estou rindo de você. Eu adoro seu entusiasmo.

O carro se deteve por fim. Hillary lançou um grito de prazer ao descobrir uma

cabana no meio de uma clareira do bosque.

— Vem dar uma olhada — disse Bret enquanto saía do carro.

Ele estendeu a mão e Hillary a agarrou. Juntos começaram a avançar através da neve. Um arroio discorria perto da casa e, como uma menina que deseja compartilhar um novo brinquedo, Hillary saiu correndo.

— Que maravilhoso! Que maravilhoso! — exclamou ela, ao observar como a água caia com força entre as pedras. — Que lugar fabuloso! É tão selvagem e tão poderoso, tão intacto e primitivo!

— Algumas vezes venho aqui quando o ambiente de trabalho se faz muito cansativo. Há uma paz tão deliciosa... Não existem nem as reuniões urgentes, nem as datas limites nem as responsabilidades.

Hillary o olhou assombrada. Nunca teria imaginado que Bret tivesse a necessidade de escapar de nada ou de procurar a solidão de um lugar tão afastado da cidade e de suas comodidades. Para ela, Bret Bardoff representava o típico homem de negócios, com empregados dispostos a cumprir suas ordens só com um estalar de dedos. Naquele momento, tinha começado a ver outro aspecto de sua natureza, o que lhe causava um profundo prazer.

— Também é bastante isolado — comentou ele, olhando-a com uma força que fez que Hillary contivera o fôlego.

Sem poder evitar, ela afastou o olhar. Estava em meio de nenhuma parte. Bret lhe havia dito que os outros também iriam, mas só tinha sua palavra. Não lhe tinha ocorrido verificar com o Larry. E se tivesse inventado? Estaria sozinha com ele, completamente sozinha. O que faria se... ?

— Tranquila, Hillary — disse ele, com uma seca gargalhada. — Não a sequestrei. Outros virão em seguida para protegê-la. Quer dizer, se conseguirem encontrar este lugar — acrescentou, com um amplo sorriso. — Seria uma pena que minhas indicações não tivessem sido as adequadas, não é?

Pegou a confusa Hillary uma vez mais pela mão e a levou para a cabana. O interior era muito espaçoso, com amplas janelas que pareciam levar as montanhas ao interior da moradia. Os altos tetos com as vigas ao descoberto davam ainda mais sensação de espaço. Umas escadas de madeira chegavam a um balcão que ocupava toda a longitude do salão. Uma chaminé de pedra dominava uma parede inteira da estadia, que estava adornada com formosos móveis e tapetes multicoloridos que ofereciam o contraponto perfeito ao chão de pinheiro.

— É lindo — disse ela, encantada. dirigiu-se para o quintal. — Dá a impressão de estar dentro e fora ao mesmo tempo.

— Eu mesmo sinto isso muitas vezes — afirmou ele enquanto a ajudava a tirar o casaco. — Que perfume usa? — acrescentou. Os dedos começaram a

acariciar brandamente a nuca de Hillary. — Sempre é o mesmo, delicado e atraente.

— É um perfume de flor de maçã — sussurrou ela, sem tirar os olhos da janela.

— Mmm... Não deve mudá-lo. Cai muito bem... Estou com fome — anunciou de repente. — O que acha de abrir uma lata ou algo assim e eu acender a lareira? A cozinha está muito bem sortida. Você com certeza encontrará algo que nos ajude a matar a fome.

— Muito bem — afirmou ela, com um sorriso. — Onde está a cozinha?

Quande Bret a mostrou, ela se dirigiu para o lugar indicado imediatamente. A cozinha era muito acolhedora. Estava decorada com um estilo antigo, com uma pequena lareira de tijolos e várias caçarolas de cobre penduradas na parede, mas tinha sido adaptada para os tempos modernos. A enorme despensa estava, efetivamente, muito bem sortida, por isso ela localizou rapidamente uma série de latas para realizar um almoço mais que aceitável. Não seria precisamente uma comida digna de gourmets, mas seria mais que suficiente. Abriu uma lata de sopa e estava vertendo-a em uma chaleira quando ouviu os passos de Bret.

— Que rápido! — exclamou ela.

— Tenho por costume deixar preparada a lareira quando parto — explicou ele. — Assim, quão único tenho que fazer quando venho é acender um fósforo.

— Que organizado! — observou ela enquanto punha a sopa no fogo.

— Está cheirando bem! — comentou lhe rodeando a cintura com os braços. — É uma boa cozinheira, Hillary?

O firme corpo que lhe pressionava as costas era muito perturbador. Hillary fez um grande esforço para manter-se serena.

— Todo mundo sabe abrir uma lata de sopa...

Aquela última palavra quase ficou engasgada na garganta ao sentir que Bret afastava o cabelo e seus quentes lábios começavam a lhe beijar a nuca.

— Acredito que é melhor que faça um pouco de café — acrescentou, com a intenção de escapar dele. Entretanto, Bret a impediu e seguiu lhe torturando a vulnerável pele. — Acredite que tinha fome...

— Assim é — murmurou ele, sem deixar de lhe mordiscar o lóbulo da orelha. — Estou desfalecido...

Enterrou o rosto na curva do pescoço de Hillary. Ela sentiu que a cozinha começava a dar voltas quando ele deslizou as mãos por debaixo do pulôver.

— Bret, não... — protestou, apesar do desejo que a embargava. Então, tratou de escapar antes de ver-se perdida.

Ele murmurou algo entre dentes e a girou para beijá-la apaixonadamente. Embora tivessem se beijado antes, ele sempre o tinha feito com um certo

controle. Naquele momento, era como se o selvagem terreno que os rodeava se apropriasse dele. Como um homem que esteve reprimindo seu autocontrole muito tempo, assaltou-lhe a boca, separou-lhe os lábios e tomou posse deles. Com uma mão apertava os quadris de Hillary contra o seu próprio corpo, como se quisesse moldá-los juntos em uma única forma. Ela estava se afogando naquela explosão de paixão e se agarrava a Bret enquanto ele lhe percorria o corpo com as mãos, procurando, pedindo, recebendo. O fogo de sua necessidade prendeu também a dela e Hillary se entregou sem reservas, pressionando-se contra ele, desejando só queimar-se por completo naquele calor.

O som do motor de um carro lá fora fez com que Bret soltasse uma praga com voz abafada. Afastou a boca da de Hillary e, depois de apoiar o queixo sobre a cabeça dela, suspirou.

— Nos encontraram, Hillary. É melhor que abra outra lata.

CAPÍTULO SETE

Do exterior se escutaram vozes, a risada de June e o tom elevado de Larry enquanto compartilhavam uma brincadeira. Bret se aproximou da porta para lhes dar as boas vindas enquanto Hillary tentava recuperar um pouco de compostura. O intento de sedução de Bret tinha despertado nela uma resposta selvagem e primitiva. Sabia que, se não os tivessem incomodado, ele não teria se contido nem ela teria protestado. O desejo que tinham experimentado tinha sido muito total, muito abrasador. O rápido início e o súbito final do contato entre ambos a tinha deixado tremendo. Levou as mãos às ardentes bochechas e se dirigiu ao fogão para ocupar-se da sopa e do café com a esperança de que aquelas tarefas tão mecânicas a ajudassem a recuperar o equilíbrio.

— Vejo que já esta trabalhando na cozinha — comentou June ao entrar. Nas mãos levava uma enorme bolsa de papel. — Acaso não é essa atitude própria de um homem?

— Olá — respondeu Hillary, com bastante normalidade. — Parece que os dois nos atribuíram um papel. O que há na bolsa?

— Fornecimentos para um fim de semana na neve — respondeu ela. Rapidamente, desempacotou os conteúdos e tirou leite, queijo e outros produtos frescos.

— Sempre tão eficiente — afirmou Hillary com um sorriso. Pouco a pouco, a tensão ia desaparecendo.

— É muito difícil ser perfeita — brincou June, — mas algumas pessoas nascem assim.

Quando terminaram de preparar o almoço, levaram os talheres e os pratos a uma enorme mesa que havia no salão, com grandes bancos de cada lado. Todos devoraram a singela comida como se tivessem passado meses desde que tinham comido um pedaço de pão. Hillary tratou de refletir a atitude casual de Bret. Ao princípio foi difícil, mas, depois de lançar mão de todo seu orgulho, uniu-se à conversa e recebeu os comentários de Bret com um relaxado sorriso.

Enquanto os dois homens conversavam sobre o tipo de fotografias que queriam, Hillary se retirou com June ao andar superior para ver o dormitório que as duas iriam, compartilhar. Tinha um encanto tão rústico como o resto da casa. A luminosa habitação tinha uma vista espetacular. Havia duas camas, cobertas com rústicos edredons e, uma vez mais, a madeira ditava a nota predominante.

Hillary se ocupou com a mala em que levava todos os seus pertences enquanto June se atirava sobre uma das camas.

— Não lhe parece fantástico este lugar? — exclamou. — Longe das

multidões, dos computadores e dos telefones. Talvez fique nevando com força e tenhamos que ficar aqui até a primavera.

— Só poderíamos ficar aqui se Larry tivesse suficiente filme fotográfico para dois meses. Caso contrário, poderia começar com a síndrome de abstinência — comentou Hillary enquanto tirava uma parca vermelha e uma calça de esqui da mala e os estudava com olho profissional. — Acredito que isto deverá ressaltar bastante na neve.

— Essa cor lhe cairá como uma luva — disse June. — Com a cor de seu cabelo e de sua pele e com a neve como fundo, estará muito bonita. O chefe nunca se engana.

O som de um carro lhes chamou a atenção. As duas se aproximaram da janela para ver como Bud Lewis ajudava Charlene a descer do veículo.

— Céus — suspirou June. Então, olhou com expressão triste para Hillary. — Talvez tenha cometido um...

Atônita, Hillary não deixava de olhar a ruiva cabeça de Charlene.

— Eu não... Bret não me disse que Charlene ia vir também — disse Hillary. Então, enfurecida pela intromissão da ruiva em seu fim de semana, separou-se da janela e seguiu desfazendo a mala.

— A menos que ele não saiba — aventurou June. — Talvez a atire à neve.

— Talvez — replicou Hillary, — o que será que vai acontecer?

— Bom, não vamos saber ficando aqui — afirmou June. Então, dirigiu-se para a porta e agarrou a Hillary pelo braço. — Vamos ver.

Hillary escutou a voz de Charlene enquanto descia pelas escadas.

— Não se importa que eu tenha vindo te fazer companhia, não é, Bret? Pensei que seria uma maravilhosa surpresa.

Hillary entrou no salão a tempo de ver como Bret dava os ombros. Estava sentado de frente ao fogo, com o braço de Charlene sobre o seu.

— Não acreditei que as montanhas fossem de seu gosto, Charlene — disse ele, com um suave sorriso. Se queria vir, poderia ter me dito em vez de dizer ao Bud que eu queria que ele a trouxesse aqui.

— Querido, só foi uma pequena mentira. A intriga resulta tão divertida...

— Esperemos que ‘’sua pequena intriga’’ não a leve a”um grande aborrecimento”. Estamos muito longe de Manhattan.

— Com você eu nunca me aborreço.

Aquela voz tão suave e tão sedutora deixava Hillary irritada. Pode ser que tenha feito algum som que expressasse sua irritação porque os olhos de Bret se voltaram para o lugar onde June e ela estavam de pé. Charlene se voltou também para olhar. Antes de esboçar um vago sorriso, esticou os lábios durante um instante.

Continuando, produziu-se uma troca de saudações pouco sinceras. Hillary optou pela distância e se sentou ao outro lado do salão com Bud enquanto Charlene dedicava toda sua atenção a Bret.

— Pensei que nunca chegaríamos aqui — se queixava Charlene com gesto de petulância. — Por que lhe ocorreu comprar uma casa neste fim de mundo? Não o compreendo, querido. Tanta neve, com nada mais que árvores e rochas. E faz tanto frio... — acrescentou. Então, depois de tremer delicadamente, se agarrou contra ele. — O que é o que faz aqui quando está sozinho?

— Consigo encontrar distrações — respondeu Bret. Então, acendeu um cigarro. — Além disso, nunca estou sozinho. As montanhas estão cheias de vida. Há esquilos, coelhos, raposas... Toda classe de pequenos animais.

— Isso não é precisamente ao que eu me referia por companhia... — sussurrou Charlene, com sua voz mais sedutora.

— Talvez não, mas me entretêm sem me pedir nada em troca. Além disso, frequentemente vejo passar cervos muito perto da cabana quando estou ao lado da janela e também ursos...

— Ursos? — repetiu Charlene horrorizada. — Que horror!

— Ursos de verdade? — perguntou Hillary, muito emocionada. — De que classe? Ursos grizzlies?

— Não, ursos negros, Hillary — respondeu Bret, sorrindo ao ver a reação que ela tinha tido, — mas são grandes. Neste momento estamos a salvo porque estão hibernando — acrescentou, olhando a Charlene.

— Menos mal — sussurrou ela.

— Hillary gosta bastante das montanhas, certo?

— São fabulosas — afirmou ela cheia de entusiasmo. — Tão selvagens e indomesticáveis... Tudo isto deve ter quase o mesmo aspecto que tinha faz um século. Não há nada mais que natureza durante quilômetros e quilômetros.

— Sim, sim, já vejo que se mostra muito entusiasmada — observou Charlene.

Hillary lhe dedicou um olhar assassino.

— Hillary cresceu em uma granja do Kansas — explicou Bret. — Ela não tinha visto antes as montanhas.

— Que pitoresco! — murmurou Charlene, com um sorriso. — Ali cultivam trigo ou algo assim, não é? Imagino que, vindo de uma pequena granja, estará bastante acostumada às condições primitivas.

O tom de superioridade que Charlene tinha utilizado enfureceu totalmente Hillary.

— A granja de meus pais nem é pequena nem primitiva, senhorita Maçom. Suponho que, para alguém como você, seja impossível imaginar a imensidão dos campos de trigo ou os quilômetros de suaves colinas. Não é um ambiente tão

sofisticado como o de Nova Iorque, mas tampouco é pré-histórico. Temos inclusive água corrente, quente e fria, nas casas. Há pessoas que apreciam a terra e a respeitam em todas suas formas.

— Deve ser uma garota acostumada a estar ao ar livre — disse Charlene com voz aborrecida. — Eu prefiro as comodidades e a cultura da grande cidade.

— Acredito que vou dar um passeio antes que anoiteça — anunciou Hillary. Sentia-se furiosa.

Levantou-se rapidamente. Precisava pôr distância entre Charlene e ela antes que perdesse completamente o controle.

— Eu irei com você — disse Bud enquanto ela colocava o casaco. — Tive que carregar essa mulher durante todo o dia — acrescentou em voz muito baixa, com um sorriso de conspiração. — Acredito que o ar fresco me fará muito bem.

Enquanto se dirigiam para a porta, Hillary não pôde conter a risada. Agarrou-se no braço de Bud sem prestar atenção alguma ao cenho que se desenhou sobre certos olhos cinzas que não deixavam de olhá-la.

Uma vez no exterior, os dois respiraram profundamente e puseram-se a rir como meninos. Decidiram dirigir-se para o arroio e seguiram seu curso até entrar mais no bosque. A luz do sol penetrava esporadicamente entre os ramos e reluzia sobre aquele chão aveludado. A tranquila companhia de Bud serviu para relaxar os tensos nervos de Hillary.

Detiveram-se e descansaram sobre uma rocha durante um instante.

— Isto é muito bonito — disse Bud. Hillary produziu um pequeno som que serve tanto de assentimento como de expressão de prazer. — Volto a me sentir humano — acrescentou piscando os olhos. — É muito difícil suportar aquela mulher. Não imagino o que Bret vê nela.

— Parece estranho se eu lhe disser que estou completamente de acordo com você?

Ao notar uma ligeira mudança na luz, que parecia anunciar o proximidade do pôr-do-sol, voltaram para a cabana. Uma vez mais, seguiram o arroio, guiando-se com os rastros que tinham deixado sobre a neve. Quando entraram na cabana, foram repreendidos.

— Vocês não têm sensatez suficiente para saber que não podem vagabundear pelas montanhas depois do entardecer? — espetou-lhes Bret ao vê-los.

— Depois do entardecer? Não diga tolices — replicou Hillary enquanto tirava as botas. Só demos um pequeno passeio seguindo o arroio — acrescentou. Então, perdeu o equilíbrio e se chocou com Bud. Ele a agarrou pela cintura para que não caísse e não retirou a mão enquanto ela tirava a outra bota.

— Deixamos um rastro sobre a neve — afirmou Bud, com um sorriso. É melhor que os miolos de pão.

— O entardecer se transforma em noite fechada com muita rapidez e esta noite não há lua — insistiu Bret. — É muito fácil perder-se.

— Bom, já estamos aqui e não nos perdemos — disse-lhe Hillary. Não há necessidade de organizar uma busca nem de mandar um cão com uma garrafa de conhaque. Onde está June?

— Na cozinha, preparando o jantar.

— Nesse caso, é melhor que eu vá lhe dar uma mão, não acha?

Dedicou-lhe um radiante sorriso e deixou os dois homens sozinhos para que Bud enfrentasse ao mau gênio de seu chefe.

— Ninguém gosta de preparar a comida sozinha — disse Hillary enquanto entrava na cozinha.

— Diga-se a senhorita Orgulhosa — comentou June enquanto desembrulhava os files. — Estava tão cansada depois de tão árdua viagem que teve que descansar um momento antes de jantar.

— Pois é uma bênção — afirmou Hillary enquanto se unia a sua amiga para preparar o jantar. — Quem disse que temos que ser nós a fazer a comida? Não acredito que figure em meu contrato.

— Fui eu.

— Voluntariamente?

— Simplesmente, provei os talentos culinários do Larry e não quis correr outra vez o risco de uma intoxicação. Quanto ao chefe, até o café faz mal. No que se refere ao Bud... bom, pode ser que seja um cozinheiro genial, mas não estava disposta a correr o risco.

— Entendi.

Em alegre companhia, as duas prepararam o jantar. Deram vida à cozinha com o tamborilar dos pratos e o chiado da carne. De repente, Larry se materializou na porta.

— Que bom! Estou morto de fome — anunciou. — Quando fica pronto?

— Toma — disse June lhe entregando um monte de pratos. — Vá pôr a mesa... assim não pensará em seu estômago.

— Sabia que tinha que me manter afastado da cozinha — grunhiu ele. Então, desapareceu em direção ao salão.

— Suponho que é o ar da montanha — comentou Hillary, quando estiveram todos sentados ao redor da mesa do salão e começaram o jantar, — mas estou morta de fome.

Ver como Bret esboçava um lento sorriso lhe fez recordar a cena que tinha acontecido horas antes na cozinha. A cor tingiu suas bochechas. Tomou a taça de vinho para dissimular e, depois de dar um bom gole, dedicou de novo toda sua atenção à comida.

Quando chegou a hora de recolher, ouve certa confusão e desorganização ao que, June levantou as mãos e tirou todos os homens da cozinha.

— Eu sou o chefe — lhe recordou Bret. — sou eu quem dá as ordens.

— Até na segunda-feira não — replicou ela antes de lhe dar um bom empurrão. Então, observou com desaprovação como Charlene partia com ele. — Melhor — disse para Hillary. — Provavelmente não teria podido evitar afogá-la na pia.

Mais tarde, a festa se prolongou no salão. Depois de tomar o conhaque que lhe ofereceu Bret, Hillary se sentou sobre uma pequena banqueta perto do fogo. Observou como dançavam as chamas sem dar-se conta da imagem que tinha. O cabelo e as bochechas lhe reluziam com a suave luz e tinha uma expressão suave e sonhadora nos olhos. Só uma pequena porção de sua mente registrava a conversa que estava se produzindo e o tinido ocasional das taças. Com os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça sobre as Palmas das mãos, deixou-se apartar pela magia do fogo de todo pensamento consciente.

— Hipnotizaram-lhe as chamas, Hillary? — perguntou-lhe Bret de repente, enquanto se agachava para sentar-se sobre o tapete, ao lado dela.

— Acredito que sim — respondeu ela. — Vêem-se imagens se sabe as buscar. Por exemplo, ali há um castelo com suas torres e ali um cavalo com as crinas flutuando sobre o vento.

— E ali um ancião sentado sobre uma cadeira de balanço — disse ele.

Hillary se voltou para olhá-lo, muito surpreendida de que ele tivesse visto também aquela imagem.

Bret lhe devolveu o olhar com a intensidade de um abraço. Ela se levantou imediatamente, afligida pela debilidade que aqueles olhos eram capazes de evocar.

— Foi um dia muito longo — anunciou, sem olhá-lo nos olhos. — Acredito que vou para cama. Não quero que Larry se queixe amanhã pela manhã de que tenho um aspecto muito cansado.

Depois de dar boa noite a todos os pressente, partiu rapidamente do salão sem dar a Bret a oportunidade de dizer nada mais.

Quando despertou na primeira hora da manhã, o dormitório estava iluminado pela tênue luz do alvorada. Estirou os braços e se incorporou na cama, sabendo que já não poderia dormir mais. Quando se meteu entre os lençóis na noite anterior, suas emoções estavam envoltas em uma profunda confusão. Acreditou que passaria horas dando voltas na cama, mas se surpreendeu ao dar-se conta de que, não só dormiu imediatamente, mas também tinha descansado muito profundamente, o que a fazia receber o novo dia com alegria.

June continuava dormindo, por isso Hillary se levantou da cama e começou a vestir-se absolutamente em silencio. Colocou um pulôver azul marinho com uma calça verde musgo. Decidiu prescindir da maquiagem e colocou o macacão de esquiar que Bret lhe tinha proporcionado. Continuando, colocou a boina na cabeça.

Desceu com muito cuidado as escadas e escutou como eram lindos os sons da manhã. Entretanto, a cabana seguia envolta em um profundo silêncio. Depois de colocar as botas e as luvas, Hillary saiu da cabana.

O sol brilhava com força. O bosque estava em silêncio. Parecia que o tempo se deteve e que as montanhas fossem uma terra mágica sem habitantes humanos. Seus únicos companheiros eram os majestosos pinheiros cobertos de neve e cujo forte aroma penetrava o ar.

— Estou sozinha — disse em voz alta. — Não há outra alma no mundo inteiro — acrescentou. Então, pôs-se a correr pela neve, embriagada pela liberação que sentia. — Sou livre!

Começou a jogar neve para cima de sua cabeça ao mesmo tempo que dava voltas sobre si mesmo antes de lançar-se sobre o frio manto branco.

Contemplou uma vez mais as nevadas montanhas e compreendeu que seu coração se expandiu para deixar lugar a um novo amor. Estava apaixonada pelas montanhas, do mesmo jeito que era pelos campos de trigo. O novo e o velho amor a enchiam de alegria. Ficou de pé rapidamente e pôs-se a correr uma vez mais pela neve, de deixar-se cair de costas. Ficou ali, tombada, com braços e pernas estendidos, olhando o céu até que um rosto adornado com uns risonhos olhos cinzas entrou em sua linha de visão.

— O que está fazendo, Hillary?

— Fazendo um anjo — replicou ela. — Olhe. Deite-se e mova os braços e as pernas assim — lhe explicou, para lhe fazer uma demonstração imediatamente. — O truque é levantar-se sem danificá-lo. Requer uma tremenda habilidade e um equilíbrio perfeito.

Sentou-se com muito cuidado e logo apoiou todo seu peso sobre os pés. Continuando, começou a ficar de pé sem deixar de cambalear-se.

— Me dê a mão — lhe ordenou. — Perdi prática — explicou. Agarrou-se à mão que Bret lhe estendia e, então, deu um salto. Depois, deu a volta para admirar o resultado. Vê? É um anjo.

— Muito bonito. Tem muito talento.

— Sim, eu sei. Não acreditava que houvesse ninguém mais acordado — comentou enquanto sacudia a neve do traseiro.

— Vi você dançando na neve pela minha janela. Do que você está brincando?

— Estava sozinha em meio a tudo isto — respondeu ela. Voltou a dar voltas

sobre si mesmo com os braços estendidos.

— A gente nunca está sozinho aqui. Olhe.

Bret indicou o bosque. Hillary abriu os olhos de par em par ao ver o enorme cervo que a olhava fixamente. Sua gargalhada lhe adornava a cabeça como se fora uma coroa.

— É magnífico — sussurrou, antes que o cervo se desse a volta e desaparecesse no coração do bosque. — OH, estou apaixonada! — exclamou voltando de novo a correr pela neve. — Estou completamente apaixonada por este lugar! Quem precisa de um homem quando se pode ter tudo isto?

— Sério? — perguntou Bret.

Hillary sentiu que uma bola de neve lhe golpeava a parte posterior da cabeça. Voltou-se e o olhou com olhos entreabertos.

— Já sabe que, é obvio, isto significa guerra.

Tomou um punhado de neve e o transformou rapidamente em uma bola. Então, o lançou contra Bret com força. E assim começaram os disparos de neve, embora as bolas davam no alvo quase tão frequentemente como falhavam. Pouco a pouco, Bret foi aproximando-se e Hillary teve que sair-se em uma retirada estratégica. Sua fuga se viu interrompida quando ele a agarrou e a atirou ao chão para rodar com ela pela neve. As bochechas de Hillary reluziam pelo frio e os olhos brilhavam de alegria.

— Muito bem, você ganhou, você ganhou...

— Assim é — afirmou ele. — E o vencedor fica com o bota de cano longo.

Beijou-a brandamente, movendo os lábios em cima dos dela com rapidez. Rapidamente, conseguiu sossegar as gargalhadas de Hillary.

— Cedo ou tarde, sempre ganho — murmurou enquanto lhe beijava os olhos fechados. — E me parece que não fazemos isto com suficiente frequência — acrescentou. Então, aprofundou o beijo até que os sentidos de Hillary começaram a dar voltas. — Tem neve por toda a cara...

Acariciou-lhe a bochecha com os lábios. Com a língua, foi retirando um a um todos os flocos. Sem poder evitá-lo, Hillary sentiu um delicioso tremor.

— Oh, Hillary. É uma criatura tão deliciosa... — sussurrou. Olhou-a fixamente nos olhos e respirou profundamente. Continuando, começou a lhe tirar a neve com as mãos. Acredito que os outros já se levantaram. Vamos tomar o café da manhã.Venha, Hillary.

***

Estava uma vez mais sobre a neve, mas daquela vez ia acompanhada por Larry e sua câmera. Estava fazendo fotografias durante horas, assim parecia a

Hillary. Ela desejou que a sessão terminasse. Não fazia mais que pensar no chocolate quente que tomaria diante da lareira.

— Muito bem, Hillary. Volte para a terra. Supõe-se que está se divertindo, não perdida em seus pensamentos.

— Espero que suas objetivas congelem — replicou ela, com um sorriso.

— Basta, Hillary — protestou Larry enquanto seguia tomando fotografias. Muito bem, isso servirá.

Ao ouvir aquelas palavras, Hillary desabou sobre a neve fingindo um desmaio. Larry se inclinou sobre ela e tirou outra fotografia. Ela se se pôs a rir.

— São cada vez mais longas as sessões, Larry, ou é minha impressão?

— É sua impressão — respondeu ele. — Já chegou o topo de sua carreira. A partir de agora tudo irá cair — brincou.

— Vou te mostrar já o que vai começar a cair — replicou Hillary. Ficou rapidamente de pé e agarrou um punhado de neve.

— Não, Hillary, não — suplicou Larry enquanto protegia sua câmera. — Recorda as fotos que acabo de tirar. Não perca o controle — acrescentou. Então, deu-se a volta e pôs-se a correr para a cabana.

— Cheguei ao fim de minha carreira, né? Toma!

A bola de neve golpeou Larry de cheio nas costas. Continuando, pôs-se a correr atrás dele e, quando o alcançou, lhe subiu às costas e começou a lhe golpear na cabeça.

— Continue — lhe disse Larry transportando-a sem esforço algum. — Estrangule-me, me cause uma comoção cerebral... mas não toque em minha câmera.

Justo quando se aproximavam da cabana, Bret saiu de seu interior.

— Olá, Larry — disse. — Acabou?

— Senhor Bardoff — comentou ela em tom muito sério, tenho que falar com você. Acredito que devemos contratar um novo fotógrafo. Este acaba de sugerir que minha carreira está acabada.

— Eu não tenho culpa — protestou Larry. Figuradamente, levo meses com você nos braços e agora a transporto literalmente. Acredito que está engordando.

— Isso é o cúmulo — protestou ela. — Agora já não tem jeito. Tenho que matá-lo!

— Deixa-o durante mais alguns dias, certo? — pediu-lhe June, que acabava de aparecer na porta. — Ele não sabe ainda, mas vou leva-lo para um passeio pelo bosque.

— Muito bem — afirmou Hillary deveria me dar o tempo suficiente para considerar minha decisão. Deixe-me no chão, Larry. Acabo de lhe conceder um indulto.

— Está com frio? — perguntou— Bret a Hillary, quando entraram na cabana e ela começou a despojar-se do macacão de esquiar.

— Estou congelada. Há alguns entre nós que têm anti-congelante em vez de sangue nas veias.

— Exercer a profissão de modelo não é só glamour e sorrisos, verdade? — perguntou Bret enquanto ela se sacudia a neve do cabelo. Está satisfeita? — quis saber ele de repente. — Não deseja nada mais?

— Esta é minha profissão e é o que sei fazer.

— Mas, é o que quer fazer? — insistiu ele. — É a única coisa que deseja fazer?

— A única? Parece-me que é mais que suficiente — replicou ela.

Bret a observou durante um instante. Então, deu a volta e partiu. Inclusive com jeans, movia-se com uma grande elegância. Completamente perplexa, Hillary observou como desaparecia pelo corredor.

A tarde passou muito tranquilamente. Hillary tomou o chocolate quente com o qual tanto tinha sonhado e cochilou um momento sobre uma poltrona que havia ao lado do fogo. Continuando, observou como Bret e Bud jogavam xadrez.

Charlene não deixava Bret nem um só instante, apesar de acompanhar a partida com evidente aborrecimento. Quando terminaram de jogar, insistiu que Bret lhe mostrasse o bosque. Para Hillary foi evidente que não estava pensando nem nas árvores nem nos esquilos.

Pouco a pouco, começou a obscurecer. Charlene, com aspecto um pouco zangado depois de seu passeio, queixou-se sobre o frio e logo anunciou como se tratasse de uma rainha que ia tomar um banho durante ao menos uma hora.

Jantaram um guisado de carne, que desgostou profundamente à ruiva. Compensou seu descontentamento bebendo mais vinho do que aconselhável. Ninguém prestava atenção a suas inumeráveis queixas, por isso o jantar passou em um ambiente de pessoas que se acostumaram à companhia dos outros.

Uma vez mais, Hillary e June tomaram conta da cozinha. Estavam a ponto de terminar de recolher quando Charlene entrou, com outra taça de vinho na mão.

— Acabou já com seus afazeres femininos? — perguntou com um profundo sarcasmo.

— Sim. Agradecemos profundamente sua ajuda — replicou June enquanto colocava os pratos em um aparador.

— Se não se importar, eu gostaria de falar com Hillary.

— Não, claro que não me importo — respondeu June. Sem alterar-se, seguiu guardando pratos.

Charlene se dirigiu para o fogão, que Hillary estava limpando.

— Não penso tolerar seu comportamento durante mais tempo — lhe espetou.

— Muito bem. Se prefere fazê-lo você... — replicou. Ato seguido, ofereceu-lhe a bucha com a qual estava limpando.

— A vi esta manhã com Bret — lhe espetou Charlene.

— Sim? — repôs Hillary. Então, voltou a centrar toda sua atenção na limpeza da cozinha. — Na realidade, estava lhe atirando bolas de neve. Eu acreditava que você estava dormindo.

— Bret despertou quando me levantei da cama.

Charlene tinha falado com voz suave, mas a implicação de suas palavras era evidente. A dor se apoderou de Hillary. Como podia ter abandonado Bret os braços de uma mulher para ir tão facilmente aos de outra? Fechou os olhos e se sentiu empalidecer. A diversão e a intimidade que tinham compartilhado naquela manhã carecia de significado. Agarrou-se a seu orgulho desesperadamente e voltou a enfrentar Charlene.

— Cada um tem direito a ter seus gostos — replicou.

Charlene se ruborizou dramaticamente. Depois de lançar uma furiosa praga, derramou o conteúdo da taça sobre o pulôver de Hillary.

— Com isso foste muito longe, Charlene! — explodiu June, muito zangada. — Não vai sair desta assim.

— Perderá seu trabalho por haver falado comigo assim.

— Tenta. Quando meu chefe ver o que...

— Já basta! — interrompeu-as Hillary. — Não quero que faça uma cena, June.

— Mas Hillary...

— Não, por favor. Esqueça. Falo sério — afirmou, apesar de sentir necessidade de arrancar o cabelo de Charlene. — Não precisa colocar Bret nisto. Já tive mais que suficiente.

— Muito bem, Hillary — disse June. Então, lançou a Charlene um olhar de desprezo. Só por você.

Hillary saiu da cozinha com rapidez. Desejava desesperadamente poder alcançar o santuário de seu quarto. Entretanto, antes que chegasse à escada, encontrou-se com Bret.

— Acaso esteve na guerra, Hillary? — perguntou-lhe, ao ver as manchas vermelhas que levava no pulôver. — E parece que perdeu.

— Eu não tinha nada que perder — murmurou ela antes de tratar de seguir com seu caminho.

— Um momento... O que aconteceu? — perguntou-lhe Bret segurando-a pelo braço.

— Nada...

— Não me venha com essa... olhe para você — ordenou-lhe Bret. Tratou de segurar Hillary pelo queixo, mas ela o impediu. — Não faça isso. O que

aconteceu? — insistiu. Agarrou-lhe o rosto e o imobilizou.

— Não aconteceu nada — replicou ela. — Simplesmente estou cansada de que me usem.

Rapidamente, observou como os olhos de Bret se obscureciam até alcançar uma obscura expressão.

— Tem sorte de que haja outras pessoas na casa ou te daria um bom exemplo do que é realmente usar. É uma pena que eu respeite sua frágil inocência, mas lhe asseguro que, no futuro, não manterei as mãos afastadas de você.

Bret a soltou por fim. Então, com o queixo e o braço doloridos pela pressão, Hillary o empurrou com suavidade e começou a subir tranquilamente as escadas.

CAPÍTULO OITO

Fevereiro deu passo a março. O tempo era tão chato e triste como o estado de ânimo de Hillary. Desde aquele fatídico fim de semana nos Adirondacks não havia tido notícias de Bret nem esperava ter.

A edição da Mode com a reportagem de Hillary tinha sido publicada, mas ela não pôde entusiasmar-se de modo algum enquanto olhava as fotografias que cobriam as páginas. O sorridente rosto do papel parecia pertencer à outra pessoa, a uma desconhecida que Hillary não reconhecia e nem se identificava. Entretanto, a reportagem foi um sucesso e a revistas venderam rapidamente. Ela se viu cheia de constantes ofertas de trabalho, mas nenhuma delas a emocionava. Contemplava a continuidade de sua carreira com infinita indiferença.

Uma chamada de June pôs fim a sua apatia. A chamada era para uma reunião com Bret Bardoff. Hillary não sabia se aceitava, mas decidiu que preferia enfrentar Bret em seu escritório, do que em sua casa.

Vestiu-se cuidadosamente para a reunião. Escolheu um elegante traje amarelo claro. Prendeu o cabelo e o cobriu com um chapéu de aba larga. Depois de olhar-se cuidadosamente, ficou muito satisfeita com a imagem de tranquilidade e sofisticação que lhe devolvia o espelho.

Enquanto subia do elevador ao escritório de Bret, Hillary se disse que devia permanecer distante, por isso refletiu em seu rosto uma expressão de fria cortesia. Decidiu que ele não veria a dor que a embargava. Ela mesma se ocuparia de ocultar bem sua vulnerabilidade. Sua habilidade para refletir o que a câmera lhe pedia seria sua defesa. Seus anos de experiência não a trairiam.

June a saudou com um alegre sorriso.

— Entra — disse, enquanto apertava um botão do intercomunicador. — Ele está esperando.

Hillary sufocou o medo e secolocou um permanente sorriso antes de entrar na jaula do leão.

— Boa tarde, Hillary — a saudou Bret. Recostou-se em seu assento, mas não se levantou. — Sente-se.

— Olá, Bret — respondeu ela, com um tom de cortesia idêntico ao que Bret tinha utilizado. Manteve o sorriso apesar do estômago começar a se tensionar ao ver os olhos dele.

— Tem bom aspecto.

— Obrigado, você também.

— Acabo de olhar de novo a reportagem. Teve tanto êxito como esperávamos.

— Sim, fico feliz que tenha saído bom para todos.

— Qual destas mulheres é você? — perguntou ele enquanto observava as fotografias. — A alegre menina, a mulher elegante, a profissional dedicada, a amante, a devota mãe ou a exótica sedutora? — acrescentou. De repente, estava olhando a Hillary muito fixamente nos olhos.

— Eu sou só um rosto e um corpo que faz o que pedem, sou apenas uma imagem. Por isso me contratou, não é verdade?

— Quer dizer que, como um camaleão, muda de uma a outra conforme se exige.

— Por isso me pagam — respondeu ela. Sentia-se ligeiramente incomodada.

— Ouvi que recebeu várias ofertas. Deve estar muito ocupada.

— Sim — mentiu ela fingindo entusiasmo. Foi muito emocionante. Ainda não decidi quais aceitar. Disseram-me que deveria contratar um agente para que se ocupe deste tipo de coisas. Tenho uma oferta de um fabricante de perfumes muito conhecido que implica um contrato a longo prazo, três anos de publicidade na televisão e, é obvio, nas revistas. Acredito que, no momento, é a mais interessante...

— Creio que sim. Também ouvi dizer que uma rede de televisão está interessada em você.

— Sim, mas também teria que atuar, por isso tenho que pensar muito bem. Não sei se seria bom escolher algo assim.

Bret ficou de pé e deu a volta para olhar pela janela. Ela o observou sem dizer uma palavra, perguntando-se no que estaria pensando. Sem poder evitar, olhou como o sol se refletia em seu abundante cabelo.

— Já terminou o contrato que tinha comigo, Hillary. Embora esteja disposto a lhe fazer uma oferta, não seria tão lucrativa quanto a de um canal de televisão.

Outro contrato... Hillary se alegrou de que ele estivesse de costas para que não pudesse observar a expressão de seu rosto. Ao menos, já sabia por que ele tinha desejado vê-la. Só era para lhe oferecer outro contrato, outro pedaço de papel. Embora não tivesse intenção alguma de aceitar nenhum dos outros contratos, teria que recusar a oferta do Bret. Não poderia suportar voltar a trabalhar com ele.

Antes de responder, ficou de pé.

— Agradeço muito a sua oferta, Bret, mas devo pensar em minha trajetória profissional. Estou mais que agradecida pela oportunidade que me deu, mas...

— Já disse antes que não quero sua gratidão! — exclamou ele, interrompendo-a. Então, voltou-se para olhá-la. — Não me interessam as expressões obrigatórias de gratidão e apreciação. O quer que tenha recebido como resultado de seu trabalho em minha revista, você ganhou isso sozinha. Agora, tire esse chapéu para que possa ver seu rosto.

Sem esperar que Hillary o fizesse, agarrou-lhe o chapéu e o colocou nas mãos. Hillary resistiu a necessidade que sentia de engolir saliva. Olhou-o nos olhos sem pestanejar.

— Você é a autora de seu próprio êxito, Hillary. Eu, nem sou responsável por ele nem quero sê-lo — acrescentou ele em um tom de voz mais tranquilo e preciso, com um esforço aparente para recuperar o controle. — Não espero que aceite a oferta que eu lhe faço. Entretanto, se mudar de opinião, estaria disposto a negociar. Faça o que queira, desejo boa sorte... Eu gostaria de acreditar que é feliz.

— Obrigado — replicou ela. Com um ligeiro sorriso nos lábios, deu a volta e se dirigiu à porta.

— Hillary...

Com a mão já posta na porta, ela fechou os olhos durante um instante e tratou de encontrar a força necessária para enfrentá-lo de novo.

— Sim? — perguntou por fim.

Bret a olhou fixamente. Deu-lhe a sensação de que estava memorizando todos e cada um de seus traços.

— Adeus.

— Adeus — respondeu ela. Então, abriu a porta e saiu.

***

Completamente aturdida, apoiou-se contra o reverso da porta. June a olhou assombrada.

— Encontra-se bem, Hillary? O que aconteceu?

Hillary a olhou fixamente sem compreender. Então, sacudiu a cabeça.

— Nada — sussurrou. — E tudo.

Com um soluço sufocado saiu correndo do escritório.

Algumas noites depois, Hillary tomou um táxi com pouco entusiasmo. Tinha permitido que Larry e June a persuadissem para que assistisse a uma festa no outro lado da cidade, no apartamento de cobertura de Bud Lewis. Sabia que não devia afundar nem isolar-se de seus amigos. Enquanto se enrolava em seu xale paratentar se proteger da fresca brisa de abril, disse-se que já era hora de pensar no futuro. Passar o dia sentada em casa não ia lhe servir de nada.

Como resultado de tanta reflexão, chegou à festa com ânimo para divertir-se. Bud a acompanhou até o bar e lhe perguntou o que gostaria de tomar. Hillary estava a ponto de pedir sua habitual bebida sem álcool quando um balde cheio de um ponche de cor rosada lhe chamou a atenção.

— Oh, isso tem bom aspecto. O que é?

— Ponche de frutas — lhe informou enquanto lhe enchia um copo sem esperar sua resposta.

Hillary decidiu que seria uma bebida bastante inofensiva. Deu um gole e lhe pareceu deliciosa. Então, começou a misturar-se com os convidados.

Saudou pessoas já conhecidas e os rostos novos, detendo-se de vez em quando para rir ou conversar. Ia de grupo em grupo, surpreendida pela alegria que sentia. A depressão e a infelicidade pareciam haver-se dissolvido como a bruma do verão. Aquilo era o que tinha necessitado desde o começo. Gente, música e uma nova atitude ante a vida.

Já havia tomado três copos de ponche e estava passando bem. Estava flertando com um homem alto e moreno, que tinha se apresentado como Paul, quando uma voz conhecida falou a suas costas.

— Olá, Hillary. Que casualidade encontrá-la aqui.

Hillary deu a volta e se surpreendeu ao ver Bret. Só tinha aceitado ir à festa porque June lhe tinha assegurado que Bret tinha outros planos. Dedicou-lhe um vago sorriso e, durante um instante, perguntou-se por que sua imagem estava algo imprecisa.

— Olá Bret. Decidiu se misturar com seus súditos esta noite?

Olhou as ruborizadas bochechas e o ausente sorriso antes de observá-la de cima abaixo. Quando voltou a olhar seu rosto, tinha uma sobrancelha franzida.

— Faço-o de vez em quando... É bom para minha imagem.

— Mmm — replicou ela antes de tomar o resto de ponche que estava no copo. — Temos mesmo que cuidar de nossas imagens, não? — acrescentou. Então, voltou-se para o homem que estava de pé a seu lado com um brilhante sorriso. — Paul, seja bonzinho e traga outro deste para mim. É o ponche... esse que está sobre a mesa.

— Quanto já tomou, Hillary? — perguntou Bret enquanto Paul ia cumprir o encargo. — Pensei que duas taças eram seu limite.

— Esta noite não há limite — replicou ela com um violento movimento de cabeça. — Estou celebrando meu renascimento. Além disso, só é ponche de frutas.

— Pelo aspecto que tem, eu diria que é feito com frutas muito alcoólicas. Depois de tudo, talvez devesse considerar os benefícios do café.

— Não seja chato — ela disse, enquanto tocava com um dedo os botões da camisa que ele usava. — Seda... Sempre senti uma grande atração pela seda. Larry está aqui, sabe? Sem a sua câmera. Quase não o reconheci sem ela.

— Acredito que não passará muito tempo antes que tenha dificuldade até para reconhecer sua própria mãe.

— Não, minha mãe só faz fotos com uma Polaroid, de vez em quando — lhe

informou enquanto Paul retornava com sua bebida. Depois de dar um longo gole, agarrou Paul pelo braço. — Dança comigo. Eu adoro dançar. Toma — disse, entregando o copo para Bret segurar.

Sentia-se leve e livre enquanto dançava ao ritmo da música. A sala parecia dar voltas ao ritmo da música e a enchia com uma desconhecida sensação de euforia. Paul lhe disse algo ao ouvido que ela não pôde compreender, por isso se limitou a suspirar como resposta.

Quando a música se deteve, uma mão lhe tocou no braço. Girou e encontrou Bret ao lado dela.

— Acaso quer você dançar comigo? — perguntou ela enquanto tirava o cabelo do rosto.

— Acho melhor irmos embora — disse ele. Então, começou a lhe puxar pelo braço.

— Entretanto, eu não desejo partir — disse ela. — É muito cedo e estou me divertindo.

— Isso já percebi — replicou ele, sem deixar de segurá-la, — mas vamos embora.

— Não tem que me levar para casa. Posso tomar um táxi sozinha. Ou talvez Paul possa me levar.

— É uma idiota — rugiu ele enquanto a arrastava entre a multidão.

— Quero dançar um pouco mais — repôs Hillary. Então, deu-se uma rápida volta e se chocou com o torso de Bret. Quer dançar comigo?

— Esta noite não, Hillary — suspirou. Então, olhou atentamente para Hillary. — Suponho que terei que fazer isto do modo mais difícil.

Com um rápido movimento, a jogou sobre o ombro e começou a abrir-se passo entre os convidados da festa, que os observavam completamente atônitos. Em vez de encher-se de indignação. Hillary começou a rir.

— Que legal! Meu pai estava acostumado a me levar assim.

— Genial.

— Por aqui, chefe.

June estava ao lado da porta com a bolsa e o xale de Hillary nas mãos.

— Já tem tudo sob controle?

— Terei-o — respondeu ele enquanto saía do apartamento.

Tirou Hillary do edifício e a deixou sem cerimônia alguma em seu carro.

— Pronto — lhe disse. — Agora, ponha isto.

— Não tenho frio — replicou ela. Então, lançou o xale contra o assento traseiro. — Sinto-me maravilhosa.

— Estou seguro disso — comentou Bret. Entrou no carro e lhe lançou um olhar antes de ligar o motor. — Tem suficiente álcool no sangue para esquentar

um edifício de dois andares.

— Só é ponche de frutas — insistiu Hillary. — Oh, olhe a lua! — acrescentou. equilibrou-se rapidamente sobre o banco e contemplou absorta o disco de prata que brilhava no céu. — Eu adoro a lua cheia. Vamos dar um passeio.

— Não.

— Não tem idéia de como é tão desmancha-prazeres.

Continuando, Hillary voltou a recostar-se contra o assento e começou a cantarolar enquanto Bret conduzia. Por fim, deteve o carro no estacionamento do edifício de Hillary e se voltou paraa olhá-la.

— Está bem, Hillary. Pode andar ou a levo?

— Claro que posso andar. Estou há anos e anos andando — replicou ela. Então, abriu a porta do carro e saiu para demonstrar-lhe. — Vê? Tenho um equilíbrio perfeito — acrescentou em voz alta apesar de cambalear perigosamente.

— Claro, Hillary. Poderia ser equilibrista — comentou ele. Então, agarrou-a pelo braço para evitar que terminasse no chão. Continuando, tomou-a entre seus braços e a segurou contra seu peito. Ela o permitiu e inclusive lhe rodeou o pescoço com os braços.

— Eu gosto mais assim — disse Hillary enquanto subiam no elevador. — Sabe o que sempre desejei fazer?

— O que? — perguntou Bret, sem incomodar-se em girar a cabeça. Naquele momento, ela começou a lhe mordiscar a orelha brandamente. — Hillary... — sussurrou, mas lhe interrompeu.

— Tem uma boca fascinante — murmurou enquanto a acariciava com a ponta do dedo.

— Hillary, detenha...

— E também um rosto muito agradável. Além disso, esses olhos me cativaram — murmurou. Começou a lhe percorrer o pescoço com a boca e Bret deu um suspiro de alívio quando as portas do elevador por fim se abriram. — Que cheiro bom você tem!

Bret tratou de encontrar as chaves de Hillary apesar de levá-la nos braços e de não deixar de sentir sua boca contra a orelha.

— Hillary, basta — lhe ordenou. vai fazer com que me esqueça que este jogo tem regras.

Quando por fim conseguiu completar o delicado processo de abrir a porta, apoiou-se contra a madeira durante um instante e respirou profundamente.

— Eu acreditava que os homens gostassem de ser seduzidos — sussurrou ela sem deixar de esfregar sua face contra a dele.

— Escuta, Hillary...

Quando girou a cabeça, notou que lhe capturava a boca.

— Eu adoro beijá-lo — disse ela. Então, bocejou e encostou a cabeça contra o pescoço de Bret.

— Hillary... Pelo amor de Deus!

Com muita dificuldade conseguiu chegar ao dormitório enquanto ela seguia murmurando palavras incoerentes. Tratou de deixá-la sobre a colcha, mas Hillary não lhe soltou do pescoço, o que fez com que Bret perdesse o equilíbrio e caísse em cima dela. Uma vez mais, a jovem apertou os lábios contra os dele. Desesperadamente, Bret tentou soltar-se.

— Não sabe o que está fazendo — afirmou Bret. Com um sonolento gemido, ela fechou os olhos. — Tem algo debaixo desse vestido? — quis saber enquanto lhe tirava os sapatos.

— Mmm... um ligeiro movimento.

— O que está dizendo?

Dedicou-lhe um sorriso e murmurou algo. Bret respirou profundamente, deu a volta e começou a descer o vestido, afastou o tecido dos ombros e em seguida o deslizou ao longo de todo o corpo.

— Vai pagar por isso — lhe advertiu.

As maldições de Bret foram mais eloqüentes quando se viu obrigado a não prestar atenção alguma a suave pele de Hillary sob um minúsculo pedaço de seda. Afastou os lençóis e a meteu na cama. Hillary suspirou e se deitou contra o travesseiro.

Por sua parte, Bret se dirigiu para a porta e se apoiou contra a soleira. Permitiu-se contemplar Hillary enquanto ela se inundava em um plácido sonho.

— Não posso acreditar nisso. Devo estar louco — sussurrou. — Vou me odiar pela manhã...

Depois de dar um longo suspiro, foi em busca da garrafa de uísque que Hillary guardava na cozinha.

CAPÍTULO NOVE

Hillary despertou com a brilhante luz do sol. Piscou repetidamente para tratar de focar os objetos familiares que via ao seu redor. Então, incorporou-se na cama e lançou um grunhido. A cabeça doía e parecia que tinha a boca cheia de areia. Colocou os pés sobre o chão e tratou de ficar de pé, mas só conseguiu voltar a cair sobre a cama com um gemido. O dormitório parecia dar voltas a seu redor como se fosse um carrossel. Agarrou a cabeça com as mãos com a esperança de detê-lo.

"O que bebi ontem à noite?", perguntou-se. Com muita dificuldade, conseguiu levantar-se e ir a seu armário para procurar um robe.

Viu que seu vestido estava atirado aos pés da cama e o observou cheia de confusão. Não recordava de havê-lo tirado. Atônita, sacudiu a cabeça e pressionou uma mão contra a têmpora. Decidiu que o que precisava era de uma aspirina, um suco e uma ducha fria. Ao ver que sapatos e uma jaqueta de homem estavam na sala, deteve-se em seco e se apoiou contra a parede.

— Deus santo — sussurrou.

Pouco a pouco, foi recuperando as lembranças. Bret a tinha trazido até em casa e ela... Ao recordar a conduta que mostrou no elevador pôs-se a tremer. O que teria ocorrido depois? Só podia recordar retalhos, pequenas peças como as de um quebra-cabeça destroçado contra o chão... Pensar que cedo ou tarde teria que voltar e reconstruí-lo desgostava-a profundamente.

— Bom dia, querida.

Hillary deu a volta lentamente. Quando viu que Bret estava sorrindo empalideceu um pouco mais. Vestia apenas calças e levava uma camisa em cima do ombro. A umidade de seu cabelo revelava o fato de que acabava de sair da ducha. "De minha ducha", pensou ela enquanto o olhava fixamente.

— Um pouco de café faria muito bem a você — comentou ele.

Então, beijou-a levemente na face, de um modo tão íntimo que Hillary sentiu um nó no estômago. A grandes passos se dirigiu à cozinha e ela o seguiu, aterrorizada. Depois de conectar o aquecedor de água, Bret se voltou e lhe agarrou a cintura com os braços.

— Esteve magnífica — sussurrou enquanto lhe acariciava brandamente a fronte com os lábios. Hillary acreditou que estava a ponto de desmaiar. — Divertiu-se tanto como eu?

— Bom, suponho... Não... Não me lembro de nada exatamente.

— Não se lembra? — perguntou ele, incrédulo. — Como pôde esquecer? Foi maravilhoso.

— Eu estava... Oh... — murmurou. Então, cobriu-se o rosto com as mãos. — Minha cabeça...

— Está com ressaca? — perguntou ele muito preocupado. — Eu a ajudarei...

Bret saiu de seu lado e começou a procurar na geladeira.

— Como posso ter ressaca? Só tomei um pouco de ponche.

— E três tipos de rum.

— Rum? — repetiu ela. Então, franziu o cenho e tentou se lembrar. — Eu não tomei nada mais que...

— Esse ponche de frutas — respondeu ele enquanto tentava encontrar seu remédio. — O preparam, principalmente, com três tipos de rum, branco, madurado e antigo.

— Não sabia... Nesse caso bebi muito. Não estou acostumada. Você... você se aproveitou que eu...

— Eu? — perguntou ele com um copo na mão enquanto a olhava completamente atônito. — Céu, eu não poderia nem sequer dominá-la... É uma verdadeira tigresa quando quer — acrescentou, com um sorriso.

— Acaba de dizer algo horrível — explorou ela. Então, gemeu quando a cabeça começou a zumbir implacavelmente.

— Toma, bebe — disse Bret lhe oferecendo um copo. Hillary o olhou sem saber o que fazer.

— O que tem?

— Não pergunte — lhe aconselhou. — Só beba isso...

Hillary tomou a bebida de um só golpe e logo pôs-se a tremer quando sentiu como descia o líquido pela garganta.

— Ugh.

— É o preço que se tem que pagar por embebedar-se, meu amor.

— Eu não me embebedei exatamente — protestou ela. — Só estava algo... aturdida. E você... — espetou-lhe olhando-o com desprezo. — você se aproveitou de mim.

— Eu diria que foi ao contrário.

— Não sabia o que estava fazendo.

— Pois me pareceu que sim sabia... e muito bem — afirmou ele, com um sorriso nos lábios que destroçou Hillary.

— Não lembro... Não me lembro de nada...

— Fique calma, Hillary... — disse ele ao ver que ela começava a soluçar. — Não há nada que recordar.

— O que quer dizer? — perguntou Hillary enquanto secava os olhos com o dorso da mão.

— Quero dizer que não a toquei. Deixei-a pura e imaculada sobre seu virginal

leito e dormi em seu sofá, que, por certo, é muito incômodo...

— Você não... Nós não...

— Não — assegurou ele enquanto vertia um pouco de água quente em uma xícara.

A primeira sensação que Hillary sentiu foi de alívio, embora se transformasse rapidamente em irritação.

— Por que não? Qual foi o problema?

Bret se voltou para olhá-la. Estava completamente atônito. Então, lançou uma sonora gargalhada.

— Oh, Hillary... É a contradição personificada! Há um minuto estava desesperada porque acreditava que eu tinha roubado sua honra e agora se sente insultada porque não o fiz.

— Não acho nenhuma graça — replicou ela. — Fez-me acreditar deliberadamente que...

— Que nos deitamos juntos — a interrompeu Bret. — E você merecia isso. Deixou-me louco do elevador até o dormitório — acrescentou. Ao ver que ela se ruborizava, sorriu. — Vejo que disso você se lembra. Pois se lembre também disto. A maioria dos homens não deixariam uma mulher como você para ir dormir no sofá, assim tome cuidado com o ponche de frutas que tomará por diante.

— Não vou voltar a beber enquanto viver — jurou Hillary. — Nem sequer vou voltar a olhar uma fruta.

— Preciso de um chá ou um pouco desse horrível café... Algo — acrescentou enquanto se esfregava os olhos.

O timbre da porta ecoou no interior de sua cabeça. Hillary fez um gesto de dor e amaldiçoou de um jeito que não era de costume.

— Prepararei um chá — sugeriu Bret, sorrindo ao ver o modo que ela procurava obscenidades para poder dizer. — Vá abrir a porta.

Quande Hillary abriu, encontrou-se com a figura de Charlene em pé na soleira. Ela a olhou de cima abaixo, com um olhar de desprezo ao ver sua esfarrapada aparência.

— Entra — lhe disse Hillary. Então, fechou a porta com força, o que só acrescentou mais angustia a dor de cabeça que sentia.

— Disseram-me que ontem à noite fez um papel ridículo.

— Vejo que as boas notícias viajam muito rápidas... Alegra-me ver que está tão preocupada comigo.

— Você não me preocupa — disse ela. — Bret, entretanto, sim. Parece ter por costume se jogar para ele e eu não tenho intenção de deixar que essa atitude continue.

Hillary decidiu que aquilo era muito para alguém em seu estado. Apesar de sua irritação fingiu um bocejo e assumiu uma expressão aborrecida.

— Isso é tudo?

— Se acredita que vou permitir que alguém tão insignificante quanto você arruíne a reputação do homem com o qual vou me casar, está muito equivocada.

Durante um instante, a ira ficou em segundo plano pela dor que lhe provocaram aquelas palavras. O esforço que lhe custou manter o rosto impassível fez que a cabeça latejasse com maior intensidade.

— Dou-lhe os parabéns, embora a Bret, darei o pêsames.

— Acabarei com sua vida — jurou Charlene. Encarregarei-me de que ninguém volte a fotografar seu rosto.

— Olá Charlene — disse Bret em tom casual enquanto se aproximava da porta. Ao menos já tinha vestido a camisa.

A ruiva girou e olhou a ele primeiro, logo se fixou em, sua carteira, que estava sobre o respaldo do sofá.

— O que... o que está fazendo aqui?

— Eu diria que é bastante evidente — respondeu ele, depois de sentar-se no sofá e começar a por os sapatos. — Se não queria sabê-lo, não deveria ter me vigiado.

“Está-me usando. Está-me usando outra vez para fazer que ela fique com ciúmes”, pensou Hillary.

Naquele momento, Charlene se voltou de novo para ela, com a respiração muito agitada.

— Não conseguirá prendê-lo! — espetou-lhe. —Cansará de você em menos de uma semana! Retornará muito em breve para mim!

— Genial — replicou Hillary. — Por mim pode ficar com ele. Eu já tive bastante dos dois Por que não saem agora? Em seguida! — exclamou, fazendo exagerados gestos para a porta. — Fora, fora, fora!

— Um momento — lhe disse Bret. Estava fechando o último botão da camisa.

— Você se mantenha fora disto — replicou Hillary. — Estou farta de você, Charlene, mas não tenho vontade de brigar com você neste momento. Se quer retornar mais tarde, pode fazê-lo.

— Não vejo razão alguma para voltar a falar com você — anunciou Charlene. — Você não é nenhum problema para mim. Depois de tudo, o que poderia ver Bret em uma prostituta como você?

— Prostituta — repetiu Hillary, com uma voz que não soava nada bem. — Prostituta você disse? — reiterou avançando contra Charlene.

— Espera, Hillary — lhe advertiu Bret agarrando-a pela cintura. — Se acalme.

— É uma pequena selvagem, não é verdade? — prosseguiu Charlene.

— Selvagem? Agora mesmo vou ensiná-la o significado da palavra selvagem — replicou Hillary enquanto tentava se soltar de Bret.

— Cale-se, Charlene — lhe ordenou Bret.

Apesar de suas ameaças, manteve Hillary pressa até que ela se tranquilizou um pouco.

— Solte-me. Não vou tocá-la — prometeu por fim. — Só tira ela de minha casa. E você vai embora também! — gritou para Bret. — Já tive mais que suficiente dos dois. Não penso em deixar que me usem deste modo. Se quiser fazer ciúmes nela, busque outra pessoa que o ajude nisso. Quero-o fora... fora de minha vida, fora de meus pensamentos. Não quero voltar a ver nenhum dos dois — concluiu, com as faces cheias de lágrimas.

— Você tem que me escutar — disse Bret. Então, agarrou-a pelos ombros com firmeza e a sacudiu com força.

— Não — replicou ela. Então, separou-se dele. — Estou farta de escutar. Farta. terminou... Compreende? Fora daqui e leve a sua amiga com você. Deixem-me em paz.

Bret recolheu sua carteira. Então, observou durante um momento a face vermelhae os olhos cheios de lágrimas de Hillary.

— Muito bem — disse ele. — Vou dar um tempo para você se acalmar e depois volto. Ainda não terminamos o nosso assunto.

Através de muitas lágrimas, Hillary ficou contemplando a porta depois que Bret a tinha fechado a suas costas. Decidiu que ele poderia retornar se quisesse, mas que ela não estaria esperando-o.

Dirigiu-se correndo a seu dormitório, tirou as malas e começou a colocar a roupa sem cuidado algum. ”Já tive o bastante!”, pensou. ”Estou farta de Nova Iorque, de Charlene Maçom e especialmente de Bret Bardoff! Vou para a minha casa”.

Muito pouco tempo depois, batia na porta: da casa de Lisa. O sorriso de sua amiga se gelou no rosto quando viu o estado no que se encontrava Hillary.

— Que diabos... ? — começou a dizer, mas Hillary lhe impediu que seguisse falando.

— Não tenho tempo de lhe explicar isso, mas estou indo embora de Nova Iorque. Aqui tem minha chave — disse, dando-lhe a Lisa. — Há comida na geladeira e nos armários. Fique com tudo o que você goste. Não vou voltar...

— Mas Hillary...

— Me encarregarei de tudo mais tarde com os móveis e o contrato de aluguel. Vou escrever e lhe explicarei isso tudo logo que possa.

— Mas Hillary, aonde vai? — perguntou Lisa quando Hillary já dera a volta

para partir.

— Para minha casa — respondeu ela sem olhar atrás. — À casa da qual nunca devia ter saído.

***

Apesar da inesperada chegada de Hillary surpreender seus pais, não lhe fizeram perguntas nem quiseram explicação alguma. Muito em breve, ela se habituou à rotina dos dias na granja. Quase sem que se desse conta, passou uma semana.

Durante aquele tempo, Hillary tomou por costume passar muitos momentos a sós na varanda da granja. As horas entre o anoitecer e o momento de ir para cama eram as melhores. Era o momento que separava as ocupadas horas do dia das horas de reflexão da noite.

O balanço do alpendre rangeu brandamente, turvando assim a tranquilidade da tarde. Observou o suave avanço da lua pelo céu noturno e desfrutou do aroma do charuto de seu pai quando ele se sentou a seu lado.

— É hora de conversar, Hillary — disse enquanto lhe rodeava os ombros com um braço. — por que retornou tão de repente?

Ela suspirou profundamente e apoiou a cabeça contra a dele.

— Por muitas razões, principalmente porque estava cansada.

— Cansada?

— Sim, cansada de que me fotografassem, cansada de ver meu próprio rosto, cansada de ter que tirar atitudes e expressões do chapéu como se fosse um mago de segunda categoria, cansada do ruído, cansada das multidões... Simplesmente cansada.

— Acreditávamos que tinha o que desejava.

— Estava errada. Não era o que eu desejava. Não era a única coisa que queria — comentou Hillary. Ficou de pé e se aproximou do corrimão do alpendre para observar mais de perto a noite. — Agora, não sei se consegui algo.

— Conseguiu muitas coisas. Trabalhou muito duro e conquistou uma carreira brilhante, você deve se sentir muito orgulhosa. Todos nos sentimos orgulhosos de você.

— Sei que tive que trabalhar muito para conseguir o que tenho. Sei que era boa em minha profissão... Quando parti de casa — disse, enquanto se sentava sobre o corrimão, — queria ver até onde podia chegar sozinha. Sabia exatamente o que queria e aonde me dirigia. Tudo estava catalogado em pequenas categorias. Primeiro A, logo B e assim sucessivamente. Agora, consegui algo que a maioria das mulheres em minha posição dariam algo por ter, mas eu não o quero. Pensei

que o queria, mas agora, quando a única coisa que tenho que fazer é estender a mão e tomá-lo, não o quero. Estou cansada de fazer carase bocas.

— Muito bem. Nesse caso, é hora de deter-se, mas me parece que há algo mais que provocou sua decisão de voltar para casa. Há algum homem comprometido em tudo isto?

— Está tudo terminado — disse Hillary encolhendo os ombros. — Não estava a meu alcance.

— Hillary Baxter, me envergonhode ouvi-la falar assim.

— Eu sei. Eu nunca me encaixei em seu mundo. É rico e sofisticado e eu não fazia mais que esquecer do glamour para fazer as coisas mais ridículas. Acredita que ainda continuo chamando os táxis com um assobio? As pessoas não podem esconder o que são... apesar de tudo continuo sendo a mesma. Além disso, na realidade nunca houve nada entre nós... ao menos não de sua parte.

— Nesse caso, não deve ser um homem muito inteligente — comentou seu pai, dando um trago em seu charuto.

— Algumas pessoas poderiam dizer que não tenho juízo — disse ela enquanto abraçava com força a seu progenitor. — Eu só precisava retornar a casa. Agora ficarei bem. Além disso, como amanhã vem o resto da família, temos muito que fazer.

***

O ar era puro e doce quando Hillary montou sobre seu cavalo na primeira hora da manhã para ir dar um passeio. Sentia-se leve e livre. O vento lhe alvoroçava o cabelo e o separava do rosto como se fosse um espesso tapete negro. Ao sentir a alegria da brisa e da velocidade, esqueceu-se do tempo e da dor e desprezou por fim seu sentimento de fracasso. Então, se deteve e contemplou a ampla extensão dos campos de trigo.

Pareciam estender-se até a eternidade. Era como um oceano dourado que balançava sob um céu de um azul impossível. Em algum lugar, uma cotovia pareceu anunciar a chegada da vida. Hillary suspirou de felicidade. Levantou o rosto e desfrutou das suaves carícias do sol sobre a pele, do aroma da terra voltando para a vida depois do descanso invernal.

Aquilo era Kansas na primavera... Todas as cores eram tão reais, tão vivas... O ar era tão fresco e tão cheio de paz. ”por que decidi partir daqui? O que estava procurando?”, pensou. Fechou os olhos e respirou profundamente. ”Estava procura de Hillary Baxter e, agora que a encontrei, não sei o que fazer com ela...”.

— Agora o que preciso é de tempo, Cochise — disse a seu companheiro de

quatro patas. Então, inclinou-se sobre o animal para lhe acariciar o forte pescoço. — Só necessito de um pouco de tempo para fazer que encaixem todas as peças de meus quebra-cabeças.

Fez com que o cavalo desse a volta e se dispôs a retornar para casa. Começou a cavalgar brandamente, feliz de haver sentido o ritmo da natureza e de ter contemplado aquela paisagem primaveril. Quando vislumbrou a granja, Cochise começou a mostrar-se intranquilo. Não deixava de dar coices o chão. Não queria retornar.

— Tranquilo, Cochise...

Fez com que o animal começasse a correr. O ar vibrava a seu redor, misturado com o som dos cascos sobre a terra. Hillary deixou que seu espírito voasse ao ritmo do galope de seu cavalo. Saltaram uma velha cerca de madeira, tocaram brandamente a terra e seguiram galopando contra o vento.

À medida que foram se aproximando da casa, Hillary entreabriu os olhos ao ver um homem apoiado sobre a cerca. Puxou as rédeas para que Cochise se detivesse imediatamente.

— Quieto — sussurrou.

Começou a acariciar brandamente o pescoço do animal e murmurou suaves palavras para acalmá-lo. Não deixava de olhar o homem. Parecia que nem a metade de um continente tinha sido suficientemente grande para poder escapar.

CAPÍTULO DEZ

Bret se separou da cerca e se dirigiu para ela.

— Bela atuação — disse. — Era impossível saber onde terminava o cavalo e onde começava a mulher.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Só passava por aqui... e pensei em lhe fazer uma visita — comentou ele enquanto acariciava o focinho do cavalo.

Hillary apertou os dentes e desmontou.

— Como soube onde me encontrar? — quis saber Hillary. Olhava-o muito fixamente, mas, de repente, desejou ter mantido a vantagem que lhe dava a altura do cavalo.

— Lisa me ouviu chamando a sua porta. Disse-me que tinha partido — disse ele. Falava de um modo ausente. Parecia muito mais interessado em acariciar ao cavalo que em dar explicações a ela. — É um cavalo muito bonito, Hillary — comentou, olhando por fim à mulher. Seus olhos cinzas observaram atentamente o cabelo penteado pelo vento e as avermelhadas bochechas. — E você sabe muito bem como montá-lo.

— Precisa refrescar-se um pouco e que o escove — replicou. Sentia-se bastante zangada pelo fato de que seu cavalo parecesse estar gostando tanto das suaves carícias daqueles largos dedos. Resolveu levar o cavalo ao estábulo.

— Ele tem nome? — quis saber Bret. Tinha começado a andar a seu lado.

— Chama-se Cochise — replicou com voz seca. Quase não pôde evitar dar com a porta do estábulo na cara dele quando ele entrou atrás dela.

— Pergunto-me se deste conta de que a cor deste animal, combina com você — comentou, enquanto se acomodava contra a porta do estábulo. Hillary começou a escovar ao animal com grande dedicação.

— Eu nunca escolheria um cavalo por uma razão tão pouco prática — repôs, sem afastar o olhar da pelagem do animal. Estava de costas a Bret.

— Quanto tempo faz que o tem?

— Criei-o quando era só um potro.

— Suponho que isso explica o porquê dos dois se encaixarem tão bem.

Bret começou a percorrer o estábulo enquanto ela terminava de polir ao cavalo. Enquanto suas mãos estavam ocupadas, sua mente não fazia mais que pensar em dúzias de questões que não tinha coragem de perguntar. O silêncio foi ficando cada vez mais intenso até que se sentiu incapaz de escapar dele. Por fim, quando foi impossível para ela prolongar por mais tempo os cuidados com o cavalo, dispôs-se a sair do estábulo.

— Por que fugiu? — perguntou-lhe Bret quando os dois saíam pela porta.

— Eu não fugi — replicou ela. Improvisou rapidamente. — Queria ter um pouco de tempo para pensar nas ofertas que tive... A esta altura de minha carreira não quero tomar uma decisão equivocada.

— Entendo.

Sem saber se a ironia que havia no tom da voz de Bret era real ou produto de sua própria imaginação, decidiu tentar desfazer-se dele.

— Tenho coisas que fazer. Minha mãe me espera na cozinha.

Entretanto, parecia que o destino estava contra ela. Naquele momento sua mãe abriu a porta traseira e se aproximou deles.

— Por que não mostra a Bret a granja, Hillary? Não preciso de você agora.

— Mas os bolos... — disse ela, tentando fazer sua mãe entender que se tratava de uma situação desesperada.

Não obstante, Sarah decidiu não prestar atenção alguma a sua silenciosa súplica e lhe sorriu docemente.

— Ainda temos muito tempo. Estou certa que Bret gostaria de percorrer a granja antes do jantar.

— Sua mãe foi muito amável e me convidou para ficar, Hillary — disse ele com um sorriso ao perceber o assombro com que Hillary olhava para sua mãe. — Ficarei encantado, Sarah.

Furiosa com o fato de falarem como se fossem velhos conhecidos, Hillary deu a volta e murmurou sem entusiasmo algum:

— Muito bem. Vamos.

A pouca distância se deteve e o olhou com um açucarado sorriso.

— Bom, Bret — lhe disse com certa ironia, — o que você gostaria de ver primeiro, o curral das galinhas ou os porcos?

— Decida você — respondeu ele, sem deixar que o sarcasmo com o que lhe tinha falado lhe afetasse de alguma maneira.

Com o cenho franzido, Hillary se dispôs a mostrar-lhe tudo.

Em vez de parecer tão aborrecido como ela tinha esperado, Bret se mostrou muito interessado por todas as tarefas da granja, da horta de sua mãe até a gigantesca maquinaria de seu pai.

De repente, pôs uma mão sobre seu ombro para que se detivesse e olhou os campos de trigo.

— Já compreendo ao que se referia, Hillary — murmurou. — São magníficos. É como um oceano dourado.

Ela não respondeu.

Bret girou a cabeça e antes que Hillary pudesse protestar, agarrou-lhe a mão.

— Alguma vez viu um tornado?

— Não se vive no Kansas durante vinte anos sem ver um — replicou Hillary.

— Deve ser uma experiência fantástica.

— É — afirmou. — Lembro-me que, quando eu tinha uns sete anos, ficamos sabendo que um se aproximava. Todo mundo corria de um lugar para outro, protegendo os animais e preparando-se para o pior. Eu estava em meio a tudo aquilo... — sussurrou. Deteve-se durante um instante. Então, olhou ao horizonte como se isso a ajudasse a reunir suas lembranças. — ...Eu o vi aproximar-se. Era como um enorme funil negro, que se aproximava cada vez mais. Tudo estava tão tranquilo, mas se podia sentir como o ar ia levantando-se pouco a pouco. Eu me sentia completamente fascinada. Meu pai saiu para me pegar. Colocou-me sobre seu ombro e me levou para o porão da casa. Tudo transbordava placidez. Parecia o final do mundo. Então, escutou-se um som muito forte, como se centenas de aviões estivessem atravessando o céu por cima de nossas cabeças.

Bret sorriu. Imediatamente, Hillary experimentou o já habitual impacto em seu coração.

— Hillary — sussurrou. Então, levou docemente a mão da jovem aos lábios. — É tão doce que parece incrível...

Ela voltou de novo a andar e, estrategicamente, meteu as mãos nos bolsos. Em silêncio, rodearam a granja enquanto Hillary tratava de encontrar a coragem necessária para lhe perguntar a razão de sua visita.

— Você... Tem negócios em Kansas?

— Pode-se dizer assim — respondeu ele. Sua resposta não foi muito esclarecedora, por isso Hillary tentou dar um tom casual para o que tinha falado.

— Por que não enviou um de seus empregados para que se ocupasse dos afazeres que o trouxeram até aqui?

— Há certas coisas que prefiro me ocupar pessoalmente — respondeu ele, com um zombador sorriso nos lábios, que, evidentemente, tinha a intenção de zangá-la. Hillary encolheu os ombros como se aquela conversa lhe fosse completamente indiferente.

Os pais de Hillary pareceram sentir uma simpatia imediata por Bret. Hillary se incomodou que ele se encaixasse em seu mundo quase sem fazer esforço. Estava sentado ao lado de seu pai. Os dois conversavam como se fossem velhos amigos. Os numerosos membros da família poderiam ter intimidado uma outra pessoa, mas Bret parecia estar em seu mundo. Em apenas trinta minutos, tinha encantado por completo às duas cunhadas de Hillary, ganhou o respeito de seus dois irmãos e inclusive a adoração de seus sobrinhos. Depois de murmurar algo sobre bolos, Hillary se retirou para a cozinha.

Poucos minutos mais tarde escutou:

— Que domesticidade!

Virou o corpo para ver Bret a poucos centímetros dela.

— Tem farinha no nariz — acrescentou ele. A limpou com o dedo sem que ela pudesse evitar, mas Hillary se afastou bruscamente dele para continuar trabalhando com o pau de macarrão. — Pasteizinhos, não? De que sabor?

Apoiou-se sobre a mesa da cozinha, como se estivesse em sua casa.

— De merengue de limão — replicou ela, sem lhe dar motivo algum para iniciar uma conversa.

— Ah, eu sou bastante parcial com o merengue de limão. É ácido e doce ao mesmo tempo — comentou, com um sorriso nos lábios. — Na verdade me lembra você — acrescentou. Hillary lhe lançou um olhar de desdém que não pareceu afetá-lo absolutamente. — O faz muito bem — comentou enquanto ela amassava a massa.

— Trabalho muito melhor sozinha.

— Onde está essa famosa hospitalidade das pessoas do campo que tanto ouvi falar?

— Conseguiu que lhe convidem para jantar, não foi? — replicou enquanto passava o pau de macarrão sobre a massa com tanta força como se fosse seu inimigo. — Por que veio? Acaso queria ver como era a granja de meus pais? Queria brincar com minha família para depois dar umas boas risadas com Charlene quando retornar a Nova Iorque?

— Basta — afirmou Bret. Aproximou-se dela e a agarrou pelos ombros. — Acaso tem tão pouca estima a sua família que é capaz de dizer isso?

A expressão que se refletiu no rosto de Hillary passou de ira para logo transmitir um profundo gesto de assombro. Ao ver sua reação, Bret reduziu a força com a que a estava segurando.

— Esta granja é impressionante — prosseguiu ele,— e sua família é um grupo de pessoas encantadoras, afetuosas e autênticas. Na realidade, já estou meio apaixonado por sua mãe.

— Sinto. — murmurou ela antes de retomar o que estava fazendo. — Foi uma estupidez o que eu disse.

Bret meteu as mãos nos bolsos dos jeans que usava e se aproximou da porta traseira.

— Parece que é a temporada do beisebol.

Saiu da cozinha.

Cheia de curiosidade, Hillary se aproximou da janela e ficou ali olhando para fora. Então, viu que Bret acabava de pegar uma luva que alguém tinha arrumado e que era recebido com um sincero entusiasmo por parte de vários membros da família. A suave brisa da tarde se encarregou de lhe transmitir os gritos de alegria e as risadas que se produziram a seguir. Deu a volta e se dispôs a

continuar com sua tarefa.

Naquele momento, sua mãe entrou na cozinha. Hillary se limitou a responder os comentários que ela fazia com murmúrios ocasionais. Incomodava-a a atividade que acontecia do lado de fora da casa.

— É melhor os chamarmos para que se lavem — comentou Sarah, interrompendo assim os pensamentos de Hillary.

Automaticamente, ela se dirigiu à porta. Abriu-a e lançou um agudo assobio. Então, muito envergonhada, tirou os dedos da boca e se amaldiçoou uma vez mais por ter feito um papel ridículo diante de Bret. Furiosa, voltou a entrar na cozinha e fechou a porta com um golpe seco.

Durante o jantar, teve que se sentar ao lado de Bret. Decidiu ignorar por completo as voltas que seu estômago dava e se entregou ao caos familiar. Não desejava que nem sua família nem ele notassem que estava incomodada com algo.

Enquanto todos se dirigiam para a sala, Hillary viu que Bret ficava conversando mais uma vez com seu pai, por isso decidiu dar atenção a seu sobrinho e brincar com os caminhões do pequeno sobre o chão. O outro menino se aproximou de Bret e sentou no seu colo. Atônita, ela observou como fazia o menino saltar sobre seus joelhos.

— Mora em Nova Iorque com a tia Hillary? — perguntou-lhe o menino de repente. Ao escutar aquelas palavras, o caminhão que Hillary tinha na mão caiu no chão sem que ela pudesse evitar.

— Não exatamente — respondeu ele. Ao ver que Hillary estava ruborizando, sorriu, — mas vivo em Nova Iorque.

— A tia Hillary vai me levar no alto do Empire State Building — anunciou o pequeno com grande orgulho. — Vou cuspir de um milhão de metros de altura. Você pode vir conosco se quiser — acrescentou, com a típica ingenuidade infantil.

— Não me ocorre nada melhor que fazer — comentou Bret enquanto acariciava brandamente o cabelo do pequeno. — Terá que me chamar para me dizer quando vão.

— Não podemos ir num dia que faça vento — explicou o menino com a sabedoria de uma pessoinha de seis anos. — A tia Hillary diz que se cuspir com vento, quem acaba com a cara molhada é você.

As risadas ressoaram por todo o salão. Hillary levantou e pegou o sobrinho nos braços dirigindo-se para a cozinha.

— Acredito que sobrou um pedaço de bolo. Vamos alimentar essa boca grande...

A luz era tênue e suave, tons das cores do entardecer, quando os irmãos de Hillary e suas famílias partiram. O céu pareceu começar a sangrar enquanto o sol se punha no horizonte. Ela permaneceu sozinha no alpendre durante um momento, observando como o crepúsculo ia se transformando em uma completa escuridão. As primeiras estrelas começaram a titilar enquanto os cantos dos grilos rompiam o silêncio da noite.

Quando retornou para o interior da casa, esta parecia estar muito vazia. Só o tic-tac contínuo do relógio evitava a calma total. Sentou-se em uma poltrona e observou o progresso da partida de xadrez que Bret estava jogando com seu pai. Apesar de tudo, viu-se hipnotizada pelos suaves movimentos dos grandes dedos dele quando agarrava cada uma das peças.

— Cheque mate.

Tão completa tinha sido sua abstração que se sobressaltou ao escutar a voz de Bret.

Tom franziu o cenho e olhou o tabuleiro durante alguns instantes. Então, acariciou seu queixo.

— Que me crucifiquem, mas é certo — afirmou, com um sorriso, enquanto acendia seu charuto. — Sabe jogar muito bem xadrez, filho. Gostei muito da companhia.

— Eu também — comentou Bret. Recostou-se em seu assento e acendeu também um cigarro. — Espero que possamos jogar frequentemente. Deveríamos ter muitas oportunidades, dado que tenho a intenção de me casar com sua filha.

Anunciou suas intenções de maneira casual. Quando Hillary assimilou as palavras, ficou boquiaberta, mas não pôde emitir som algum.

— Como é a cabeça da família — prosseguiu Bret, sem sequer olhá-la, — devo lhe assegurar que, economicamente, Hillary não passará necessidade alguma. É obvio, depende dela se quer prosseguir ou não com sua profissão, mas só terá que trabalhar se assim o desejar.

Tom deu uma tragada em seu charuto e assentiu.

— Pensei muito cuidadosamente — continuou Bret com voz muito séria. Seu pai o olhava com idêntica atitude. — Chega um momento em que um homem precisa ter uma esposa e filhos. Hillary é a mulher que estive procurando. Sem dúvida é muito bonita e, que homem não gosta da beleza? Também é muito inteligente, forte e, aparentemente, gosta de crianças. Está um pouco magra — acrescentou, como se realmente aquilo fosse algo contra ela. Tom, que tinha estado assentindo a todas as palavras que definiam as virtudes de Hillary, pareceu desculpar-se com o olhar.

— Nunca conseguimos que engordasse um pouco.

— Também tem a questão de seu mau gênio — prosseguiu Bret, como se

estivesse analisando os prós e os contras, — mas eu gosto que uma mulher tenha espírito.

Hillary ficou de pé. Sentia-se furiosa e, durante vários segundos, não tinha podido nem sequer formar uma frase coerente.

— Como se atreve? — replicou. — Como se atreve ficar ai sentado e falar de mim como se eu fosse uma égua reprodutora! E você — acrescentou, referindo-se a seu pai, — você se deixa levar como se estivesse tentando vender o pior dos animais de uma isca de peixe. Meu próprio pai...

— Mencionei o mau gênio que tem, não é? — perguntou Bret. Tom assentiu.

— É um arrogante, presunçoso e um filho da...

— Cuidado, Hillary — advertiu Bret. Apagou seu cigarro e levantou as sobrancelhas. Se disser o que não deve lavam sua boca com sabão.

— Se acredita por um minuto que vou me casar com você, está muito equivocado! Não me casaria com você nem que lhe servissem diante de mim sobre uma bandeja de prata! Volte a Nova Iorque e... e se dedique a suas revistas — rugiu.

Rapidamente saiu da casa.

Depois que ela partiu, Bret se voltou para olhar Sarah.

— Estou certo que Hillary quererá casar-se aqui. Os amigos de Nova Iorque podem vir facilmente de avião, mas, dado que toda a família de Hillary vive aqui, talvez deveria deixar que você se ocupasse de organizar tudo.

— Muito bem, Bret. Já tinha pensado em uma data?

— O próximo fim de semana.

Sarah abriu os olhos de par em par e, durante um momento, pareceu pensar no fragor da organização de um casamento. Então, com muita tranquilidade, retomou seu trabalho na cozinha.

— Deixe-me isso. — Bret se levantou e dedicou um sorriso a Tom.

— Acredito que já se tranquilizou um pouco. Irei procura-la.

— Vá até o estábulo — lhe informou Tom. — Sempre se escondia ali quando estava de mau gênio.

Bret assentiu e partiu da casa.

— Bom, Sarah — disse Tom a sua esposa. — Parece que nossa Hillary encontrou sua metade da laranja.

O estábulo estava quase na penumbra. Hillary vagava entre as sombras, furiosa tanto com Bret como com seu pai. ”Aqueles dois! Surpreende-me que Bret não tenha pedido que meu pai lhe permitisse examinar meus dentes!”.

Quando escutou que a porta do estábulo se abria, deu a volta e se encontrou com Bret.

— Olá, Hillary. Está disposta a fazer os planos de casamento?

— Eu nunca estarei disposta para falar de nada com você! — rugiu. Sua zangada voz ecoou por todo o estábulo.

Bret sorriu sem preocupar-se absolutamente com a rebeldia que se refletia no rosto de Hillary. A falta de reação dele a irritou ainda mais e começou a gritar e bater o pé no chão com raiva.

— Nunca me casarei com você! Nunca! Nunca! Nunca! Prefiro me casar com um qualquer com três cabeças e verrugas por toda parte.

— Entretanto, você vai se casar comigo, Hillary — replicou ele, muito seguro de si mesmo. — Mesmo que eu tenha que a levar esperneando e gritando até o altar vai se casar comigo.

— Já disse que não o farei — afirmou ela. Não pode me obrigar.

Bret lhe agarrou os braços e a obrigou a ficar quieta. Então, olhou-a com lacônica arrogância.

— Não? — perguntou-lhe. Então, estreitou-a entre seus braços e a beijou.

— Solte-me! — rugiu ela afastando-se dele. — Solte meu o braço!

— Claro.

Tal e como lhe tinha pedido, soltou-a. O impulso da força que ela estava fazendo a fez cair de costas sobre um montão de feno.

— É um... besta! — exclamou. Tentou levantar, mas o corpo de Bret caiu sobre ela e a imobilizou por completo sobre o feno.

— Eu só fiz o que me disse para fazer. Além disso, sempre gostei mais da posição horizontal — comentou ele com um sorriso.

Hillary tentou fazer com que se levantasse, mas, quando viu que não pôde, afastou o rosto no momento em que ele começou a baixar a boca. Bret teve que se contentar com a suave pele do pescoço da jovem.

— Não pode fazer isto — disse ela. Sua resistência ia perdendo força à medida que os lábios de Bret encontravam novas zonas para explorar.

— Claro que posso...

Por fim encontrou os lábios de Hillary. Lenta e profundamente, beijou-a de um modo que aturdiu por completo os sentidos da jovem. Sem que pudesse evitar, suavizou os lábios e os separou. Justo quando acabava de lhe rodear o pescoço com os braços, Bret se afastou e começou a esfregar o nariz.

— Canalha! — sussurrou ela. Então, agarrou ele até que conseguiu que seus lábios voltassem a fundir-se.

— Vai casar comigo agora? — perguntou com um sorriso.

— Não posso pensar — murmurou ela com os olhos fechados. — Nem sequer posso pensar quando me beija...

— Não quero que pense — replicou ele. Começou a lhe desabotoar os botões da camisa. — Só quero que diga que sim — insistiu. Naquele momento, cobriu-

lhe um seio com a mão e começou a acariciá-lo muito brandamente. — Diga-o, Hillary — lhe ordenou enquanto lhe beijava a garganta, tratando de encontrar seu ponto fraco. — Diga e lhe darei tempo para pensar.

— Muito bem — gemeu ela. — Você ganhou. Casarei com você.

— Bem...

Bret voltou a unir seus lábios com os dela e lhe deu um breve beijo. Hillary tratou de superar a bruma que lhe estava nublando os sentidos e tentou escapar.

— Você jogou sujo...

Ele encolheu os ombros. Não era nenhum esforço tê-la absolutamente imóvel sob seu corpo.

— Tudo vale no amor e na guerra, meu amor — afirmou ele enquanto a olhava com infinita ternura. — Amo você, Hillary. Ocupa todos os espaços de meu pensamento. Não posso me desfazer de você. Amo cada centímetro de seu formoso e amalucado corpo — acrescentou. Então, voltou a beijá-la e fez com que Hillary sentisse que o mundo lhe escapava um pouco mais de entre os dedos.

— Oh, Bret... — sussurrou ela. Começou a lhe beijar o rosto com selvagem abandono. — Amo-te tanto... Amo-te tanto que não posso suportar. Durante todo este tempo pensei... Quando Charlene me disse que tinha estado com ela àquela noite nas montanhas, eu...

— Espera um momento — lhe pediu Bret enquanto lhe emoldurava o rosto entre as mãos. — Quero que me escute. Em primeiro lugar, o que houve entre Charlene e eu terminou antes de nos conhecermos, mas ela nunca quis admitir. Desde que eu a conheci, não pude pensar em nenhuma outra mulher. Inclusive estava apaixonado por você muito antes disso.

— Como?

— Por suas fotos... Seu rosto me perseguia por toda parte.

— Nunca pensei que fosse me levar a sério — murmurou ela ao mesmo tempo que corria os dedos entre seus cabelos espessos.

— A princípio pensei que só era algo físico. Sabia que a desejava como nunca tinha desejado outra mulher. Aquela noite em seu apartamento, quando descobri que era virgem, fiquei completamente atônito — admitiu. Então, sacudiu a cabeça como se ainda lhe surpreendesse e enterrou o rosto na abundante cabeleira de Hillary. — Não demorei muito tempo em me dar conta de que o que sentia por você era muito mais que uma necessidade física.

— Entretanto, nunca mostrou que fosse mais que isso.

— Parecia tão tímida nas relações sentimentais... O pânico se apoderava de você cada vez que eu me aproximava. Precisava de tempo e eu tentei de lhe dar isso. Esperar em Nova Iorque foi muito difícil — explicou, — mas aquele dia em minha cabana, perdi completamente o controle. Se Larry e June não tivessem

chegado como fizeram, tudo seria muito diferente. Quando me disse que estava farta de que lhe usasse, estive a ponto de me afundar...

— Bret, sinto muito. Não queria fazê-lo, mas pensava que...

— Sei o que pensava — interrompeu ele. — Só lamento por não sabê-lo antes. Não sabia o que Charlene havia dito. Então, comecei a pensar que só lhe interessava sua profissão, que não tinha lugar em sua vida para nada nem ninguém mais. Aquele dia em meu escritório, mostrou-se tão fria e distante enquanto me descrevia o que pensava fazer que senti vontade de morrer.

— Era tudo mentira — sussurrou lhe acariciando brandamente a bochecha. — Nunca desejei nada daquilo. Só você.

— Quando June me disse por fim o que tinha ocorrido com Charlene na cabana, lembrei de sua reação e comecei a atar os cabos soltos. Fui à festa do Bud para lhe buscar. Queria falar tudo para você, mas, quando cheguei ali, você não estava em condições de escutar declarações de amor. Não sei como consegui me manter afastado de sua cama aquela noite. Parecia tão suave e estava tão bonita... e tão bêbada! Esteve a ponto de me fazer perder o controle.

Bret baixou a cabeça e a beijou. Pouco a pouco, sua boca foi conquistando-a. Com as mãos começou a moldar as curvas de seu corpo com urgente necessidade. Hillary se agarrou a ele e se deixou levar por seu desejo.

— Deus Santo, Hillary, não podemos esperar muito mais...

Separou-se dela e se colocou de costas sobre o feno. Entretanto, ela o seguiu e o beijou apaixonadamente. Bret tratou de afastá-la de si e respirou profundamente.

— Não acredito que seu pai teria muito boa impressão de mim se soubesse que estou possuindo sua filha sobre um montão de feno em seu próprio estábulo.

Voltou a colocá-la onde tinha estado antes e a abraçou com força. Hillary se agarrou contra ele e apoiou a cabeça, sobre seu ombro.

— Não posso lhe dar o que deseja, Hillary — sussurrou. Alarmada, ela levantou a cabeça para olhá-lo. — Não podemos viver em Kansas, ao menos no momento. Tenho obrigações em Nova Iorque das que não posso me ocupar daqui.

— Oh, Bret — comentou ela, mais tranquila e completamente feliz. Ele a estreitou contra seu corpo e prosseguiu falando.

— Existe a possibilidade da região que está ao norte de Nova Iorque ou de Connecticut. Ali há muitos lugares que não seriam muito difíceisde ir e voltar de Nova Iorque. Assim, você poderia ter sua casa no campo se isso for o que deseja. Um jardim, cavalos, galinhas e meia dúzia de meninos. Retornaremos aqui com tanta frequência quanto possível e podemos ir à cabana a passar os fins de semana sozinhos — sussurrou. Olhou-a e se sentiu muito alarmado ao ver que

Hillary estava chorando. — Meu amor, não chore. Não quero que fique triste. Sei que esta granja é seu lar...

Bret começou a lhe secar muito docemente as lágrimas que caíam pela face.

— OH, Bret, amo você... — afirmou. — Não estou triste. Estou muito mais feliz do que nunca poderia imaginar. Acaso não compreende que não importa onde estejamos? Seja qual for o lugar que esteja com você, esse será meu lar.

Bret a afastou um pouco de seu lado e a olhou muito seriamente.

— Tem certeza, amor?

Hillary sorriu e levantou os lábios para que fossem seus beijos os que se encarregassem de lhe responder.

FIM

Table of Contents

A Imagem Do Amor